



Aos dezasseis dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e dois, realizou-se, pelas dezasseis horas e quarenta e nove minutos, na Sala de Sessões dos Paços do Concelho, uma reunião ordinária da Câmara Municipal de Setúbal.

Esta reunião foi presidida pelo Sr. Presidente da Câmara, André Valente Martins (CDU), e na mesma estiveram presentes a Sra. Vice-Presidente Carla Alexandra Potrica Guerreiro (CDU) e os Srs. Vereadores Fernando Miguel Catarino José (PS), Carlos Alberto Mendonça Rabaçal (CDU), Vítor Manuel Ramalho Ferreira (PS), Patrícia Alexandra das Dores Paz Rodrigues (PS), Pedro Sérgio Fernandes Pina (CDU), Joel Alexandre Neves Marques (PS) e Ana Rita da Costa Pinheiro de Carvalho (CDU).

O Sr. Vereador Paulo Sérgio Rosa Mateus Calado (PPD/PSD) esteve presente em substituição da Sra. Vereadora Sónia Isabel Leal Maurício Martins (PPD/PSD), ficando o pedido de substituição e o documento de verificação da identidade e legitimidade do membro substituto arquivados em pasta anexa à presente ata, sob os registos n.ºs 1 e 2.

Faltou o Sr. Vereador Fernando Mimoso Negrão (PPD/PSD).

Secretariou a reunião o Diretor do Departamento de Administração Geral e Finanças, Paulo Jorge Simões Hortênsio, de acordo com n.º 3 do Artigo 24.º do Regulamento da Organização de Serviços em vigor.

A Ordem de Trabalhos da reunião foi entregue a todos os membros, nos termos do n.º 2 do Artigo 25.º do Código do Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 04/2015, de 07 de janeiro, e consta em pasta anexa à presente ata, sob o registo n.º 3.

Ordem de Trabalhos

- A) Período de Antes da Ordem do Dia**
 - 1. Informações à Câmara (eventual apresentação)**
 - 2. Assuntos diversos de interesse para a autarquia**
- B) Período da Ordem do Dia**
 - 1. Deliberação n.º 3776/2022 – Proposta n.º 34/2022 – GAP – Autorização para financiamento bancário de curto prazo dos Serviços Municipalizados de Setúbal para 2023**
 - 2. Deliberação n.º 3777/2022 – Proposta n.º 35/2022 – GAP – 10.ª Alteração ao Regulamento da Organização dos Serviços Municipais**
 - 3. Deliberação n.º 3778/2022 – Proposta n.º 36/2022 – GAP – Orçamento e Plano Plurianual de Investimentos dos Serviços Municipalizados de Setúbal 2022**
 - 4. Deliberação n.º 3779/2022 – Proposta n.º 37/2022 – GAP – Mapas de Pessoal dos Serviços Municipalizados de Setúbal 2022**
 - 5. Deliberação n.º 3780/2022 – Proposta n.º 03/2022 – SMPCB – Adesão do Município à Associação “Plataforma de Setúbal para o Risco, Segurança e Cidadania”**
 - 6. Deliberação n.º 3781/2022 – Proposta n.º 04/2022 – SMPCB – Proposta de Celebração de Protocolo de Colaboração com o INOV – Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores Inovação.**
 - 7. Deliberação n.º 3782/2022 – Proposta n.º 05/2022 – CBSS – Aceitação de doação ao Município, efetuada pela empresa “AICEP Global Parques”**

8. **Deliberação n.º 3783/2022 – Proposta n.º 2703/2022 – DAF/DICOR – Abertura do Procedimento de Contratação de Empréstimo de Curto Prazo 2023**
9. **Deliberação n.º 3784/2022 – Proposta n.º 2704/2022 – DAF/DICOR – Projeto Regulamento e Tabela de Taxas e outras Receitas do Município de Setúbal – 2023**
10. **Deliberação n.º 3785/2022 – Proposta n.º 2707/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Fernão Mendes Pinto, n.ºs 2 e 2A, tornejando para a Praceta Pêro Vaz de Caminha – 6.º C, em Setúbal**
11. **Deliberação n.º 3786/2022 – Proposta n.º 2708/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Camilo Castelo Branco, n.º 167 – 5.º Esq., em Setúbal**
12. **Deliberação n.º 3787/2022 – Proposta n.º 2709/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua João Pedro da Silva, n.ºs 5 e 7 – 4.º Dto., em Setúbal**
13. **Deliberação n.º 3788/2022 – Proposta n.º 2710/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Avenida Bento de Jesus Caraça, n.º 67 – 2.º Esq., em Setúbal**
14. **Deliberação n.º 3789/2022 – Proposta n.º 2711/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Minas da Borralha, n.º 1 - R/C D, em Setúbal**
15. **Deliberação n.º 3790/2022 – Proposta n.º 2712/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Largo dos Pescadores, n.º 3 – 3.º Dto., em Setúbal**
16. **Deliberação n.º 3791/2022 – Proposta n.º 2713/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Dr. António Manuel Gamito, n.ºs 9, 11, 13, 15 e 17 – 6.º Esq., em Setúbal**
17. **Deliberação n.º 3792/2022 – Proposta n.º 2714/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Praceta Dr. José Romão dos Santos Ferro, n.º 28 - R/C D, em Setúbal**
18. **Deliberação n.º 3793/2022 – Proposta n.º 2715/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Azinhaga dos Trabalhadores, n.ºs 1 a 7A - Bloco D, 1.º A, em Setúbal**
19. **Deliberação n.º 3794/2022 – Proposta n.º 2716/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Edmond, n.ºs 9 e 11 e Rua Braz Martins, n.ºs 10 e 12 - R/C, em Setúbal**
20. **Deliberação n.º 3795/2022 – Proposta n.º 2717/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Edmond, n.ºs 9 e 11 e Rua Braz Martins, n.ºs 10 e 12 – 1.º, em Setúbal**
21. **Deliberação n.º 3796/2022 – Proposta n.º 2718/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Estuário do Sado, n.ºs 3 e 3A - R/C Esq., em Setúbal**
22. **Deliberação n.º 3797/2022 – Proposta n.º 2719/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Avenida de Angola, n.ºs 29, 29A, 29B e 29C - C/V Esq., em Setúbal**
23. **Deliberação n.º 3798/2022 – Proposta n.º 2720/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Ana Gonçalves, n.º 1 – 4.º A, em Setúbal**
24. **Deliberação n.º 3799/2022 – Proposta n.º 2721/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Morgado de Setúbal, n.º 16, em Setúbal**
25. **Deliberação n.º 3800/2022 – Proposta n.º 2722/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**

- **Avenida Bento Gonçalves, n.ºs 30, 30A a 30D e Rua Camilo Castelo Branco, n.ºs 165, 165A a 165D - Loja n.º 2, em Setúbal**
- 26. **Deliberação n.º 3801/2022 – Proposta n.º 2723/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Rua António Carvalho Serra, n.º 5 – 3.º A, em Setúbal**
- 27. **Deliberação n.º 3802/2022 – Proposta n.º 2724/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Avenida Luísa Todi, n.ºs 378 e 380 e Rua 19 de Abril, n.ºs 13 e 15, em Setúbal**
- 28. **Deliberação n.º 3803/2022 – Proposta n.º 2725/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Rua Gregório Lopes, n.º 3 – 1.º Dto., em Setúbal**
- 29. **Deliberação n.º 3804/2022 – Proposta n.º 2726/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Rua Jacob Azambuja, n.º 9 - R/C Dto., em Setúbal**
- 30. **Deliberação n.º 3805/2022 – Proposta n.º 2727/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Rua Roberto Ivens, n.º 8 – 4.º Dto., em Setúbal**
- 31. **Deliberação n.º 3806/2022 – Proposta n.º 2728/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Travessa das Descobertas, n.º 1 – 2.º B, em Setúbal**
- 32. **Deliberação n.º 3807/2022 – Proposta n.º 2729/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Rua Mário de Sá Carneiro, n.ºs 5 e 5A - R/C Esq., em Azeitão**
- 33. **Deliberação n.º 3808/2022 – Proposta n.º 2730/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Rua Minas da Borralha, n.º 2 – 1.º C, em Setúbal**
- 34. **Deliberação n.º 3809/2022 – Proposta n.º 2731/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Travessa do Nabo, n.º 13, em Setúbal**
- 35. **Deliberação n.º 3810/2022 – Proposta n.º 2732/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Avenida de Angola, n.º 25 - Sobreloja Esq., em Setúbal**
- 36. **Deliberação n.º 3811/2022 – Proposta n.º 2733/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Avenida Dr. António Rodrigues Manito, n.ºs 103, 103A e 103-B - 5º Esq., em Setúbal**
- 37. **Deliberação n.º 3812/2022 – Proposta n.º 2734/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Largo José Joaquim Cabecinha, n.ºs 17 e 18 – 2.º A, em Setúbal**
- 38. **Deliberação n.º 3813/2022 – Proposta n.º 2735/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Rua dos Pinheirinhos, n.º 6 – 3.º Esq., em Setúbal**
- 39. **Deliberação n.º 3814/2022 – Proposta n.º 2736/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Quinta dos Vidais, Rua Afonso Castro, n.º 2 – 1.º Dto., em Setúbal**
- 40. **Deliberação n.º 3815/2022 – Proposta n.º 2737/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Rua Dr. Sousa Gomes, n.º 10 – 4.º Esq., em Setúbal**
- 41. **Deliberação n.º 3816/2022 – Proposta n.º 2738/2022 – DAF/DICONT/SERGE P**
– **Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência**
– **Brejos Pequenos, Rua de S. Gonçalo, n.º 86, em Azeitão**

42. *Deliberação n.º 3817/2022 – Proposta n.º 2739/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua das Ameixiras, n.ºs 18 e 18A, em Setúbal*
43. *Deliberação n.º 3818/2022 – Proposta n.º 2740/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Casal das Figueiras, Rua Batalha do Viso, n.º 217, em Setúbal*
44. *Deliberação n.º 3819/2022 – Proposta n.º 2741/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua João Eloy do Amaral, n.ºs 116 a 132, tornejando para a Travessa das Amoreiras, n.ºs 1 e 3 – 1.º Esq., em Setúbal*
45. *Deliberação n.º 3820/2022 – Proposta n.º 2742/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua do Roseiral, n.ºs 155 e 157 - R/C, em Azeitão*
46. *Deliberação n.º 3821/2022 – Proposta n.º 2743/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Praceta do Monte Belo, n.º 12 - R/C Esq., em Setúbal*
47. *Deliberação n.º 3822/2022 – Proposta n.º 2744/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Dr. Agostinho Machado Faria, n.ºs 9, 9A, 11 e 11A - R/C Esq., em Azeitão*
48. *Deliberação n.º 3823/2022 – Proposta n.º 2745/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Nossa Senhora do Carmo, n.º 14 - Cave, em Setúbal*
49. *Deliberação n.º 3824/2022 – Proposta n.º 2746/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Urbanização do Choilo, Rua Fernão de Magalhães, Lote 70, em Azeitão*
50. *Deliberação n.º 3825/2022 – Proposta n.º 2747/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Benedita Maria, n.º 36, em Setúbal*
51. *Deliberação n.º 3826/2022 – Proposta n.º 2748/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Aldeia das Vendas, Rua Francisco Rodrigues Simões, n.º 10, em Azeitão*
52. *Deliberação n.º 3827/2022 – Proposta n.º 2749/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Avenida D. João II, n.ºs 8, 8A e 8B – 3.º Esq., em Setúbal*
53. *Deliberação n.º 3828/2022 – Proposta n.º 2750/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Casal de Bolinhos, Praceta Belcampo, Lote 13 - R/C Esq., em Azeitão*
54. *Deliberação n.º 3829/2022 – Proposta n.º 2751/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua do Bem Estar, n.ºs 11 e 13, em Azeitão*
55. *Deliberação n.º 3830/2022 – Proposta n.º 2752/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Avenida D. Pedro V, n.º 6 - R/C Esq., em Setúbal*
56. *Deliberação n.º 3831/2022 – Proposta n.º 2753/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Cidade de Pau, n.º 2 – 3.º andar, em Setúbal*
57. *Deliberação n.º 3832/2022 – Proposta n.º 2754/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Estrada dos Picheleiros, em Azeitão*
58. *Deliberação n.º 3833/2022 – Proposta n.º 2755/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Largo José Joaquim Cabecinha, n.ºs 4 a 6 e Rua Jorge Claro, n.ºs 8 a 14 – 4.º D, em Setúbal*

59. *Deliberação n.º 3834/2022 – Proposta n.º 2756/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Luísa Todi, n.º 58 - C/V Esq., em Azeitão*
60. *Deliberação n.º 3835/2022 – Proposta n.º 2757/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Cidade de Debrecen, n.º 1 e Travessa da Geminção, n.º 8 - R/C B, em Setúbal*
61. *Deliberação n.º 3836/2022 – Proposta n.º 2758/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Avenida D. João II, n.ºs 22, 22A e 22B – 3.º Dto., em Setúbal*
62. *Deliberação n.º 3837/2022 – Proposta n.º 2759/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Henrique Augusto Pereira, n.º 2 – 1.º Esq., em Setúbal*
63. *Deliberação n.º 3838/2022 – Proposta n.º 2760/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Afonso Ventura, Lote 1 – 2.º B, em Setúbal*
64. *Deliberação n.º 3839/2022 – Proposta n.º 2761/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua dos Eucaliptos, n.ºs 20 e 20A, em Azeitão*
65. *Deliberação n.º 3840/2022 – Proposta n.º 2762/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Avenida da República da Guiné Bissau, n.ºs 30 a 30B com traseiras para a Praceta Fernando Alcobia, n.ºs 1 a 3 – 8.º F, em Setúbal*
66. *Deliberação n.º 3841/2022 – Proposta n.º 2763/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Praceta dos Cedros, n.ºs 9 e 9A – 1.º andar traseiro, em Setúbal*
67. *Deliberação n.º 3842/2022 – Proposta n.º 2764/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Largo José Joaquim Cabecinha, n.ºs 4 a 6 e Rua Jorge Claro, n.ºs 8 a 14 – 3.º E, em Setúbal*
68. *Deliberação n.º 3843/2022 – Proposta n.º 2765/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Cidade da Beira, n.º 18 – 3.º Frt., em Setúbal*
69. *Deliberação n.º 3844/2022 – Proposta n.º 2766/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua João Eloy do Amaral, n.ºs 116 a 132, tornejando para a Travessa das Amoreiras, n.ºs 1 e 3 - R/C, em Setúbal*
70. *Deliberação n.º 3845/2022 – Proposta n.º 2767/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Casal de Bolinhos, Rua Margarida Caineta, n.º 29 (antigo Lote 48), em Azeitão*
71. *Deliberação n.º 3846/2022 – Proposta n.º 2768/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua António José Batista, n.ºs 96 a 110, tornejando para a Rua da Cerâmica – 1.º A, Bloco A, em Setúbal*
72. *Deliberação n.º 3847/2022 – Proposta n.º 2769/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Travessa Aquilino Ribeiro - R/C, em Azeitão*
73. *Deliberação n.º 3848/2022 – Proposta n.º 2770/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Travessa da Saúde, n.º 2, em Setúbal*
74. *Deliberação n.º 3849/2022 – Proposta n.º 2771/2022 – DAF/DICONT/SERGEp – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua de São Gonçalo, n.º 161, em Azeitão*

75. **Deliberação n.º 3850/2022 – Proposta n.º 2772/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Urbanização Pote d' Água, Largo Alberto Mendes Fialho, n.º 4 – 2.º Esq., em Setúbal
76. **Deliberação n.º 3851/2022 – Proposta n.º 2773/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, n.ºs 10, 10-A a 10-E e Rua Acácio Barradas – 2.º A, em Setúbal
77. **Deliberação n.º 3852/2022 – Proposta n.º 2774/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua Ary dos Santos, n.º 77, em Azeitão
78. **Deliberação n.º 3853/2022 – Proposta n.º 2775/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua Fonte de Negreiros, n.ºs 38 e 38A, em Azeitão
79. **Deliberação n.º 3854/2022 – Proposta n.º 2776/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Avenida Bento de Jesus Caraça, n.º 11 – 2.º B, em Setúbal
80. **Deliberação n.º 3855/2022 – Proposta n.º 2777/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua da Vontade, n.º 72, em Setúbal
81. **Deliberação n.º 3856/2022 – Proposta n.º 2778/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua Libânio Braga, n.ºs 1 a 13 (Bloco A), 3.º Dto., em Setúbal
82. **Deliberação n.º 3857/2022 – Proposta n.º 2779/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Avenida Manuel Maria Portela, n.ºs 71 a 75 e Beco Garcia Peres, n.ºs 1 e 3, em Setúbal
83. **Deliberação n.º 3858/2022 – Proposta n.º 2780/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua Álvaro Castelões, n.ºs 55 e 57, tornejando para a Rua Dr. Estevam de Vasconcelos, em Setúbal
84. **Deliberação n.º 3859/2022 – Proposta n.º 2781/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Vale de Cães ou Choilo, Rua Gil Eanes, Lote 95, em Azeitão
85. **Deliberação n.º 3860/2022 – Proposta n.º 2782/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua das Andorinhas, n.º 6, em Setúbal
86. **Deliberação n.º 3861/2022 – Proposta n.º 2783/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua Coronel Carlos Fabião, n.ºs 25 e 25A, em Azeitão
87. **Deliberação n.º 3862/2022 – Proposta n.º 2784/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Avenida D. João II, n.º 12 – 7.º Esq., em Setúbal
88. **Deliberação n.º 3863/2022 – Proposta n.º 2785/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua General Daniel de Sousa, n.º 4 – 1.º Esq., em Setúbal
89. **Deliberação n.º 3864/2022 – Proposta n.º 2786/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Praceta Maria Lamas, n.º 4 – 8.º REC. Dto., em Setúbal
90. **Deliberação n.º 3865/2022 – Proposta n.º 2787/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua Estevam de Vasconcelos, n.ºs 23 e 25 - R/C, em Setúbal

91. *Deliberação n.º 3866/2022 – Proposta n.º 2788/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Praceta das Amoreiras, n.º 5 – 3.º Dto., em Setúbal*
92. *Deliberação n.º 3867/2022 – Proposta n.º 2789/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Fernando Santos, n.º 9 - R/C Esq., em Setúbal*
93. *Deliberação n.º 3868/2022 – Proposta n.º 2790/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Bairro da Liberdade, Lote 87, em Setúbal*
94. *Deliberação n.º 3869/2022 – Proposta n.º 2791/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Praça D. Olga Morais Sarmento, n.ºs 11, 12 e 13 – 2.º Esq., em Setúbal*
95. *Deliberação n.º 3870/2022 – Proposta n.º 2792/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Miguel Homem Sampaio e Melo, n.º 14 - R/C Esq., em Setúbal*
96. *Deliberação n.º 3871/2022 – Proposta n.º 2793/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Praça D. Olga de Morais Sarmento, n.º 4 – 2.º Dto., em Setúbal*
97. *Deliberação n.º 3872/2022 – Proposta n.º 2794/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua da Verdade, n.º 11, em Azeitão*
98. *Deliberação n.º 3873/2022 – Proposta n.º 2795/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Garcia Peres, n.ºs 25, 25A e 25B - R/C Esq., em Setúbal*
99. *Deliberação n.º 3874/2022 – Proposta n.º 2796/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Praceta Padre Américo, n.º 3 (Torre 3) – 4.º Esq., em Setúbal*
100. *Deliberação n.º 3875/2022 – Proposta n.º 2797/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Irene Lisboa, Lote 113 - R/C Dto., em Azeitão*
101. *Deliberação n.º 3876/2022 – Proposta n.º 2798/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua João Eloy do Amaral, n.º 152, tornejando para a Praça Machado dos Santos, n.º 39-B – 2.º C, em Setúbal*
102. *Deliberação n.º 3877/2022 – Proposta n.º 2799/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 - R/C Dto., em Setúbal*
103. *Deliberação n.º 3878/2022 – Proposta n.º 2800/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 - R/C Esq., em Setúbal*
104. *Deliberação n.º 3879/2022 – Proposta n.º 2801/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 1.º Esq., em Setúbal*
105. *Deliberação n.º 3880/2022 – Proposta n.º 2802/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 1.º Frt., em Setúbal*
106. *Deliberação n.º 3881/2022 – Proposta n.º 2803/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 2.º Esq., em Setúbal*
107. *Deliberação n.º 3882/2022 – Proposta n.º 2804/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 3.º Esq., em Setúbal*

108. **Deliberação n.º 3883/2022 – Proposta n.º 2805/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 3.º Frt., em Setúbal
109. **Deliberação n.º 3884/2022 – Proposta n.º 2806/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Avenida Bento de Jesus Caraça, n.º 71 – 4.º C, em Setúbal
110. **Deliberação n.º 3885/2022 – Proposta n.º 2807/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência
– Rua Dr. Evaristo Sousa Gago, n.º 15, em Setúbal
111. **Deliberação n.º 3886/2022 – Proposta n.º 2808/2022 – DAF/DICOR –**
Procedimento de Abertura da Contratação de Empréstimo de Médio/ Longo
Prazo - Investimentos Municipais 2023 – Adjudicação
112. **Deliberação n.º 3887/2022 – Proposta n.º 2809/2022 – DAF/DICONT/SERGE**
– Protocolo de Cedência de Gestão e Utilização a celebrar entre o Município
de Setúbal e o Clube de Ténis de Setúbal, a Associação de Ténis de Setúbal
e a Federação Portuguesa de Ténis - Campos Desportivos do Parque Verde
da Bela Vista, em Setúbal
113. **Deliberação n.º 3888/2022 – Proposta n.º 2810/2022 – DAF – OIKOS**
Construções, SA – Aprovação de Minuta de Transação Judicial
114. **Deliberação n.º 3889/2022 – Proposta n.º 17/2022 – DRH/DIDEC – SIADAP 1 -**
Ratificação da Avaliação das Unidades Orgânicas referente ao Ano de 2021
115. **Deliberação n.º 3890/2022 – Proposta n.º 40/2022 – DOM – CP 11/2022/DOM -**
Empreitada “Reabilitação do Bairro das Manteigadas – Intervenção em
Espaços Comuns, Cozinhas e Instalações Sanitárias”: - Aprovação do
Relatório do Júri; - Lote 1 - Adjudicação e Aprovação da Minuta do Contrato;
- Lote 2 - Não Adjudicação e Revogação da Decisão de Contratar; - Abertura
de Procedimento de Contratação Pública Para Lote – 2
116. **Deliberação n.º 3891/2022 – Proposta n.º 41/2022 – DOM – Concurso Público**
10/2022/DOM – Empreitada “EN 10-4 entre KM 15 + 255 e o KM 21 + 072 -
Beneficiação”: Aprovação do Relatório Final, Adjudicação e Aprovação da
Minuta do Contrato
117. **Deliberação n.º 3892/2022 – Proposta n.º 42/2022 – DOM – Empreitada CP**
24/2010 – “Refuncionalização do Edifício do Círculo Cultural de Setúbal –
Casa da Cultura – RESET” - Auto de Recepção Definitiva – Homologação
118. **Deliberação n.º 3893/2022 – Proposta n.º 43/2022 – DOM – Empreitada CP**
36/2017 - “Requalificação da Envolvente do Convento de Jesus” - Libertação
da Garantia
119. **Deliberação n.º 3894/2022 – Proposta n.º 99/2022 – DCDJ/DIDES – Apoio**
financeiro ao Outdoor Clube de Setúbal – Trilhos do Javali Solidário 2022
120. **Deliberação n.º 3895/2022 – Proposta n.º 813/2022 – DURB/DIGU - Aprovação**
do projeto de arquitetura para construção de moradia bifamiliar, piscina e
muro de vedação - Processo n.º 63/22
121. **Deliberação n.º 3896/2022 – Proposta n.º 814/2022 – DURB/ DIGU -**
Informação prévia favorável relativa a construção de moradia bifamiliar,
abrigo automóvel, piscina e muro de vedação - Processo n.º 46/21
122. **Deliberação n.º 3897/2022 – Proposta n.º 815/2022 – DURB/ DIGU -**
Informação prévia favorável relativa a loteamento urbano - Processo n.º
60/21
123. **Deliberação n.º 3898/2022 – Proposta n.º 816/2022 – DURB/GAPRU –**
Concessão da licença de construção de reabilitação/reconstrução, alteração
e ampliação de edifício de usos mistos - Processo n.º 441/20
124. **Deliberação n.º 3899/2022 – Proposta n.º 817/2022 – DURB/ GAPRU -**
Homologação do auto de vistoria – Alojamento Local - Processo n.º 54/22

125. *Deliberação n.º 3900/2022 – Proposta n.º 818/2022 – DURB/ GAPRU - Homologação do auto de vistoria – Alojamento Local - Processo n.º 58/22*
126. *Deliberação n.º 3901/2022 – Proposta n.º 819/2022 – DURB/GAPRU - Homologação do auto de vistoria – Alojamento Local - Processo n.º 60/22*
127. *Deliberação n.º 3902/2022 – Proposta n.º 820/2022 – DURB/ GAPRU - Homologação do auto de vistoria – Alojamento Local - Processo n.º 69/22*
128. *Deliberação n.º 3903/2022 – Proposta n.º 821/2022 – DURB/DIMOT - Implementação de sinais verticais de “Paragem e Estacionamento Proibidos”, na Rua do Bairro João Ferreira*
129. *Deliberação n.º 3904/2022 – Proposta n.º 822/2022 – DURB/DIMOT - Implementação de sinais verticais de “Paragem e Estacionamento Proibidos”, na Rua Paul Harris*
130. *Deliberação n.º 3905/2022 – Proposta n.º 823/2022 – DURB/DIMOT - Implementação de sinais de “Proibido Exceder Velocidade Máxima de 30 km/h”, na Rua José Augusto Coelho*
131. *Deliberação n.º 3906/2022 – Proposta n.º 824/2022 – DURB/ DIMOT - Implementação de sinais verticais de “Estacionamento Proibido” e “Proibido Exceder Velocidade Máxima de 30 km/h., na Rua de São Filipe*
132. *Deliberação n.º 3907/2022 – Proposta n.º 825/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 65/19*
133. *Deliberação n.º 3908/2022 – Proposta n.º 826/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 66/19*
134. *Deliberação n.º 3909/2022 – Proposta n.º 827/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 67/19*
135. *Deliberação n.º 3910/2022 – Proposta n.º 828/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 89/19*
136. *Deliberação n.º 3911/2022 – Proposta n.º 829/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 90/19*
137. *Deliberação n.º 3912/2022 – Proposta n.º 830/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 91/19*
138. *Deliberação n.º 3913/2022 – Proposta n.º 831/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 92/19*
139. *Deliberação n.º 3914/2022 – Proposta n.º 832/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 93/19*
140. *Deliberação n.º 3915/2022 – Proposta n.º 833/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 94/19*
141. *Deliberação n.º 3916/2022 – Proposta n.º 834/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 95/19*
142. *Deliberação n.º 3917/2022 – Proposta n.º 835/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 98/19*
143. *Deliberação n.º 3918/2022 – Proposta n.º 836/2022 – DURB/ GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 109/19*
144. *Deliberação n.º 3919/2022 – Proposta n.º 837/2022 – DURB/ GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 110/19*
145. *Deliberação n.º 3920/2022 – Proposta n.º 838/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 112/19*
146. *Deliberação n.º 3921/2022 – Proposta n.º 839/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 113/19*
147. *Deliberação n.º 3922/2022 – Proposta n.º 840/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 114/19*
148. *Deliberação n.º 3923/2022 – Proposta n.º 841/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 122/19*
149. *Deliberação n.º 3924/2022 – Proposta n.º 842/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 123/19*

- 150. Deliberação n.º 3925/2022 – Proposta n.º 843/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 124/19**
 - 151. Deliberação n.º 3926/2022 – Proposta n.º 844/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário c/ 12m2 - Processo n.º 699/16**
 - 152. Deliberação n.º 3927/2022 – Proposta n.º 09/2022 – GAVPS – Estacionamento**
 - 153. Deliberação n.º 3928/2022 – Proposta n.º 06/2022 – GAVPSD – Moção – Resolução da situação laboral da Companhia de Bombeiros Sapadores de Setúbal**
- C) Período destinado à intervenção do Público**

A) PERÍODO DE ANTES DA ORDEM DO DIA

1 – Informações à Câmara (Eventual apresentação)

- a) Foi dado conhecimento da listagem relativa aos despachos proferidos no âmbito do Gabinete de Apoio à Presidência (GAP), conforme documento anexo registado sob o n.º 4.
- b) Foi dado conhecimento da listagem relativa aos despachos proferidos no âmbito do Departamento de Recursos Humanos (DRH), conforme documento anexo registado sob o n.º 5.
- c) Foi dado conhecimento da listagem relativa aos despachos proferidos no âmbito do Departamento de Obras Municipais (DOM), conforme documento anexo registado sob o n.º 6.
- d) Foi dado conhecimento da listagem relativa aos despachos proferidos no âmbito do Departamento de Cultura, Desporto, Direitos Sociais, Saúde e Juventude (DCDJ), conforme documento anexo registado sob o n.º 7.

2 – Assuntos diversos de interesse para a autarquia

Sr. Vereador Fernando José – Disse que, sem querer fazer disso um tema maior do que aquilo que já tinha sido em reuniões anteriores, em posições tidas na comunicação social e, também, na última sessão da Assembleia Municipal, cabia-lhe fazer uma intervenção em nome dos vereadores do Partido Socialista, sobre medidas de apoio local, medidas de apoio concelhio, sobre o IMI e sobre a herança do Partido Socialista, a tal herança pesada do Partido Socialista que o Sr. Presidente e a vereação CDU, ao fim de 20 anos, teimavam em continuar a falar.

Na primeira fase da fase mais difícil da nossa vida coletiva, a primeira fase do Covid, os vereadores do Partido Socialista tinham apresentado um conjunto de medidas de apoio social no concelho de Setúbal e tinham-no feito, também, na segunda fase do Covid, portanto, nessas fases que tinham sido, efetivamente, as fases mais difíceis da nossa vida coletiva. Tinha apresentado propostas no dia 3/6/2020, no dia 16/8/2020, no dia 2/12/2020 e, também, no dia 20/1/2021. Portanto, os vereadores do Partido Socialista tinham estado sempre na linha da frente, no sentido de tentar que a crise que nos tinha afetado nessa altura fosse minimizada com medidas de apoio pela Câmara Municipal de Setúbal.

A verdade era que essas medidas tinham acabado por ser apresentadas pela Câmara Municipal de Setúbal. Nem todas tinham ido ao encontro das propostas do PS, mas muitas delas tinham ido ao encontro daquilo que tinham sido as propostas e as recomendações apresentadas pelos vereadores do Partido Socialista. Se tivesse sido o Partido Socialista a

gerir a Câmara Municipal de Setúbal teria ido mais longe nessas medidas, mas diria o Sr. Presidente da Câmara que, se estivesse no lugar do Primeiro-Ministro António Costa também teria ido mais longe nessas medidas. Portanto, era a política, era a forma de gerirem o diálogo político e isso era normal numa democracia saudável.

O Partido Socialista, no dia 12 de outubro, tinha respondido a um desafio apresentado pelo Sr. Presidente. Tinha sido o Sr. Presidente que tinha feito esse desafio, de que todas as forças políticas com representação na Assembleia Municipal apresentassem um pacote de medidas de apoio ou medidas que considerassem necessárias para fazer face à crise que estavam naquele momento a atravessar. Os vereadores do Partido Socialista tinham entendido que não se deviam demitir dessa função, da função de vereadores, porque era na Câmara Municipal que toda essa discussão passava em primeiro plano. Tinha apresentado, no dia 12 de outubro, um conjunto de medidas que consideravam que tinham de ser consideradas no orçamento municipal para 2023.

Tinha apresentado ao Sr. Presidente e a todos os vereadores, na reunião da Câmara Municipal, no dia 12 de outubro, essas medidas e recordava que o Vereador Paulo Calado tinha acabado mesmo por dizer que o Partido Socialista tinha tido um mérito que, na opinião dele, na altura, era um mérito agridoce para o PSD, mas que o PSD também iria apresentar um conjunto de medidas. Isso podia ser comprovado em ata, tinham sido as declarações do Sr. Vereador Paulo Calado. Portanto, a verdade era que o Partido Socialista, no dia 12 de outubro, tinha apresentado um pacote de medidas de apoio que considerava ser necessário incluir no orçamento municipal.

Depois, em reunião privada, o Partido Socialista também tinha apresentado essas medidas ao Sr. Presidente e tinha ido mais além, tendo apresentado, até, a proposta da criação de uma lavandaria social. Portanto, tinham respeitado e saudado essa posição do Sr. Presidente, a posição de que deveriam apresentar propostas, tinham contribuído para essas propostas.

O Sr. Vereador Pedro Pina, na anterior reunião da Câmara tinha reconhecido, inclusivamente, que algumas das propostas que tinham sido vertidas na apresentação da proposta que tinha sido feita pelo Sr. Presidente tinham bebido, também, um pouco daquilo que tinham sido propostas do Partido Socialista, ou, portanto, que elas estariam refletidas.

Entendiam que iriam mais longe nessas medidas, mas a verdade era que ficava claro que, no dia 12 de outubro, o Partido Socialista tinha apresentado na reunião Câmara Municipal e, depois, em reunião privada com o Sr. Presidente, um pacote de medidas de apoio.

Tinha sido, depois, algo surpreendidos na reunião da Câmara seguinte, na qual a CDU e o PSD tinham vindo apresentar medidas para serem votadas. Tinha sido votadas recomendações que teriam de ser vertidas no orçamento municipal, porque, se essas medidas não estivessem no orçamento municipal, não estivessem refletidas no orçamento municipal, obviamente, não teriam qualquer tipo de impacto.

Portanto, cabia, sobre isso e para terminar, dizer que sobre as medidas, sobre a dimensão das medidas, tinham votado favoravelmente tanto a proposta que tinha sido apresentada pelos vereadores do PSD como por parte do Sr. Presidente e dos vereadores da CDU.

Consideravam que, na dimensão, no enquadramento e na duração teriam feito de forma diferente, teriam ido mais longe e não iriam deixar de, em sede de orçamento, voltar a apresentar e tentar que o Orçamento Municipal para 2023 refletisse precisamente esse posicionamento deles quanto às medidas.

Depois, sobre o financiamento, para eles também era muito claro. Entendiam que o financiamento dessas medidas ou desse pacote de medidas de apoio social não tinha de estar ligado ao IMI. Portanto, não aceitavam nem compreendiam porque é que uma decisão que tinha sido tomada em reunião da Câmara relativamente à baixa de IMI de 0,40 para 0,37, tinha sido depois alterada, com a justificação de que teria de ser assim, porque, se não fosse assim, não seria possível aplicar o pacote de medidas de apoio social naquela fase que estavam a atravessar.

Entendiam que era possível cortar “gorduras” no orçamento municipal. Entendiam que a receita que advinha do estacionamento tarifado podia perfeitamente ser alocada a essas medidas de apoio social e, portanto, entendiam que não era preciso estar a castigar a classe

média e que não era necessário estar a aumentar o IMI por força de uma decisão que já ali tinha sido tomada, para fazer face a esse pacote de medidas. Portanto, estando de acordo que era necessário existirem medidas de apoio social naquela fase, medidas de apoio a serem implementadas pela Câmara Municipal de Setúbal, havia algo que [“cavava”] uma distância que não seria enorme, mas seria uma distância entre aquilo que era a posição do PS e aquilo que era a posição da CDU e do PSD.

Consideravam que era preciso ir mais longe nas medidas e que era possível ir mais longe na sua dimensão, no seu enquadramento, na sua duração, mas, também, havia algo que os dividia profundamente - aí sim, profundamente - e que tinha a ver com o financiamento dessas medidas. A CDU e o PSD entendiam que só com a receita do IMI conseguiam fazer face a esse pacote de medidas, os vereadores do Partido Socialista, o Partido Socialista, entendia que não era assim e, portanto, já ali tinha dado exemplos dessas formas ou possíveis formas de financiamento. Portanto, também iriam, em sede de orçamento, tentar que essa sua posição fosse atendida, sugerindo que “*gorduras*” que consideravam estar em excesso no orçamento municipal fossem, efetivamente, cortadas para o orçamento 2023.

Relativamente à questão do IMI, também não valia muito a pena estarem ali a tecer considerações sobre aquilo que tinham sido as posições do PS, do PSD e da CDU. Aquilo que cabia dizer era que o Partido Socialista tinha tido sempre uma posição, uma posição que tinha sido muito clara relativamente ao IMI. Sempre tinham considerado que era possível acomodar uma descida gradual do IMI.

A posição da CDU ao longo dos anos em que tinha tido maioria absoluta na Câmara Municipal de Setúbal tinha sido dizer que estava impedida de fazer a descida desse IMI. Num pedido de esclarecimento ao Ministério das Finanças tinham acabado por perceber que não era assim e, nesse sentido, o Partido Socialista, em 2021, tinha acabado por conseguir concretizar um dos seus objetivos, que era precisamente o início da redução do IMI.

Em 2021, os vereadores do Partido Socialista tinham apresentado uma proposta de redução do IMI para 0,40 e, nessa proposta de redução do IMI, que tinha sido acompanhada com os votos favoráveis do PSD, aquilo que tinha acontecido tinha sido que o Sr. Presidente Ihes tinha traçado um cenário em que Ihes tinha dado a entender que “*o diabo estaria atrás da porta*” e, portanto, o diabo estava atrás da porta com a baixa do IMI, com a redução do IMI. Eram os serviços municipais que iriam deixar de funcionar, eram os investimentos que iriam deixar de ser concretizados e as contas certas que iriam deixar de estar certas. Portanto, aquilo que tinham considerado tinha sido que esse era um discurso errático e, com a posição que tinha sido tomada pelos vereadores do PSD, essa proposta de redução para 0,40 tinha sido apresentada.

Tinham ficado a saber que o diabo que estava escondido atrás da porta tinha fugido pela janela, porque, naquele momento, meses depois dessa mesma decisão, o Sr. Presidente já não se assustava com o diabo e vinha propor, precisamente, os tais 0,40 de IMI em Setúbal, coisa que, meses atrás, era impensável de existir no Município de Setúbal.

Relativamente à proposta que tinha sido apresentada em 2022 para 2023, tinha havido uma redução. Tinha sido decidida uma redução de IMI, de 0,40 para 0,37. Isso tinha acontecido na Câmara Municipal e tinha acontecido na Assembleia Municipal. Tinha havido uma proposta do Partido Socialista, que tinha sido acompanhada com os votos do PSD, que, na altura, tinha entendido que essa era uma forma, contrariamente àquilo que dizia a CDU, que essa era uma forma de responder à classe média e a quem era proprietário de casa.

Percebiam perfeitamente que tivesse existido uma mudança de posição por parte dos vereadores do Partido Social-Democrata. Essa era uma posição que teria de ser o PSD a explicar ao seu eleitorado, não Ihes competia a eles. Toda e qualquer alteração de posição era legítima, como também era legítima a alteração de posição por parte da CDU, ao aceitar 0,40. Portanto, isso eram situações que não os incomodavam, eram situações que tinham que explicar tanto a CDU como o PSD. Mas, a verdade, era que a proposta que estava em vigor até à última sessão da Assembleia Municipal era de 0,37 em 2023, porque, se a Câmara Municipal nada dissesse, aquilo que se aplicava era o mínimo. Era isso que estava na legislação e era com base na legislação que tinham que se reger.



Portanto, a Câmara Municipal de Setúbal tinha decidido aplicar o IMI de 0,37 para 2023 e, depois, por proposta da CDU acompanhada pelo PSD, tinha decidido alterar essa mesma decisão, cuja deliberação tinha sido tomada em Câmara Municipal e Assembleia Municipal, e, portanto, tinha havido uma subida do IMI relativamente àquilo que estava decidido.

Poderia dizer o Sr. Presidente e poderiam os senhores vereadores do PSD dizer: *“Bem, mas os setubalenses vão pagar em 2023 o mesmo que pagam em 2022”*. Era verdade que faziam política com verdade, era verdade que os setubalenses iriam pagar em 2023 o mesmo que tinham pago em 2022 e iriam pagar o mesmo porque esse mesmo tinha sido uma proposta do Partido Socialista votada com os votos favoráveis do PSD, mas com os votos contra da CDU. Portanto, os setubalenses iriam pagar o mesmo IMI que pagavam em 2022, mas iriam pagar mais do que aquilo que estava decidido. Se a decisão não tivesse sido alterada por proposta da CDU, que tinha feito depender um pacote de apoio de medidas sociais desse aumento de 0,37 para 0,40, os setubalenses iriam pagar em 2023 um IMI de 0,37.

Pedia desculpa por se estar a alongar um pouco e iria terminar dizendo o seguinte: Durante muitos anos, largos anos, e passados 20 anos tinham voltado a ouvir, por parte do Sr. Presidente, uma acusação ao Partido Socialista, da dívida que o Partido Socialista tinha deixado na Câmara Municipal de Setúbal.

Queria dizer ao Sr. Presidente que as coisas ditas da forma como tinham sido ditas, principalmente da sua parte, na última sessão da Assembleia Municipal, mas, também, na reunião da Câmara Municipal, davam a entender, junto dos setubalenses, que o Partido Socialista tinha deixado uma desorganização na tesouraria e na contabilidade da Câmara Municipal de Setúbal, que o Partido Socialista não tinha feito obra, que o Partido Socialista tinha deixado uma dívida na Câmara Municipal de Setúbal que tinha, se calhar, a ver com o contrair empréstimos a 20 anos para pintar passadeiras ou, se calhar, com o contrair empréstimos para pagar jantares em Paris ou noutras cidades da Europa ou do Mundo.

Queria dizer ao Sr. Presidente que nada disso tinha acontecido. O Partido Socialista, quando saiu da Câmara Municipal de Setúbal, em 2001, tinha deixado uma dívida bancária de 45 milhões de euros e uma dívida a terceiros de 6,7 milhões de euros. Desses 45 milhões de dívida bancária, grande parte dessa dívida tinha sido para a construção da ETAR e de 826 fogos de habitação pública. Desse valor que tinha sido deixado, 52 milhões de euros, 34 milhões de euros tinham sido incluídos no contrato de reequilíbrio financeiro.

Ou seja, os senhores [da CDU] tinham recebido um carro usado com um motor novo quilómetro 0 e tinham ficado a pagar esse contrato de reequilíbrio financeiro, que tinha acabado por ser diluído com as receitas da Câmara Municipal de Setúbal que, desde 2001 até àquele momento, tinham aumentado de forma exponencial. Bastava olhar para os orçamentos e fazer o devido enquadramento.

Se em 2021 os senhores [da CDU] tivessem perdido a Câmara Municipal de Setúbal - e não tinha faltado muito para que isso [quase] tivesse acontecido -, se em 2021 a CDU tivesse saído da Câmara Municipal de Setúbal, a dívida bancária teria sido 34,4 milhões de euros e a dívida a terceiros de 39,3 milhões de euros, ou seja, quase 74 milhões de euros. Perguntavam: *“E a obra? E a obra, Sr. Presidente?”*

Quando ali acusava o Partido Socialista de ter deixado uma dívida, era preciso também ser sério no debate político e essa seriedade passava por dizer e por afirmar que a dívida que o Partido Socialista tinha deixado, que tinha tido a ver com a dívida bancária para a criação de infraestruturas que os setubalenses naquele momento estavam a utilizar. Ao fim de 20 anos, eram essas estruturas que tinham sido criadas, tinham sido construídas no tempo do Partido Socialista que estavam a ser utilizadas pelos setubalenses.

Passava a elencar algumas delas, para que a memória...

Sr. Presidente – Disse que pedia desculpa, mas o período de antes da ordem do dia não era monopólio do Partido Socialista. Era bom que isso ficasse claro. O senhor vereador repetia ali aquilo que tinha repetido ao longo de anos, mas, como bem sabia, não era por repetir muitas vezes que os problemas se resolviam ou que se ultrapassam. As situações e os factos eram conhecidos e, portanto, não valia a pena o senhor vereador estender muito essa conversa,

porque, naturalmente, com todo o respeito, os factos eram factos, mas fizesse o favor de terminar.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que agradecia ao Sr. Presidente pela sua tolerância, mas factos eram factos mesmo. Por isso, era preciso dizer naquele momento, perante as afirmações que o Sr. Presidente tinha feito na última reunião da Câmara e, também, na Assembleia Municipal, que essa dívida refletia: O Parque Verde da Algodeia, o Parque da Várzea, da Lanchoa, da Bela Vista, de Vanicelos, de Monte Belo, no Bairro Afonso Costa e na Fonte do Lavra. Refletia a construção da Escola Profissional de Setúbal, da Escola n.º 8 da Azeda, da Escola do 1.º de Maio, da Escola do Bairro da Liberdade, do Faralhão, da Bela Vista, da Quinta Alves da Silva, da Algodeia e das Amoreiras. Refletia, também, a Biblioteca Municipal das Manteigadas, o Museu do Trabalho, o isolamento da cobertura do Museu do Trabalho, o Museu Sebastião da Gama, o Pólo da Biblioteca das Amoreiras e a Sala da Juventude das Praias do Sado. Mas refletia, também, o Quartel dos Bombeiros, as piscinas (as 3 piscinas municipais, das Manteigadas, das Palmeiras e de Azeitão), refletia o Pavilhão Municipal das Manteigadas, refletia o Pavilhão Gimnodesportivo de Azeitão e o Pavilhão Escolar do Viso. Refletia a ETAR, a aquisição do Cine Charlot e a aquisição do Fórum Municipal Luísa Todi, refletia as centrais elevatórias o Reservatório de Apoio da Bela Vista. Era um sem número de infraestruturas que não se viam mas que tinha ali elencadas e que iria deixar ao Sr. Presidente, para que ficassem anexas à ata.

Portanto, aquilo que exigiam, da parte do Sr. Presidente, mas, também, da parte da CDU, era respeito por quem, durante 16 anos, tinha exercido a presidência da Câmara Municipal de Setúbal, respeito pela obra que tinha sido feita. Podiam discordar, podiam dizer que teriam feito de outra forma e estavam nesse legítimo direito, tal como eles estavam ali, a dizer que teriam feito de forma diferente na questão dos apoios sociais, mas na questão de tantas e tantas outras matérias, mas negar a obra que tinha sido feita, a obra que estava ao serviço dos setubalenses, não era de seriedade política. Portanto, aquilo que exigiam era seriedade política, porque se, naquele momento, os setubalenses usufruíam do Pavilhão das Manteigadas, do Pavilhão de Aranguez e das 3 piscinas municipais – tinham sido milhares de setubalenses que tinham passado por essas infraestruturas -, essas infraestruturas tinham sido construídas no tempo do Partido Socialista. Portanto, estar a dar como desculpa o facto de não poder ter um pacote de apoio de medidas sociais sem baixar o IMI, justificando a dívida que o Partido Socialista tinha deixado em 20 e tal anos e que refletia essa obra que ali tinha espelhado, não era de seriedade política.

O Partido Socialista não tinha deixado uma dívida como aquela que tinha sido contraída havia bem pouco tempo, por 20 anos, para pintar passadeiras.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que tinham conhecimento de constrangimentos informáticos, ao que parecia com alguma gravidade, com grande significância nos serviços da autarquia, que tinham impedido o seu normal funcionamento e que não permitiam a correta prestação do serviço público.

Tinham recebido informação de que vários munícipes do concelho não tinham conseguido, pelo menos nas últimas duas semanas, obter documentação e informações junto dos serviços, atendendo a esses constrangimentos informáticos.

Portanto, gostaria de questionar se a origem do problema estava identificada e para quando se previa a sua integral resolução.

Sr. Vereador Vítor Ferreira – Disse que seria muito breve. Não sabia se o Sr. Presidente estaria em condições, naquele momento, de dizer alguma coisa, mas, quando vinha para a reunião, tinha o rádio ligado e tinha percebido que a Polícia Judiciária tinha efetuado naquele dia novas diligências na Câmara, relacionadas com o processo de acolhimento dos refugiados.

Não sabia se já havia condições para o Sr. Presidente dizer alguma coisa ou se ainda estavam numa fase em que deviam ser mais reservados, mas deixava a questão.

Sra. Vereadora Patrícia Paz – Disse que muitos munícipes tinham abordado os vereadores do Partido Socialista sobre uma questão cuja resposta desconheciam e para a qual solicitavam o esclarecimento do Sr. Presidente.

O Interface de Transportes de Setúbal, projeto defendido como estrutura para a promoção da intermodalidade e da utilização do transporte público, tinha sido inaugurado em 16 de setembro de 2021 pela anterior presidente e iria entrar em funcionamento em novembro, com a garantia de num só local os munícipes terem opções de transporte coletivo rodoviário e ferroviário e um parque de estacionamento subterrâneo, com ganhos significativos para a circulação.

O parque de estacionamento subterrâneo tinha, segundo sabiam, lotação para 122 lugares e respetivas áreas e infraestruturas de apoio. À data, encontrava-se fechado.

Em junho de 2022 tinham tido uma segunda inauguração, com a viagem inaugural do novo serviço de transportes públicos do concelho.

Naquela data, o Interface tinha entrado em pleno funcionamento, tinham começado também a circular na cidade os novos autocarros da Carris Metropolitana e, à data, o parque de estacionamento mantinha-se fechado.

O que pretendiam ver esclarecido era o motivo pelo qual o estacionamento subterrâneo do Interface de Setúbal continuava fechado, ou, melhor, nunca tinha chegado a abrir.

A sua segunda questão estava relacionada com o mais recente Plano de Desenvolvimento Social. Não o conseguiam encontrar disponibilizado na Net, para consulta. O último a que tinham conseguido aceder na página do Município era de 2014/2018.

Importava referir que ao acederem ao endereço redesocial.mun-setubal.pt, os diagnósticos e planos disponibilizados encontravam-se desatualizados, sendo o ano mais recente 2013.

Era importante qualquer munícipe ter acesso ao Diagnóstico Social de Setúbal e ao Plano de Desenvolvimento Social, de forma a ter acesso à realidade social de todo o concelho e perceberem qual [era] a estratégia social implementada.

Assim, era importante atualizar-se a página web da rede social, de forma a informação estar acessível a todos, e solicitavam que lhes fosse facultado o mais recente Diagnóstico e Plano de Desenvolvimento Social.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que tinha um conjunto de questões para colocar, algumas não eram novas e outras eram. A primeira era algo que o Sr. Presidente se tinha comprometido a apresentar, tinha a ver com a questão da Herdade da Comenda. Duas reuniões atrás, o Sr. Presidente tinha-lhes transmitido que iria fazer o seu próprio balanço e a verificação da situação relativamente a essa matéria, nomeadamente quanto aos autos levantados e o ponto de situação da tramitação dos processos contraordenacionais, a existirem – segundo sabiam, existiam -, e ainda não lhes tinha sido apresentado.

Portanto, solicitavam uma vez mais que essa questão fosse apresentada, até pelo facto de terem, enquanto Partido Social Democrata, conhecimento, pela comissão que existia na Assembleia Municipal para acompanhar esse tema, que alguns dos processos estariam parados – ia dizer assim - em termos processuais. Não queria dizer que não se estivesse a fazer alguma coisa, mas era isso que era necessário esclarecer, desde março, até para evitar que os processos prescrevessem ou, eventualmente, que os infratores, a existirem, se sentissem impunes na sua atuação.

Era muito importante esclarecer isso porque, como tinha referido, duas reuniões atrás, através não só da revista “*Sábado*”, mas, também, de uma peça jornalística que tinha passado num canal de televisão, tinham ficado a saber um conjunto de informações que ainda não tinham sido transmitidas na Câmara e que eram relevantes para entenderem tudo o que se tinha passado até àquele momento.

Relembrava que a anterior presidente da Câmara, da CDU, por diversas vezes tinha exprimido a vontade de expropriar o Parque de Merendas da Comenda – referiam-se só a esse ponto específico - e que, segundo essa peça jornalística, teria sido oferecido pela Câmara Municipal ou pela sua presidente, ou transmitido, não sabia se verbalmente se por escrito, o valor de 6 mil euros para a aquisição daquele espaço.

Ora, quando se oferecia um valor determinado por um espaço que se pretendia expropriar, reconhecia-se, por um lado e pelo outro, que essa propriedade não era pública mas era privada e, portanto, obviamente, isso tinha consequências jurídicas e, daquilo que lhes tinha sido dado a conhecer pela recente sentença do Tribunal Administrativo e Fiscal de Almada, salvo erro, era isso exatamente que o tribunal vinha dizer, que, no fundo, aquela propriedade era privada.

Era importante perceber e os setubalenses perceberem exatamente a situação, não só em relação ao Parque de Merendas, mas em relação às infrações praticadas relativamente aos proprietários desse imóvel. Exatamente o que é que a Câmara tinha feito até àquele momento e o que é que pretendia fazer? Tinham que ser consequentes com aquilo que faziam e relembra, uma vez mais, que tinha sido a primeira manifestação pública que o Sr. Presidente tinha tomado depois das eleições de 2021, das eleições autárquicas. Tinha sido exatamente participar numa manifestação pública junto desse parque de merendas, no sentido de manifestar o seu desagrado - como seria da maior parte dos setubalenses - ao fecho daquela área à utilização pública. Portanto, era importante saber se já tinha tido a oportunidade ou não de fazer esse balanço.

Outra questão, essa nova, que lhe queria colocar tinha a ver com a aquilo que tinha sido a execução orçamental até ao final do mês anterior, de outubro, porque já era um mês fechado. Era um mês fechado e gostariam de obter, o mais rapidamente possível, os documentos previsionais relativamente àquilo que era a execução orçamental do ano, mas, também, aos valores que se previam até ao fecho do ano, em termos de execução orçamental, bem como qual é que era o quadro macroeconómico e qual era o quadro previsional para o ano 2023, isso independentemente, obviamente, da discussão que tinha que ser feita em sede de orçamento da Câmara Municipal, mas esses dados são fundamentais para entender a situação em que está a Câmara Municipal de Setúbal.

Outros dois temas referiam-se a algo que tinha sido dado a conhecer pela comunicação social. O primeiro já ali tinha sido referido, tinha que ver com o regresso - era assim que constava no jornal "*O Setubalense*" - da Polícia Judiciária à Câmara Municipal de Setúbal, relativamente à investigação que estava a ser efetuada no que dizia respeito à receção dos refugiados e, também, perguntar ao Sr. Presidente se havia, em relação a esse tema, mais alguma novidade para além da vinda da Polícia Judiciária, nas outras instâncias, nomeadamente na Comissão Nacional de Proteção de Dados e noutras instâncias onde, eventualmente, essa questão estivesse a ser investigada ou analisada.

Por último, outro tema que também tinha sido dado a conhecer pela comunicação social, no caso o "*Diário do Distrito*", que lamentavam. Tinha que ver com um tema que tinham ali recorrentemente também abordado e que, na última sessão da Assembleia Municipal, tinham tido ocasião de debater com a presença do Primeiro-Secretário metropolitano. Tinha a ver com a questão dos transportes.

Continuavam com o mesmo problema e ele continuava a não ser resolvido. Aquilo que tinha sido o debate na Assembleia Municipal, de facto, não acrescentava muito àquilo que já era o conhecimento, tanto deles como da população. Estavam, ou não, a ser aplicadas penalidades? Em que termos é que estava a ser pensado, ou não, resolver o contrato?

Como tinha referido pouco antes, havia situações, às vezes, que ainda eram mais graves que essas e o "*Diário do Distrito*" tinha dado a conhecer, pelo menos no passado dia 15 de novembro, que os motoristas da Alsa Todi tomavam as suas refeições no chão, junto ao local onde estavam os autocarros.

Havia um mínimo de dignidade e pensava que, para qualquer dos partidos que estava representado na Câmara, isso era uma situação completamente indigna. Aliás, relembra que, de acordo com o próprio Código do Trabalho - mesmo que não se aplicasse essa situação diretamente, mas, no fundo, era isso -, ninguém devia almoçar ou tomar as suas refeições no seu próprio posto de trabalho. No fundo, era isso que estava a acontecer, mas de uma forma indigna. Ninguém se alimentava no chão, não estávamos ao nível de um país do Terceiro Mundo em que pudessem acontecer coisas como essas.

Portanto, pensava que se estava a chegar a um ponto insuportável na relação contratual com essa empresa e achava que, independentemente das manifestações e das tomadas de posição, era preciso agir, era preciso falar com essas pessoas ou com a pessoas que representavam essa empresa e, como tinha dito pouco antes, agir no sentido de – que lhe desculpassem a expressão – *“pô-los com dono”*, pô-los na ordem. Era isso que era o normal que se fizesse numa situação como essa. Havia limites que não podiam ser ultrapassados.

Por último, não sendo uma pergunta que era dirigida ao Sr. Presidente, relativamente àquilo que eram as medidas de apoio às famílias setubalenses, às crianças e a todos aqueles que aqui viviam, o PSD tinha muita honra em ter apresentado essas medidas. Tinha muita honra, aliás, que essas medidas tivessem sido ali aprovadas por unanimidade e era esse o caminho que iriam continuar a fazer.

Ontem, infelizmente, tinham tido mais uma confirmação de que essa situação beligerante, essa agressão à Ucrânia, não estava terminada. Independentemente do que tinha acontecido no dia anterior, era mais um facto que vinha agravar a situação. Obviamente que isso tinha repercussão. Independentemente de quem fossem os responsáveis, tinha repercussão naquilo que eram os preços da alimentação, da energia, etc., e tinham uma crise que não estava para ficar por pouco tempo, estava para ficar por muito tempo. Isso era uma situação muito preocupante. Muito preocupante para eles, individualmente, mas, ainda mais - naquele caso, estavam na Câmara Municipal -, também para as próprias instituições públicas, que tinham os seus orçamentos e que tinham, naturalmente, que fazer face a um conjunto de questões.

Daí que, juntando os dois assuntos, as medidas deles tivessem sido cautelares, mas o PSD não deixaria de se reservar a apresentar mais medidas, se fosse o caso, se se visse que era necessário, e, provavelmente, seria o que aconteceria relativamente àquilo que eram as dificuldades que os setubalenses e ou azeitonenses tinham no seu dia-a-dia, pelo fator que estava a acontecer, que era uma inflação que não estava controlada e que não era só resultado dessa guerra, já havia tendências inflacionistas desde agosto do ano anterior.

Mas, enfim, o importante era dar soluções às pessoas, não era ir ali *“atirar lama”* para cima dos outros ou tentar ver quem é que ganhava o prémio, como tinha dito na reunião anterior, do *“monopólio das boas notícias”*. Não tinham esse problema. Davam boas notícias quando entendiam que deviam dar e quando entendiam que faziam sentido e tinha sido isso que tinham feito.

Não tinham nenhum problema com isso, assumiam as coisas como elas eram mas reservavam-se, porque, como tinha dito e bem - aproveitava por justificar que o Dr. Fernando Negrão estava a chegar, estava preso no trânsito mas estaria a chegar à reunião – o Dr. Fernando Negrão, a crise não acabava no dia 31 de dezembro daquele ano, infelizmente. Iria continuar e, no ano seguinte, iria continuar para lá de 2023.

A questão era como é que respondiam à crise e isso não iria lá só com propaganda. Com propaganda ia-se enganando nos tempos bons, nos tempos mais difíceis era muito difícil enganar. Aliás, havia uma velha frase que dizia que *“se pode enganar as pessoas mas não se pode enganar as pessoas todas o tempo todo”*. Era algo assim. Queria deixar essa mensagem, para refletirem um bocadinho.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que, pouco antes, na sua intervenção, tinha havido uma questão que queria ter colocado e que, por lapso não tinha colocado. Portanto, se o Sr. Presidente lhe permitisse, era, apenas, para questionar se, no âmbito do processo de acolhimento de refugiados ucranianos, a Câmara Municipal de Setúbal já tinha sido notificada de alguma decisão por parte da Comissão Nacional de Proteção de Dados.

Sra. Vereadora Rita Carvalho – Disse que queria só prestar alguns esclarecimentos sobre algumas das questões que tinham sido colocadas, começando pelo Vereador Paulo Calado. Relativamente à Comenda, tinha razão, tinha solicitado a informação e tinha sido um lapso dela não ter sido enviada. Tinha a sistematização feita e atualizada sobre aquilo que tinha



sido a atuação da Câmara e das outras entidades e, de facto, tinha ficado de enviar e, depois, não tinha enviado. Tinha razão e iria enviar.

De qualquer forma, gostaria de tranquilizar o senhor vereador [dizendo] que os processos não estavam parados desde março ou de maio, como tinha referido, estavam a andar. Eventualmente poderia haver processos que não tinham desenvolvimento porque decorriam os prazos legais em que o particular tinha o seu período de defesa, digamos assim, mas iria enviar essa informação e, depois, obviamente, estariam disponíveis para prestar os esclarecimentos que considerasse adequados.

Sobre os transportes, efetivamente achava que valia a pena fazer um ponto de situação sobre a operação. Isso tinha sido uma matéria tratada na última sessão de Assembleia Municipal, portanto, havia menos de uma semana. Na sexta-feira anterior tinham sido prestadas as informações nos termos das questões que tinham sido colocadas pelos vários deputados municipais.

A informação que tinham naquele momento, o ponto de situação feito naquela data, com a TML e com a Alsa Todi, o serviço da operação estava a ser feito a 98 por cento, portanto, tinha 2 por cento de falha naquilo que era o pressuposto, mas, ainda assim, era muito, incomparável com um mês atrás, mas, ainda assim, muito. Na semana seguinte entrariam em condução 40 novos motoristas, o que permitiria resolver esses 2 por cento de falha e aferir os melhores horários para cumprir aquilo que era pressuposto nos termos da operação.

Sobre as imagens que todos tinham visto no dia anterior, eram indignas e inqualificáveis. Assim que tinham tido conhecimento dessa informação tinham dado conhecimento à TML e tinham questionado, naquele dia, a Alsa Todi, que era o único responsável por criar as condições para os seus trabalhadores. O que lhes tinha sido dito tinha sido que, obviamente, essa questão não era um pressuposto, não poderia acontecer, que os motoristas tinham um local para fazer as suas refeições, que tinham casas de banho de apoio – era uma das questões que também tinha sido colocada - e que, a curto prazo, iriam começar a utilizar as instalações da Várzea. Ainda assim, tinha ficado expresso que essa situação era inqualificável e não podia existir, portanto, tinha de ser acautelado por eles, enquanto empresa, criar as condições para todos os seus trabalhadores.

Queria só fazer uma nota relativamente às questões que tinham sido colocadas pelo Vereador Fernando José, que não tinha estado na reunião anterior em que essas questões já tinham sido muito abordadas, e na Assembleia Municipal, como sabia, também tinham sido muito abordadas.

Não querendo fazer a elencagem de todos os projetos que tinham sido desenvolvidos e concretizados nos últimos 20 anos, que, como reconhecia, nem teria tempo nem seria justo fazer a descrição de todos, achava que valia a pena retirar da intervenção do Vereador Fernando José as últimas considerações que tinha feito, o respeito pela obra feita, respeito pela obra feita, também, nos últimos 20 anos e no mandato CDU, o respeito pela reviravolta que tinha levado a cidade, que era reconhecida por todos, aliás, pelos próprios eleitores, que tinham votado continuamente na CDU.

Negar a obra feita era falta de seriedade política e, portanto, devolvia as mesmas afirmações ao Vereador Fernando José e não ia estar ali a fazer uma descrição de todas as intervenções que tinham feito nos últimos anos, que tinham sido inúmeras, como sabia. Aliás, eram elas próprias que justificavam aquilo que eram os valores que tinha identificado, que aproveitava para indicar que tinham imprecisões consideráveis. Enfim, era só.

Sra. Vice-Presidente – Disse que, para além das questões que tinham sido ali colocadas, gostaria de trazer ao debate uma outra questão que tinha a ver com a requalificação das escolas do concelho. Sabiam que essa matéria estava no âmbito do acordo da Associação Nacional de Municípios. A Associação Nacional de Municípios e o Governo tinham estabelecido o prazo de 90 dias para a concretização dessas mesmas portarias. Inclusivamente, esses 90 dias já tinham passado e estavam a aguardar o desfecho.



De qualquer maneira, embora a Câmara Municipal ainda não soubesse, o Sr. Vereador Fernando José já tinha vindo informar que a CCDDR tinha planos para lançar uma empreitada para a requalificação da Escola 2/3 de Azeitão.

Queria ali dizer, naquela reunião da Câmara Municipal, que não sabiam desses planos, não tinham conhecimento. Inclusivamente, até tencionavam questionar o Sr. Ministro da Educação, relativamente aos critérios para a colocação das escolas nas prioridades em que tinham sido colocadas, quais os critérios materiais que tinham conduzido a isso e o que é que fazia com que algumas escolas que, no entender deles, deviam estar nas prioridades de muito urgente tivessem ficado, apenas, na prioridade de urgente. Mas, pronto, provavelmente seriam canais diferentes que tinham de comunicação.

Depois, relativamente às questões, a Vereadora Rita já tinha dito, mas não podia deixar de dizer que não tinham nenhuma Biblioteca Municipal nas Manteigadas, apenas tinham um Arquivo Distrital e pensava que era a isso que o senhor vereador se estava a referir. Quanto ao Pavilhão de Aranguez, também não tinha sido uma obra do PS, certamente. Tinha sido uma obra da CDU, face a uma grande necessidade de uma mais uma escola do concelho, que não tinha pavilhão.

Na altura, eram três e a CDU tinha decidido avançar e bem, à semelhança de outras obras de que tínhamos carência no concelho e em que a Câmara não tinha essa responsabilidade, mas tinha decidido dar essa resposta em prol dos munícipes, como, por exemplo, centros de saúde, escolas, etc. Portanto, pensava que essa questão merecia essa correção.

Quanto a todas as outras obras, faltava também dizer qual é que tinha sido a receita que o Partido Socialista tinha colecionado nesses anos, nomeadamente na questão do contrato de concessão das águas, que também não tinha sido referida, mas, pronto, se calhar, eram “peanuts”, como como se costumava dizer.

Mas, o que mais lhe estranhava na intervenção do senhor vereador era que ficasse surpreendido. Como é que ele via isso com tanta clareza e os setubalenses não tinham conseguido ver. Durante aqueles 20 anos, como é que os setubalenses não tinham conseguido ver isso com a mesma clareza que o Sr. Vereador Fernando José ali lhes tinha trazido?

Achava que, efetivamente, a cada um deles bastava explicar aquilo que eram as suas propostas, fazer e concretizar aquilo que eram as propostas deles e deixar, para que as pessoas também julgassem, como tinham vindo a fazer. E, naquele caso, tinham dado um voto de confiança à CDU, voto de confiança que nunca devia ser dado como garantido, porque estavam ali todos os dias para trabalhar e para concretizar da melhor maneira essas medidas e outras para a população. Mas, realmente, toda essa clareza não se traduzia naquilo que eram as propostas efetivas, nem na quantificação dessas propostas para a população.

Sr. Vereador Pedro Pina – Disse que queria posicionar-se de uma forma diferente do que era habitual e dar os parabéns ao Vereador Fernando José, porque era um feito. Queria dizer-lhe isso, francamente. Era um feito que não estava ao alcance de todos conseguir rescrever a história. Aliás, achava que isso era a demonstração de como o senhor vereador - que, para além de ser vereador naquela Câmara Municipal, legitimamente eleito, era, também, deputado -, que tinha tido a capacidade de recuperar aquilo que o Primeiro-Ministro, António Costa, a propósito daquilo que tinham sido afirmações de um ministro holandês sobre rescrever a história e sobre a forma como, a propósito das questões orçamentais dos países do sul mediterrânicos, tinha falado.

Portanto, queria dar os parabéns pela capacidade demonstrada pelo Vereador Fernando José, que não estava ao alcance de todos, de ter conseguido, de uma forma sumária e muito capaz de ter reescrito a história que ninguém seria capaz de acreditar. Portanto, achava que isso devia ser louvável e devia ser referido, porque era admirável, quando, em 2001, a CDU tinha entrado na Câmara Municipal, termos uma capital de distrito que era uma capital de distrito reconhecida, unanimemente, por uma cidade suja, desqualificada, desmotivada e ia utilizar uma expressão que muitas vezes era [mal] entendida.

Aquilo nada tinha a ver com a pertença que cada um tinha aos seus locais e aos seus contextos, porque quem era de um sítio ou quem tinha pertença a um local, a um território, a uma cidade ou a uma freguesia, não deixava de gostar dela, independentemente das suas circunstâncias. Mas essa era a unanimidade que o próprio Partido Socialista tinha sido, em alguns momentos, capaz de reconhecer.

Mas, naquele dia, subitamente, essa era a possibilidade que muitas vezes a história trazia. Fazia lembrar um bocadinho quando os holandeses tinham querido reescrever a história dos Descobrimentos ou quando os espanhóis tinham querido falar sobre o Tratado de Tordesilhas.

Portanto, o Sr. Vereador Fernando José, como já tinha passado tanto tempo, eventualmente um tempo que, se calhar, naquele momento era possível voltar a dizer ou ser capaz de dizer aquilo em que ninguém tinha sido capaz de acreditar durante todo este tempo, dizer que, afinal, aquilo que os setubalenses usufruíam e tinham usufruído nos últimos 20 anos era uma obra do Partido Socialista. Era absolutamente notável.

E, portanto, queria dizer-lhe que as suas afirmações eram, obviamente, uma demonstração compreensível no quadro da recuperação da história, mas em que ninguém era capaz de acreditar a não ser o senhor vereador e, eventualmente, aqueles que não conheciam ou que não queriam reconhecer aquilo que eram o traço e a narrativa a que tinham ido assistindo nos mais diferentes momentos da cidade e, para isso, estavam os factos incontornáveis.

Aliás, valia a pena, também recuperar a intervenção do senhor vereador que estava gravada, para, depois, poderem voltar a ela num futuro próximo. A Sra. Vereadora Carla Guerreiro já se tinha encarregado, por exemplo, de falar do Pavilhão de Aranguez ou de muitas outras situações.

Queria, também, a propósito dessa situação dizer que o senhor vereador tinha, relativamente às questões circunstanciais do orçamento, falado em gorduras orçamentais. Tanto quanto sabia, ainda não tinha sido possível apresentar, ainda não estavam no momento, estavam a muitos dias de poderem apresentar o orçamento da Câmara Municipal. O senhor vereador tinha voltado a falar, novamente, em gorduras orçamentais e pedia-lhe que lhes pudesse apresentar quais é que eram essas gorduras, no sentido de poder o executivo municipal - aqueles vereadores e o Presidente da Câmara - aperceber-se de que gorduras é que estavam objetivamente ali a falar, até porque a convicção com que o tinha dito obviamente revelava um conhecimento apropriado dessas mesmas gorduras. Portanto, queriam acreditar que tinha esse conhecimento e essa informação de que lhes podia ali falar.

Queria ainda, a propósito das intervenções da bancada do Partido Socialista, referir uma questão que a Vereadora Patrícia Paz ali tinha trazido, porque a Vereadora Patrícia Paz era também, obviamente, sem prejuízo de não ser essa a condição que ali representava, mas, objetivamente, era uma pessoa também ligada à área social e acreditava que sabia que o diagnóstico social não era feito pela Câmara Municipal. O Diagnóstico Social do CLAS era feito pelo Núcleo Executivo, constituído por um conjunto de instituições representativas que eram eleitas no plenário do Conselho Local de Ação Social (CLAS), no caso concreto, nesse contexto, desde a Rede Europeia Anti-Pobreza à Associação de Socorros Mútuos e à SEIS. Portanto, tinha um conjunto de instituições que concorriam e, portanto, queria dizer-lhe que o diagnóstico social, tal como tinha sido apresentado, quer no quadro do Núcleo Executivo quer em quadro de plenário, cumpria os tempos e os “*timings*” que estavam previstos.

Portanto, não havia aí nenhum atraso, decorria exatamente daquilo que tinha sido planeado no quadro do Núcleo Executivo do CLAS e os dados que tinham sido atualizados tinham-no sido em maio de 2021 e até maio de 2023 seriam atualizados. Como sabia, um diagnóstico social implicava, também, a alimentação por aquilo que eram as informações com que as instituições e as diferentes entidades concorriam, também, para estabelecer esse diagnóstico social. Essa informação era um processo que estava a decorrer dentro daquilo que eram os “*timings*” previstos e de acordo, também, com aquilo que era o que estava estabelecido no quadro do Núcleo Executivo do Conselho Local de Ação Social, bem como no quadro do Conselho Local de Ação Social, como era do conhecimento de todos os parceiros que representavam e que estavam representados nesse mesmo conselho.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que tinha referenciado, pelo menos, por duas vezes e era só para prestar alguns esclarecimentos. Quanto à Sra. Vereadora Carla Guerreiro, não era preciso recorrer ao azeite para que a verdade dos factos viesse ao de cima. Era um bem essencial que não podiam desperdiçar a misturar em água para tentar esclarecer a verdade dos factos. Essa clareza que a Sra. Vereadora Carla Guerreiro ali trazia para a Câmara Municipal de Setúbal e para as eleições locais também deveria levar para as eleições legislativas, para as eleições nacionais. Portanto, poderia responder-lhe da mesma forma.

Não tinha sido por o Partido Comunista ter andado durante aqueles anos todos a tomar posições de protesto e de crítica acérrima ao Governo do Partido Socialista que os portugueses tinham deixado de dar uma maioria absoluta ao Partido Socialista. Portanto, aquilo que referia para as eleições concelhias ou, pelo menos, autárquicas devia também ter esse pensamento ou essa linha de pensamento naquilo que se referia às eleições legislativas. Em Setúbal, iriam continuar a fazer o trabalho deles, o trabalho de defesa de Setúbal e de Azeitão e dos setubalenses, um trabalho ali, enquanto vereadores, e noutros fóruns.

A Sra. Vereadora Carla Guerreiro estava enganada, não existiam canais específicos ou outros canais para a informação. Naquele caso concreto da requalificação das escolas, bastava a senhora vereadora estar um pouco mais atenta à comunicação social ou, até, ir ao Canal Parlamento – esse sim, o canal – e iria, certamente, constatar, de forma fácil, as declarações da Sra. Ministra da Coesão Territorial, que lhes tinha dito, nessa audição no âmbito do Orçamento de Estado para 2023, que já tinha dado instruções a todas as CCDR para avançarem com a abertura de concursos para as empreitadas de requalificação das escolas que estavam na lista e, em Setúbal, tinham 4 escolas que estavam nessa lista, independentemente de as escolas serem classificadas de urgentes ou muito urgentes.

A audição no âmbito do orçamento era uma audição pública, não era fechada. Não tinha sido uma reunião privada. Tinha sido uma audição na Assembleia da República e, portanto, a Sra. Vereadora Carla Guerreiro tinha, nessa audição, também camaradas seus, que lhe poderiam ter passado essa informação.

Estava lá na qualidade de deputado e, portanto, tinha ouvido com enorme satisfação essas declarações da Sra. Ministra da Coesão Territorial. Portanto, se [a Sra. Vereadora Carla Guerreiro] quisesse colocar a questão podia colocar, não só ao Sr. Ministro da Educação, mas, também à senhora ministra, porque tinha sido ela que tinha proferido essas mesmas declarações.

Quanto ao Sr. Vereador Pedro Pina, sem terem de atravessar no barco até Tróia e sem terem de andar às facadas, agradecia essas mesmas felicitações, mas [queria dizer-lhe], também com a mesma clareza, que as três piscinas municipais tinham sim sido obra do Partido Socialista, o Pavilhão das Manteigadas tinha sido sim obra do Partido Socialista, os jardins da Algodeia, de Vanicelos e da Lanchoa tinham sido sim obra do Partido Socialista.

Portanto, [queria dizer] ao Sr. Vereador Pedro Pina que vivia em Setúbal havia mais de 50 anos e nunca tinha visto a cidade como ele que não vivia cá a via naquele momento, se calhar por outros lhe terem dito, porque não se recordava do Sr. Vereador Pedro Pina ou de alguma vez ter ouvido falar do Sr. Vereador Pedro Pina em Setúbal nos anos 70, 80 ou 90. Não se recordava, mas era possível que por cá tivesse andado e, portanto, contava aquilo que lhe tinham contado, mas tinham-lhe contado mal.

Para terminar, não sabia se o Sr. Vereador Pedro Pina sabia, se calhar não sabia, se calhar não lhe tinham transmitido essa informação, mas ia-lhe dar essa informação em primeira mão. No dia 19, o Partido Socialista tinha sido convidado - não sabia se o senhor vereador tinha sido, eles tinham sido -, para estar também presente, como era do executivo. Se calhar não sabia, mas estava a dar-lhe essa informação. O Partido Socialista tinha sido convidado - convidado não era bem convocado - para estar ali no âmbito do direito de oposição.

Iria ter uma reunião com o Sr. Presidente da Câmara, uma reunião privada, no dia 19 às 16 horas e, nesse mesmo momento, porque tinham sido convocados por isso, iria ser-lhes apresentado aquilo que consideravam que deveria ser o Orçamento para 2023, que não conheciam, mas conheciam o de 2022. Portanto, se o Orçamento de 2023 continuasse a manter as gorduras, os mesmos excessos que eles consideravam e que iria refletir em 2023

aquilo que tinha sido em 2022, iriam, nessa reunião que iriam ter com o Sr. Presidente, no próximo sábado, dizer-lhe aquilo que entendiam que deveria ser o orçamento municipal.

Sr. Vereador Pedro Pina – Disse que não podia deixar passar uma afirmação recorrente e que não era deste mandato. Não poderia deixar de fazê-lo na sala. O Sr. Vereador Fernando José, sistematicamente, tinha uma expressão para qualificar o sentido de vinculação a um território. Ficava espantado como um eleito democraticamente, da nação, de um concelho que era resultado de tanto os movimentos migratórios do país, dos homens e das mulheres que tinham vindo do Algarve, de tantas famílias do Alentejo, das mulheres e dos homens que tinham vindo de Aveiro, de tanta gente que tinha construído aquilo que era a identidade da cidade e a identidade da península, daquilo que era a realidade de um país que vivia saltitando de um lado para o outro, de continuar a insistir nesse exercício retórico do que era ser de uma cidade, sentir uma cidade ou pertencer a uma cidade ou um território.

Queira dizer ao senhor vereador que era com espanto sistemático e recorrente que ficava atónito, ficava absolutamente [atónito] por dizer isso. O senhor [vereador] não sabia qual era o percurso de cada uma das pessoas, não sabia se ele tinha passado por aqui ou onde vivia. De facto, em 1970, queria dizer que não tinha passado por aqui, até porque tinha nascido em 1976, portanto, era uma dificuldade objetiva.

Queria dizer-lhe, com todo o respeito, que o facto de o senhor [vereador] aqui ter nascido, de aqui ter andado, aqui ter jogado à bola, aqui ter frequentado a escola não lhe dava o direito nem a legitimidade de ser mais setubalense do que as pessoas que para aqui vinham trabalhar, que vinham do Alentejo, que vinham do Algarve, de Olhão, que vinham da Murtosa. O senhor [vereador] não era mais setubalense do que nenhuma das outras pessoas, era igual a todas as pessoas que aqui trabalhavam e que aqui faziam o melhor de si para tornar a cidade melhor.

Queria dizer-lhe que, objetivamente, como eleito da democracia portuguesa lhe ficava mal, porque isso eram princípios que decorriam de lógicas que não tinham absolutamente nada que ver com aquilo que era uma cidade aberta à diversidade.

De facto, aqui não tinha nascido e as vivências nada tinham a ver com isso. Sabia uma coisa? Não queria fazer esse exercício, mas, naquele dia, faria 100 anos José Saramago, se fosse vivo. Comemoraria 100 anos. Recomendava-lhe, seriamente - certamente que já tinha tido oportunidade de, pelo menos, algumas passagens ter lido – que fizesse algumas leituras, para perceber o que é que era pertencer a um chão ou a uma cidade, porque lhe podia garantir uma coisa: Não era ter nascido numa cidade, só por si, que lhe dava o direito e a legitimidade de ser o que quer que fosse. Tinha muito mais do que isso e ficava-lhe mal quando um partido como o Partido Socialista fazia afirmações da forma como fazia, num tempo em que tinham racismo e xenofobia, em que tinham afirmações absolutamente gritantes na diversidade, que continuasse, nessa sua saga, a dizer o que é que era ser pertença a um território.

Queira dizer-lhe que não lhe parecia adequado. O senhor [vereador] não tinham nem mais nem menos o direito de lutar por um território do que qualquer outra pessoa que para aqui tivesse vindo trabalhar. Nada tinha a ver com vivências, com percursos, o que quer que fosse. Tinha a ver com o sentimento e com uma forma séria, honesta e dedicada, como cada um...

Aliás, só por curiosidade, o Presidente Mata Cáceres, que tinha acabado de “ressuscitar” no seu trabalho, tanto quanto sabiam, não era setubalense. Tanto quanto sabiam. E o senhor [vereador] ali tinha vindo “ressuscitá-lo” e muito bem, estava no seu direito. Portanto, era recorrente essa sua afirmação.

Queria dizer aos alentejanos que tinham sido muito bem vindos para esta cidade, aos algarvios que tinham vindo de Olhão que tinham sido muito bem vindos para esta cidade, aos aveirenses e às pessoas que tinham vindo da Murtosa, que tinham sido muito bem vindos, às pessoas que tinham vindo de Cabo Verde, do Brasil e de todos os outros países, que tinham vindo para esta cidade, tinham sido muito bem vindos a esta cidade, para construir uma cidade aberta ao mundo, aberta ao país e torná-la naquilo que era, com todos e para todos,

tendo vindo de onde quer que tivessem vindo, “*seja bem-vindo quem vier por bem*”. Não lhe ficava bem continuar com essas afirmações.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que pedia imensa desculpa ao Sr. Presidente, mas tinha de ter 30 segundos, apenas, para justificar algo que o Sr. Vereador Pedro Pina tinha entendido [como uma dor]. Eram 30 segundos.

Sr. Presidente – Disse que pedia desculpa, mas era tempo de porem fim àquela situação. O senhor vereador tinha dito tudo aquilo que tinha querido e lhe tinha apetecido e tinha-o deixado explanar todas essas suas ideias, porque era importante, às vezes, para as pessoas se sentirem bem consigo próprias, trazerem cá para fora aquilo que lhes ia na alma.

Reconhecia que vida não tinha corrido muito bem ao senhor vereador, naturalmente, do ponto de vista político, e, sobretudo, nas suas andanças por Setúbal, nos últimos anos. Reconhecia isso e, por isso, ter-lhe dado essa possibilidade de se expressar durante mais de meia hora, numa intervenção que, muito sinceramente, se eles fossem fazer uma intervenção idêntica a essa, estariam ali não meia-hora, mas algumas horas, para falar do património e de tudo aquilo que tinha sido feito na cidade ao longo dos últimos 20 anos.

Como dizia, reconhecia que era importante as pessoas terem tempo para expressar aquilo que lhes ia na alma. Isso ficava-lhes bem. Até sabiam que ficavam bem melhor com eles próprios e, por isso, até se tornavam [pessoas] com uma capacidade melhor para avaliar a realidade.

Era por isso que achava que também tinha essa obrigação. Porque dirigia aquela reunião da Câmara, também tinha essa obrigação de perceber essas situações e, portanto, de também facilitar a vida aos senhores vereadores que tinham esse tipo de problemas. No entanto, naturalmente, isso também tinha limites.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que ia fazer um pedido ao Sr. Presidente para fazer uma intervenção, porque não iria recorrer, obviamente, à figura da defesa da honra, não fosse o Sr. Presidente ter outra vez um daqueles episódios a que já os tinha habituado, mas aquilo que iria ter de dizer-lhe era que não lhe admitia a forma como se expressou ao [referir-se] aos vereadores do Partido Socialista, nomeadamente à sua pessoa.

Não vinham ali para transmitir estados de alma, vinham para tomar posições em nome do Partido Socialista, que tinha sido o segundo partido mais votado nas últimas eleições. Representavam setubalenses e azeitonenses aquilo que ali tinham feito tinha sido um exercício de política. Aquilo que estavam ali a fazer era o exercício da atividade deles enquanto vereadores da oposição.

Portanto, não vinham ali para demonstrar estados de alma. Aquilo que tinham feito ali tinha sido uma intervenção política e era nesse campo que o Sr. Presidente a teria de analisar e, portanto, não tentasse ir para outros caminhos, porque eles por esses caminhos não iriam. Nesses caminhos, o [Sr. Presidente] ficaria sozinho.

Queria apenas dizer ao Sr. Presidente que o Sr. Vereador Pedro Pina tinha feito jus àquilo que era - vereador do Desporto - e tinha dado uma pirueta sobre o discurso dele. A única intervenção que ali tinha feito tinha tido a ver com o facto de - nem o poderia ter feito de outra forma - ser filho de um pai que tinha vindo de Olhão, precisamente, e de uma mãe, infelizmente, já falecida, que tinha vindo da Beira Baixa, de uma aldeia que era a Capinha. Portanto, não tinha sido nada disso que ali tinha referido.

Aquilo que ali tinha referido - e o Sr. Vereador Pedro Pina tinha tentado dar todas as cambalhotas -, aquilo que eu ali tinha dito tinha sido que o senhor vereador tinha vindo acusar a cidade de Setúbal, em 2021, de ser uma cidade suja e ser uma cidade cinzenta e aquilo que lhe tinha dito tinha sido que não podia dizer isso, porque não tinha vivenciado isso. [O senhor vereador] não podia dizer que era uma cidade cinzenta, que era uma cidade suja. Ele podia dizer-lhe que não era uma cidade suja nem cinzenta, era uma cidade na qual os setubalenses tinham e continuavam a ter orgulho de viver, os setubalenses, nascidos em Setúbal ou não.

Sr. Presidente – Disse ao Sr. Vereador Fernando José que, muito sinceramente, o prolongar daquelas intervenções não beneficiava nada a situação difícil que os setubalenses estavam a viver. Essa era a sua preocupação principal e, por isso, agradecia [ao senhor vereador] que tivesse terminado a sua intervenção.

Sra. Vereador Patrícia Paz – Disse que queria só esclarecer o Sr. Vereador Pedro Pina que em lugar algum da sua intervenção tinha dito que o diagnóstico estava atrasado. Tinha dito que a informação disponibilizada na página da rede social se reportava a 2013. Tinha sido isso precisamente que tinha dito, mas depreendia da sua intervenção que, então, o Plano de Desenvolvimento Social que estava na página do Município, de 2014 a 2018, era o que estava em vigor. Era isso? Depreendia bem? OK.

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Disse que não iria entrar na discussão que tinha havido, era só para dar duas notas que tinham que ver com a Porta de Entrada. Era só para fazer uma informação de seguimento, em relação ao ponto da situação.

Tinham 76 agregados e, naquele momento, só existiam 73. Tinha havido uma senhora que tinha falecido e havia dois agregados que tinham saído pelos seus próprios meios e tinham mudado de vida. Portanto, estavam com 73 agregados e esses 73 agregados equivaliam a 148 residentes, sendo que 51 agregados já tinham a situação habitacional resolvida - havia uma evolução dos últimos 45 que tinha informado - e esses 51 agregados equivaliam a 121 pessoas alojadas, ou seja, 81,66 por cento das pessoas que residiam na Quinta da Parvoíce. Estavam, naquele momento, com 22 agregados por alojar. Tinham duas ou três perspetivas de habitação. Tinham tido, também, uma situação a lamentar, que era o facto de terem encontrado dois alojamentos, mas as pessoas, quando souberam que as famílias eram de raça negra, não os tinham aceitado. Portanto, era uma situação lamentável. Às vezes, esquecíamos que essas coisas existiam e aconteciam e também tinham sido evidenciadas nesse processo.

Estavam, naquele momento, a fechar uma negociação com uma residencial, para resolverem o problema dos últimos 22. Iam continuar a procurar habitações, naturalmente, para poderem alojar esses agregados. Eram agregados de uma pessoa só, eram pessoas individualizadas. Podiam fazer esse alojamento provisório, para as retirar da Quinta da parvoíce, e continuar à procura de uma habitação para alugar, até haver as novas habitações que estavam em preparação para serem construídas.

Era para terem essa nota de *"follow up"* em relação ao andamento do processo da Quinta da Parvoíce e do alojamento das pessoas. Continuava a não ser fácil, mas as coisas estavam a ser conseguidas paulatinamente.

Também queria dizer que não tinham tido da parte dos moradores reações negativas em relação às soluções que encontravam. Tinham tido um acompanhamento muito próximo das pessoas que ainda estavam na Quinta da Parvoíce, mas, também, das pessoas que tinham sido alojadas. Tinham acompanhado muito de perto essas pessoas, juntamente com os senhorios, e, até àquele momento, não tinham reporte de problemas a registar, as coisas estavam a correr bem e esperavam que assim continuasse.

Esse último lote de pessoas a alojar tinha algumas complexidades, que iriam ter que acompanhar mais de perto do ponto de vista social, mas também estavam a responder bem e precisavam de um apoio suplementar *"a posteriori"* do realojamento. Portanto, tinham uma situação mais difícil. As famílias estruturadas já tinham sido todas realojadas. Naquele momento tinham situações menos estruturadas, mas estavam a trabalhar no sentido de resolver bem esse problema.

Uma outra nota tinha que ver com o prazo de início do funcionamento do parque de estacionamento subterrâneo do Interface. Isso era um fado que já não tinha muito caminho para onde ir. Tinham estado a discutir isso com o empreiteiro. Primeiro, não havia peças, depois tinham vindo peças erradas, depois as peças novas não funcionavam. Tinha sido um problema muito sério. Tinham dado um prazo até sexta-feira – aquela sexta-feira, depois do

dia seguinte – para eles concluírem o trabalho. Se não concluíssem o trabalho entravam em multas. Estavam a calcular as multas e não eram calmas essas multas.

Se, entretanto, eles não resolvessem o assunto, iriam acionar a garantia bancária e contratar alguém que fizesse o trabalho. Portanto, o arrastamento tinha que ver com o incumprimento por parte da empresa, que, inicialmente, até tinham tido em consideração a situação, as dificuldades, etc, mas a coisa já estava a tentar ultrapassar toda a lógica e o bom senso. Então, iriam entrar por medidas que habitualmente não gostavam de entrar, mas, sendo necessário, entravam.

Não seria a primeira vez, mas iriam ter mesmo que entrar, se não houvesse a solução rápida desse problema, até porque, na sequência da conclusão dos trabalhos, depois ainda haveria vistorias do mais diverso tipo, etc. Portanto, era um arrastamento de situações e, naquele momento, até tinham, seguramente, a empresa que iria explorar aquele parque preocupada, também, porque ele nunca mais começava, para além da preocupação da população, que precisava daquele parque a funcionar.

Portanto, era essa a resposta que podia dar à senhora vereadora. Em relação a essa matéria, era o ponto da situação.

Sr. Presidente – Disse que iria procurar, também, dar algumas respostas. O tempo já ia longo, mas queria dar resposta a algumas questões concretas que tinham sido colocadas.

Relativamente àquilo a que o Sr. Vereador Joel Marques tinha chamado “*um constrangimento informático*”, era verdade, tinha havido um problema no nosso sistema informático. Naturalmente que isso causava constrangimentos ao bom funcionamento dos serviços, mas não tinha nada de grave. Tinha havido alguém que tinha estado na comunicação social e tinha feito algum alarido sobre isso, mas tinham verificado dentro dos serviços que não havia razão para isso, porque a questão que tinha sido colocada - e acreditava que tinha sido a única que tinha saído na comunicação social – tinha sido que um município se tinha dirigido à Câmara para fazer um pagamento e não tinha conseguido fazê-lo.

A informação que tinham era que essa senhora município podia ter feito o pagamento através dos meios manuais que estavam disponíveis, mas não o tinha querido fazer, e, depois, a seguir, tinha tido essa iniciativa de falar com a comunicação social. De resto, naquele momento, a situação estava praticamente regularizada e também o equipamento que tinha tido um problema já tinha sido requisitado a sua substituição.

Portanto, dentro de pouco tempo estaria normalizada a situação e os serviços, de uma maneira geral, estavam operacionais e tinham capacidade de resposta. Nunca tinha havido, daquilo que era a informação que tinha dos serviços, nenhum município que tivesse vindo à Câmara Municipal e que não tivesse conseguido resolver problemas, até de prazos, de pagamentos, etc., que isso tivesse causado algum problema, para além dessa senhora que tinha tido eco com as suas declarações na comunicação social.

Também, de acordo com a informação que tinha dos serviços, isso não correspondia exatamente à situação, porque a senhora tinha-se recusado a fazer o pagamento através de um procedimento manual, que era possível fazer, com a passagem do recibo manual do pagamento, se o quisesse ter feito. Naquele momento já o poderia fazer, através do processo normal com base no sistema informático.

Relativamente à questão da vinda da Polícia Judiciária naquela manhã à Câmara Municipal, não estava presente, mas a informação que lhe tinha sido dada tinha sido que a Polícia Judiciária teria detetado, pelo levantamento que tinha feito em abril, quando esteve cá, que não tinha feito a recolha da informação do conteúdo informático da linha municipal de apoio aos refugiados, a chamada LIMAR. Portanto, tinham vindo cá, tinham feito isso naquele dia e não tinha tido problema de maior. Era, apenas, o desenvolvimento do processo que, supunha, estaria a decorrer, porque não tinha mais informação do que isso sobre esse processo.

Relativamente à Comissão Nacional de Proteção de Dados, tinha sido enviado um relatório para a Câmara Municipal se pronunciar e, portanto, dar resposta a esse relatório. Também não podia falar sobre ele, como deviam compreender, mas logo que esse relatório estivesse

em condições de ser tornado público naturalmente que o seria, não havia problema nenhum nesse sentido.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse ao Sr. Presidente que pedia desculpa de o interromper, mas tinham acabado de lhe enviar, sobre esse tema, as coincidências não existiam, só em Portugal – e passava a ler: *“A Comissão Nacional de Proteção de Dados sancionou o Município de Setúbal quanto ao tratamento de dados de refugiados ucranianos com a aplicação de coima e duas repreensões”*. Não sabia se era a esse relatório que estava a fazer referência.

Sr. Presidente – Disse que era a esse relatório que estava a fazer referência.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que se tinha tornado público naquele momento.

Sr. Presidente – Disse que supunha que esse relatório não fosse público, porque, como o senhor vereador devia saber, esses procedimentos funcionavam, naturalmente, com a posição do Município relativamente ao relatório que era apresentado.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que isso estava no *“site”* da própria Comissão Nacional de Proteção de Dados, onde dizia que tinha sido *“aplicada uma coima única de 170 mil euros, onde se inclui a violação do princípio da integridade e confidencialidade dos dados e a violação da obrigação de designar um encarregado de proteção de dados. É a primeira vez que a Comissão Nacional de Proteção de Dados aplica uma coima por a organização não ter designado um encarregado de proteção de dados, em conformidade com o n.º 1 do artigo 37.º do Regulamento Geral de Proteção de Dados. As repreensões dizem respeito à violação do dever de facultar informações ao titular aquando da recolha de dados e à violação do princípio da limitação da conservação dos dados”*.

Teria sido publicado minutos antes e tinha-lhe sido enviado naquele momento. Portanto, pelos vistos, era público, porque estava no próprio *“site”* da Comissão Nacional de Proteção de Dados.

Sr. Presidente – Disse que agradecia ao senhor vereador essa informação. Como devia compreender, quando tivesse acesso ao relatório, naturalmente que haveria da parte do Município [manifestação].

Por aquilo que [o senhor vereador] dizia e de que tivesse conhecimento, naturalmente, do primeiro relatório que tinha vindo para a Câmara Municipal se pronunciar, que, relativamente às questões que tinham sido identificadas, se a Comissão Nacional de Proteção de Dados não as tivesse em conta, naturalmente que a Câmara Municipal recorreria dessa posição. Naquele momento, não estava em condições de dizer mais nada.

Logo que tivesse o relatório, se ele tivesse sido publicado, no dia seguinte poderia ser distribuído aos senhores vereadores. Essa era a informação que teria que ter para o poder fazer.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse ao Sr. Presidente que, na sequência da informação que ali lhes tinha sido prestada pelo Vereador Paulo Calado, tinha acabado de consultar o *“site”* da CNPD e estava já disponível - também ainda não a tinha visto - a deliberação 2022/1040, sobre o Município de Setúbal, que era um documento que tinha 34 páginas. Não sabia se tinha sido esse o documento a que a Câmara Municipal de Setúbal teria recebido.

Sr. Presidente – Disse que não sabia quantas páginas tinha. O que podia dizer era que se a Comissão Nacional de Proteção de Dados tinha tornado público o relatório, no dia seguinte os vereadores teriam aquele documento que sabia que os serviços tinham. Aquele documento, depois de a Comissão Nacional o tornar público, naturalmente que, da parte da Câmara Municipal, também o faria.

Aproveitava para dizer que, da outra vez, a Direção-Geral de Finanças Lhes tinha enviado um ofício a solicitar a divulgação, naturalmente a quem de direito. Desta vez, que soubesse, isso não tinha acontecido, mas estavam tranquilos também relativamente a essa situação. Portanto, os senhores vereadores e os senhores da Assembleia Municipal teriam acesso, naturalmente, a esse documento que a Comissão Nacional de Proteção de Dados, pelo que tinham acabado de dizer, já tinha tornado público.

Relativamente, ao Sr. Vereador Paulo Calado e à questão da Herdade da Comenda, a senhora vereadora já tinha respondido que toda a documentação que existia na Câmara Municipal sobre esse tema lhe seria transmitida.

Já não era a primeira vez que o senhor vereador levantava esta questão, mas queria dizer-lhe que aquilo que tinha sido o compromisso que tinha estabelecido com as populações, os setubalenses, em particular, de que fariam tudo para que, designadamente, o Parque da Comenda voltasse a ter uso público, era um compromisso que se mantinha de pé. Como também já tinha tido oportunidade de dizer, não era fácil caminhar por terrenos algo movediços, era verdade.

A Câmara Municipal fazia o seu trabalho, cumpria aquilo que a legislação determinava. Os serviços da Câmara Municipal... Como o senhor [vereador] tinha dito que não tinha essa informação, já tinha transmitido ali que tinham uma relação estreita com a Comissão da Assembleia Municipal que acompanhava esse processo e, portanto, a Comissão Municipal tinha toda a informação. Já tinha estado duas vezes na Comissão e tinha informado a Comissão de algumas dificuldades que esse processo tinha. Naturalmente que o tinha feito e tinha pedido aos senhores deputados municipais – digamos assim - alguma contenção num conjunto de informação que considerava que devia ficar restrita aos senhores deputados, se assim o entendessem, naturalmente, porque esse caminho estava a fazer-se e era um caminho que levava o seu tempo.

Tinha tornado público já que lamentava uma certa inércia das entidades da Administração Central relativamente a essa situação. No fundamental e em determinada altura, apenas a Câmara Municipal é que tinha tido uma ação pró-ativa relativamente a essa matéria.

Tinha tido conhecimento, tinha tido acesso, naquela semana, que a ARH tinha intimado a sociedade a retirar todas as vedações, designadamente do Parque de Merendas e, portanto, tinha estabelecido um prazo para que isso acontecesse. Naturalmente que louvavam essa iniciativa da ARH porque, até àquele momento, [ainda] não tinha acontecido. Portanto, isso queria dizer que as próprias entidades da Administração Central estavam também a dar passos, no sentido de que alguma coisa viesse a acontecer, ou seja, que a legalidade viesse a ser estabelecida, no nosso entendimento deles. Esperava, também, que a Direção-Geral do Património Cultural, com quem tinham tido, naturalmente, reuniões...

Tinham tido, naturalmente, reuniões com todas essas entidades, tinham ouvido as suas considerações e ponderações. Como tinha acabado de dizer, tinha tornado pública qual era a avaliação que fazia desse tipo de procedimento. A ARH tinha tomado essa posição e naturalmente que se congratulavam com isso. Esperava, também, que a Direção-Geral do Património Cultural tomasse a iniciativa, no quadro das suas competências.

Já tinham pedido um esclarecimento à Direção-Geral do Património Cultural, tendo em conta os compromissos que tinha estabelecido com a empresa, que tinha prazos para haver resposta. Os prazos já tinham sido ultrapassados. Tinham solicitado por escrito informação à Direção-Geral do Património Cultural e, até àquele momento, ainda não tinham resposta, mas esperava que a Direção-Geral do Património Cultural também tomasse a iniciativa no mesmo sentido que a Câmara Municipal estava a tomar e que a ARH também tinha tomado. Esperava, igualmente, que o Instituto da Conservação da Natureza tomasse posições idênticas no âmbito das suas competências.

Se essas entidades todas conjugassem esforços no sentido de vir a ter uma posição conjunta, relativamente àquilo que tinha vindo a acontecer, não só no Parque da Comenda, mas nas vedações, etc., e que outras entidades, como a própria Infraestruturas de Portugal, como, na peça em que o senhor vereador que lhe tinha dado essa informação tinha reconhecido que, de facto, as vedações eram contrárias à boa circulação e à salvaguarda das margens da

Estrada Nacional, mas também a Infraestruturas de Portugal nem sequer tinha tomado uma posição relativamente a isso.

Naturalmente que lamentavam essa situação, mas, da parte da Câmara Municipal, tudo aquilo que eram informações que lhes chegavam e que eram da competência da intervenção da Câmara Municipal, os processos tinham sido desencadeados. Naturalmente que cumpriam, nesses processos, aquilo que a lei determinava relativamente às notificações, ao direito de resposta e ao cumprimento dos prazos que a lei estabelecia para poder atuar.

Não sabia era por isso, também, que a ARH tinha vindo colocar essa questão, mas estava previsto que dentro de pouco tempo a Câmara Municipal tivesse terminado o prazo - o último, já - para que a Câmara Municipal pudesse intervir na retirada das vedações, dado que, naturalmente, tinha sido tudo feito à margem da lei e que, portanto, naturalmente a Câmara Municipal, cumprindo os prazos que a lei estabelecia para estes procedimentos, o faria sem qualquer dúvida.

Portanto, estavam nesse caminho, levava tempo, mas o compromisso que tinha estabelecido mantinha-se e, portanto, como também tinha dito, os advogados da Câmara Municipal estavam a trabalhar no sentido de também atuarem do ponto de vista jurídico e judicial, no sentido de que, como dizia, a legalidade fosse restabelecida. Era isso que podia dizer naquele momento.

Quanto às questões da execução orçamental, naturalmente que os serviços iriam fazer chegar ao senhor vereador a informação disponível sobre essa matéria.

Relativamente aos transportes, a questão que o senhor vereador tinha colocado, a senhora vereadora também já tinha dado resposta. O senhor vereador tinha colocado a questão das penalidades ou da resolução do contrato. A TML tinha dado resposta na Assembleia Municipal, relativamente a essas questões que o senhor vereador tinha colocado. Portanto, como sabia, cabia à TML, entidade que tinha a responsabilidade de gerir esses contratos, em primeiro lugar, assumir essa responsabilidade e isso tinha sido transmitido na Assembleia Municipal, relativamente a essas duas situações.

Quanto à aplicação das penalidades, tinha sido referido pelo Sr. Presidente da TML que esses processos estavam a decorrer. A empresa estava a ser informada das penalidades a que a iria ser sujeita, naturalmente, pelo não cumprimento do contrato. No que dizia respeito à eventual possibilidade de resolução do contrato também tinha sido expresso pelo Sr. Presidente da TML que não era a solução mais desejada, porque isso traria problemas acrescidos para o futuro desse projeto, desse grandioso projeto, que era criar um sistema de mobilidade sustentável na Área Metropolitana de Lisboa e que, portanto, era preferível que, com as penalizações que eram necessárias e devidas e, naturalmente, com uma pressão – estavam a falar, naquele caso, só da empresa Alsa Todi - permanente sobre a empresa, no sentido de que ela, o mais rapidamente [possível] viesse a resolver os problemas que tinha e que, como a senhora vereadora já tinha dito, ainda faltava bastante para cumprir esse compromisso e esse contrato que tinha, no caso, com Setúbal, com os outros municípios também, mas, no que nos dizia respeito, a Setúbal.

Esperavam que também na semana seguinte, com a entrada em funções de novos motoristas, que, entretanto, tinham estado em formação, essa situação pudesse vir a entrar numa situação de normalidade.

Quanto à situação dos trabalhadores, naturalmente que a Câmara Municipal só tinha que a repudiar, pelas imagens que tinham sido transmitidas, e, portanto, naturalmente, que a empresa teria [que a corrigir]. Esperava que as entidades competentes também atuassem no sentido de que essa situação fosse devidamente ultrapassada.

Quanto às questões que o Sr. Vereador Fernando José tinha colocado, como já tinha dito, os factos eram muito importantes e eram os factos que contavam. Naturalmente que, como o senhor vereador dizia, se o Partido Socialista estivesse na gestão da Câmara Municipal, teria outras iniciativas e outra forma de fazer, designadamente uma coisa que não aceitavam e que sempre recusaram, que tinha sido construir no Parque José Afonso um pavilhão polidesportivo. Não aceitavam esse tipo de procedimentos, não tinham essa forma de avaliar o desenvolvimento do território, o seu desenvolvimento harmonioso.

Tinha sido um dos projetos, aliás, tinha sido o principal projeto que tinha sido anunciado pelo Partido Socialista, na campanha eleitoral. Não tinham esse entendimento. Não tinham aí como não tinham em muitas outras matérias, mas queria, apenas, salientar um aspeto da intervenção que era preocupante. O senhor vereador tinha falado de mais medidas, mais medidas, propostas e mais propostas, mas as propostas que tinha apresentado em recomendação, porque não tinha chegado a apresentar propostas, como, por exemplo, o PSD tinha feito.

Não tinha chegado a apresentar as propostas, mas havia um problema, é que os senhores vereadores apresentavam propostas e não quantificavam as propostas. E, depois, mais do que isso, o senhor vereador, ao longo de mais de meia hora de intervenção, nunca tinha sido capaz de se referir à situação financeira da Câmara Municipal e à importância da estabilidade financeira da Câmara Municipal. Naturalmente que isso os preocupava. Como o senhor vereador devia compreender, isso preocupava-os.

Relativamente a ter entendimentos diferentes e propostas diferentes, naturalmente que sabiam que elas existiam e era por isso, também, que, de 4 em 4 anos, os setubalenses faziam a sua escolha. Esperava que, no final do mandato – esperava não, tinha a certeza que iriam pronunciar-se e estava convencido que voltariam a fazer a escolha daquilo que tinha sido a política desenvolvida pela Câmara Municipal nos últimos 20 anos e não de retomar uma situação que já tinha sido ali caracterizada por bastas vezes.

O senhor vereador voltava à questão e depois queixava-se de eles tratarem das questões como deviam ser tratadas. Naturalmente que o senhor vereador sabia muito bem que os setubalenses (*“nós todos”*) estavam a pagar, ainda, o contrato de reequilíbrio financeiro, porque o contrato tinha sido estabelecido em 2003. Portanto, todos os anos pagavam cerca de 3 milhões de euros por conta desse contrato e o senhor vereador, às vezes, esquecia-se que essas questões eram igualmente importantes e, naturalmente que o equilíbrio das contas da Câmara Municipal era fundamental, para não caírem nessa situação de iminente bancarrota. Sabia que era uma expressão popular, mas era, também, no sentido de traduzir exatamente aquilo que estava em causa naquela altura.

Se não tivesse sido o PSD, na altura, na Câmara Municipal e termos um governo do PSD na altura, a Câmara Municipal teria passado por caminhos, provavelmente, mais difíceis do que aqueles que tinham passado e que tinham sido muito difíceis. O senhor vereador tinha dito que estava cá havia muitos anos, mas, certamente, não tinha tido a possibilidade de avaliar bem da dificuldade que tinha sido para os setubalenses, para os azeitonenses e para os trabalhadores desta Câmara Municipal, porque, se não tivessem resolvido, em 2003, o problema do financiamento do contrato de reequilíbrio financeiro, os trabalhadores da Câmara Municipal teriam ficado sem receber salários. Isso era extremamente grave, senhor vereador, e eles não se esqueciam e porque, em qualquer momento, nunca podiam deixar de considerar que o equilíbrio das contas da Câmara Municipal era fundamental. É um objetivo que prosseguiam todos os dias.

Pela forma como o Partido Socialista se posicionava, dizendo que podiam sempre pagar mais, naturalmente, que era uma postura que ouviam mas com que não podiam estar de acordo, nunca poderiam estar de acordo. Continuariam esse trabalho, como era natural, sempre no sentido como tinha sido até àquele momento, de os setubalenses e os azeitonenses continuarem a ter orgulho do trabalho de transformação profunda, significativa, que a cidade, o território de Setúbal, do Município de Setúbal, tinham tido e dessa qualificação desse território do bem-estar das pessoas que aqui vinham, da atratividade que o concelho tinha, da notoriedade que o concelho tinha e que levava tantos investidores a procurar fazer investimentos no nosso território.

Naquela semana já tinha tido oportunidade de conversar com 50 investidores - 50 investidores! -, só na área do imobiliário. Eram centenas de milhões de euros que estavam em causa. Muitos desses projetos já estavam aprovados na Câmara Municipal e, portanto, estavam em condições de poder ser implementados. Havia um conjunto de outros projetos que estavam em apreciação no urbanismo.



Só estava a falar do imobiliário, porque essa reunião tinha tido como objetivo, naturalmente, sensibilizar esses investidores no imobiliário, porque também, como era público, existiam outros investimentos de centenas de milhões de euros. Alguns deles já eram públicos e esses investimentos tinham o objetivo de trazer para Setúbal, dentro dos próximos anos, 1000 postos de trabalho e muitos desses postos de trabalho eram de técnicos superiores.

Pensavam que era importante que os investidores do imobiliário pudessem ter essa informação, pudessem, naturalmente, beneficiar desse investimento, naturalmente com o retorno que resultava dessa procura de habitação no concelho, um concelho qualificado, um concelho de referência em termos ambientais e em termos de qualidade de vida. Para eles, naturalmente, era de toda a importância que esses trabalhadores tivessem oferta de habitação no nosso território.

Esse era o quadro com que trabalhavam, situações concretas de problemas concretos que procuravam ultrapassar no dia-a-dia. Naturalmente que isso era uma preocupação para os partidos da oposição. Também compreendemos isso e, portanto, algumas propostas, algumas questões eram colocadas. Não tinham nada contra isso, cada um fazia o seu papel.

Era com muita tranquilidade que seguiam esse caminho e era nesse sentido que dizia que esperava que, no final do mandato, cada vez mais setubalenses e azeitonenses votassem naquele projeto e, naturalmente, não estivessem de acordo com essa forma de olhar para a gestão municipal que era uma gestão contrária aos interesses e ao desenvolvimento do território e, também, de quem cá vivia e tinha procurado ao longo daqueles anos, e continuava a procurar, viver em Setúbal.

Terminado aquela parte do período de antes da ordem do dia, passavam a um conjunto de saudações que os senhores vereadores dos vários partidos tinham apresentado. Começava pelos senhores vereadores do PSD.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que tinham três saudações. A primeira, relativamente ao aniversário do Vitória Futebol Clube. Era um clube icónico da cidade e do concelho e um emblema da região que iria celebrar os seus 112 anos no domingo seguinte, dia 20. Como tal, não queriam deixar de fazer essa referência.

Tinham um texto que não iria ler, para não ser exaustivo, mas não queriam deixar de assinalar esse facto, assim como o 14.º aniversário do Clube de Ténis de Mesa de Setúbal, bem como os 107 anos da Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de Setúbal.

Pensava que o texto que constava das respetivas saudações falava por si e, portanto, ficava ali a declaração dessas três saudações e, também, no fundo, realçar não só os parabéns a essas três instituições da cidade, mas, também, ao trabalho desenvolvido.

Foram apresentadas as seguintes saudações, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 8 a 10:

“Saudação

112.º Aniversário do Vitória Futebol Clube

O Vitória Futebol Clube, icónico Clube da nossa cidade e concelho e região de Setúbal, fundado a dia 20 de Novembro de 1910, comemora no próximo dia 20 do corrente mês a centenária idade de cento e doze anos.

O Vitória Futebol Clube é uma instituição de grande dimensão e é fundamental à vida como bandeira e orgulho da cidade, concelho e região de Setúbal. O amor dos associados e dos setubalenses ao Vitória vai passando de geração em geração, mas também ao País.

Além do Futebol existem outras modalidades tais como, Aikido, Andebol, Atletismo, Futsal, Ginástica, Judo, Karaté, KickBoxing, Taekwondo e Ténis de Mesa a que se juntou recentemente o Futebol Feminino.

O Vitória Futebol Clube aposta no desenvolvimento de um projecto de futuro, capaz de potenciar o seu prestígio desportivo, contribuindo decisivamente para a iniciação à prática desportiva e ao ensino do futebol e de outras práticas desportivas. Incentiva a aprendizagem

de valores sociais e humanos, cultivando noções de responsabilidade, promovendo uma maior ligação de identidade com o mais representativo Clube da região. Assim, os Vereadores eleitos pelo Partido Social Democrata na Câmara Municipal de Setúbal, reunidos a dia 16 de novembro de 2022, endereçam os parabéns ao Vitória Futebol Clube por mais um aniversário e pelo trabalho desenvolvido.”

*“Saudação
14.º Aniversário Clube de Ténis de Mesa de Setúbal
18/11/2008*

O Clube de Ténis de Mesa de Setúbal comemora o seu décimo quarto aniversário no próximo dia 18 de novembro de 2022

Saliente-se a recente prestação do atleta Eurico Silva, que pertence a esta coletividade e que esteve presente no Open da Grécia, para “Ténis de Mesa”, integrando a Seleção Nacional. Assim, os Vereadores eleitos pelo Partido Social Democrata na Câmara Municipal de Setúbal, reunidos a dia 16 de novembro de 2022, endereçam os parabéns ao Clube de Ténis de Mesa de Setúbal por mais um aniversário e pelo trabalho desenvolvido.”

*“Saudação
107.º Aniversário da Cruz Vermelha Portuguesa
Delegação de Setúbal*

A Delegação de Setúbal da Cruz Vermelha comemora, no próximo dia 21 de novembro de 2022, o seu centésimo sétimo Aniversário.

A Cruz Vermelha de Setúbal desenvolve diversos projetos com o objetivo de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Tendo em conta o contexto que Portugal se encontra e o aumento e intensificação da situação de vulnerabilidade, a Cruz Vermelha de Setúbal tem um papel decisivo no apoio humanitário aos que a si recorrem, de sua própria iniciativa, na área da saúde e proteção social, ou em colaboração com outras entidades, públicas ou privadas, na sua vocação estatutária de “auxiliar de poderes públicos”, defesa da vida, saúde e dignidade humana, melhoria das condições de vida dos mais vulneráveis, com insuficiência de condições sociais e económicas.

A Cruz Vermelha Portuguesa em geral e a Delegação de Setúbal dispõe desde 1998 um Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) protocolado com o Centro Distrital de Setúbal da Segurança Social a idosos e/ou dependentes, maioritariamente residentes nas Freguesias de S. Sebastião, Sado e Gâmbia-Pontes-Alto da Guerra.

Assim, os Vereadores eleitos pelo Partido Social Democrata na Câmara Municipal de Setúbal, reunidos a dia 02 de novembro de 2022, endereçam os parabéns à Cruz Vermelha Portuguesa Delegação de Setúbal por mais um aniversário e pelo trabalho desenvolvido.”

Sr. Presidente – Disse que tinham documentos e propostas apresentadas pelo Partido Socialista. Pedia aos senhores vereadores para os apresentarem.

Sr. Vereador Vítor Ferreira – Disse que, à semelhança do que vinham fazendo, iriam tentar fazer, com o consentimento do Sr. Presidente, uma leitura mais abrangente. No fundo, eram saudações, algumas delas a campeões, mas, vendo bem, mesmo aqueles de que referiam o aniversário acabavam por ser vencedores, porque eram sinónimos de resiliência e de luta pela afirmação daquilo que era o associativismo e daquilo que era, naturalmente, o sentido deles enquanto setubalenses.

Iria começar por referir o campeão mundial de canoagem Luís Ventura, que, numa prova que tinha envolvido 500 atletas, nos trazia um campeonato e trazia-nos uma vitória bonita, alguém que tinha concorrido nos “masters” entre os 40 e os 44 anos e, depois, tinham mais dois campeões, embora de gerações diferentes, a Inês Lucas Mariani, que era uma campeã

mundial de "kickboxing" de 23 anos - portanto, era uma geração diferente, mas era, igualmente, uma campeã mundial – e, depois, o João Pedro Cruz, que, com 13 anos, também ele representando o Clube de Patinagem do Sul, se tinha sagrado campeão europeu no escalão de iniciados. E, se fossem ver os seus currículos, eles eram campeões recorrentes, eram vencedores recorrentes.

Depois, havia uma saudação, também, a Nuno Medeiros, que era o vencedor da 5.ª Edição do Prémio de História Alberto Sampaio. Sendo ele, também, licenciado em História, fazia uma vénia a um currículo fantástico, de alguém que era mestre em Sociologia Histórica e com um doutoramento em Sociologia e que ganhava um prémio com a apresentação do trabalho intitulado *"Edição para o Grande Consumo em Portugal: Um século de Romano Torres"*. Era um tipo de vitória diferente, numa modalidade diferente, mas era igualmente importante para a afirmação da nossa cultura e das nossas gentes.

Depois, os aniversários: A COSAP - Federação Concelhia de Setúbal das Associações de Pais, que comemorava o seu 26.º aniversário. Aproveitava, também, para reforçar a ideia da importância da participação dos pais nas comunidades educativas. Tinha sido sempre importante. Atualmente, devido àquilo que eram, também, os nossos constrangimentos pelo enquadramento que vivíamos ao nível social e económico, era, até, mais importante do que nunca. Uma saudação para eles, para aqueles pais que se envolviam e os ajudavam a eles, professores. Desculpassem-lhe fazer uma referência pessoal, mas os professores não atingiam objetivos sem a ajuda dos pais. Portanto, uma referência muito especial à Federação Concelhia de Setúbal das Associações de Pais.

Um aniversário também a assinalar com a Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Setúbal, mais um grupo de gente que ajudava a termos uma imagem e um resultado mais positivo naquilo que era a nossa afirmação enquanto civilização. Uma saudação à Cooperativa de Habitação e Construção Económica Bem Vinda a Liberdade. A habitação era, efetivamente, um bem maior. Às vezes, falávamos muito em liberdade, mas a liberdade, para ser real, pressupunha condições de vida e a questão da habitação digna era muito importante e tínhamos uma cooperativa que tinha feito esse trabalho, que tinha feito esse caminho e que comemorava mais um aniversário.

O aniversário do Club Setubalense, o 167.º aniversário. Já ia nos 63 anos e ficava sempre satisfeito quando encontrava uma instituição um bocadinho com mais idade do que ele, portanto, naquele caso, fazia-lhe a vénia também pela resiliência e pela marca que tinha deixado ao longo desses anos.

O aniversário, também, da Academia de Rugby Club Setúbal. Era mais novinha, tinha 11 anos, mas tinha força, tinha vida e fazia pelo desporto e, também, o aniversário da Academia Futsal Estrelas de Setúbal, pelo seu 8.º aniversário. Eram, como costumava dizer, e pensava que todos se associariam, a força das nossas gentes, a força da nossa terra, um espelho da nossa vitalidade a nível daquilo que, naquele caso, era o desporto, mas também tinham visto que havia outros setores da vida das gentes que estavam bem representados nas saudações daquele dia.

Foram apresentadas as seguintes saudações, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 11 a 20:

"Saudação

Luís Ventura, Campeão Mundial de Canoagem de Mar

O atleta setubalense, canoísta e dirigente do Clube Canoagem de Setúbal, Luís Ventura sagrou-se Campeão Mundial de Canoagem de Mar, na categoria "Masters – 40 aos 44 anos, ao vencer no "ICF Ocean Racing World Championship 2022", competição mundial que contou com a participação de mais de 500 atletas.

A prova, que se realizou entre a Praia do Coral (Viana do Castelo) e a Praia de Ofir (Esposende), contou com a participação de 20 atletas, contras os quais Luís Ventura assegurou o primeiro lugar no pódio.

O atleta venceu também, no passado dia 5 de novembro, a competição internacional "Madeira Ocean Challenge", na categoria "SS1 Masters A", organizada pela Associação Regional de Canoagem da Madeira.

Os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam o atleta Luís Ventura e o Clube de Canoagem de Setúbal pelas conquistas, reconhecendo o seu importante papel para o enaltecimento e desenvolvimento desportivo do concelho de Setúbal, fazendo votos de continuação do trabalho."

"Saudação

Maria Inês Lucas Mariani, Campeã Nacional de Kickboxing

A jovem atleta setubalense, Maria Inês Lucas Mariani, de apenas 23 anos, conquistou a medalha de ouro em Kemer, na Turquia, sagrando-se campeã do Mundo de Kickboxing da ISKA.

A atleta teria já conquistado, em abril deste ano, o cinturão de K1 da Federação Portuguesa de Kickboxing e Muaythai, título nacional de kickboxing.

Reconhecendo o seu importante contributo para o desenvolvimento desportivo e enaltecimento do concelho de Setúbal, os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam Maria Mariani pela conquista, fazendo votos de continuação do bom trabalho."

"Saudação

João Pedro Cruz, Campeão Europeu de Patinagem Artística

João Pedro Cruz, atleta do Artwheels - Clube Patinagem do Sul, de apenas 13, sagrou-se Campeão Europeu no escalão de iniciados na modalidade de patinagem artística, ao vencer Taça da Europa de Livres e Pares.

O jovem atleta setubalense, da freguesia de S. Sebastião, representou Portugal pela Federação de Patinagem, na competição que decorreu em Roccaraso, Itália, e que contou com a participação de mais de 150 atletas oriundos de nove países.

Em 2021, João Cruz chegou perto do pódio na Taça da Europa, tendo ficado a escassos pontos de atingir o Bronze, e conquistou já nesta época os títulos de Campeão Distrital e de Campeão Nacional.

Os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam o João Pedro Cruz pela conquista, reconhecendo o seu importante papel para o enaltecimento e elevação do concelho de Setúbal, fazendo votos de continuação do trabalho."

"Saudação

Nuno Medeiros, vencedor do Prémio de História Alberto Sampaio

Nuno Miguel Ribeiro de Medeiros, sociólogo e investigador setubalense, licenciado em Sociologia, mestre em Sociologia Histórica e com um doutoramento em Sociologia, com uma extensa carreira académica, é o vencedor do Prémio de História Alberto Sampaio 2022.

Este prémio, destinado a promover o desenvolvimento de estudos na área da História Social e Económica, resulta de uma iniciativa conjunta dos municípios de Braga, Famalicão e Guimarães e da Sociedade Martins Sarmento, com responsabilidade científica da Academia das Ciências de Lisboa.

Nuno Medeiros venceu assim a 5.º edição do Prémio, com a apresentação do trabalho intitulado "Edição para o Grande Consumo em Portugal: Um século de Romano Torres (1885/86-1990)". No entendimento do júri, "o trabalho premiado surge de uma investigação histórica inovadora e aprofundada sobre um tema de relevância económica, social e cultural, ao procurar conhecer os processos sobre a produção editorial, a criação do livro e a sua circulação no mercado como objeto de consumo".

Neste sentido, os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam Nuno Medeiros pelo prémio, reconhecendo o seu importante contributo para o enaltecimento e elevação do concelho de Setúbal, fazendo votos de continuação do bom trabalho."

"Saudação

Aniversário da COSAP – Federação Concelhia de Setúbal das Associações de Pais

As associações de pais têm um importante papel na defesa e promoção dos interesses dos educandos, bem como na defesa de uma educação e ensino de qualidade. São parte integrante da comunidade educativa e contribuem de forma ativa para o seu desenvolvimento. A COSAP é exemplo disso mesmo, tem contribuindo para o desenvolvimento e promoção do ensino de qualidade no concelho de Setúbal, através de iniciativas próprias, bem como em colaboração com outras entidades, em prol do bem comum e da comunidade educativa. Fundada em 1996, tem por sua vez o objetivo de fomentar a cooperação e o movimento associativo parental, promovendo o contacto entre as várias associações de pais do concelho de Setúbal.

Neste sentido, os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam a COSAP pelo seu 26.º aniversário, bem como todos os pais e encarregados de educação que contribuem para a sua atividade, fazendo votos de continuação do bom trabalho."

"Saudação

Aniversário a Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Setúbal

A APPACDM – Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Setúbal, celebrou no dia 9 de novembro o seu 52.º aniversário.

Fundada em 1970, a APPACDM é uma Instituição Particular de Solidariedade Social vocacionada, primordialmente, para a área da deficiência intelectual, que ao longo dos anos sofreu uma integração gradual na comunidade setubalense, tendo-se constituído como um importante ator, promotor e dinamizador cultural, desportivo e social no concelho de Setúbal. Oferece um leque variado de respostas sociais, com o propósito principal de contribuir para construção de uma sociedade inclusiva.

Segundo o relatório "Pessoas com Deficiência em Portugal - Indicadores de Direitos Humanos 2021" do Observatório da Deficiência e Direitos Humanos, publicado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa, foram apresentadas no ano de 2020 em Portugal, 1023 queixas por discriminação com base na deficiência ou risco agravado de saúde, o que constitui um decréscimo de cerca de 20% face a 2019.

Na área do Emprego e do Trabalho em 2020, em Portugal, a disparidade na taxa de emprego entre pessoas com e sem deficiência era de 18,2 pontos percentuais e contrariamente ao que se verificou na população em geral, em dezembro de 2021 o total de pessoas com deficiência inscritas como desempregadas continuava a aumentar. Já na Educação, verificou-se um aumento do número de estudantes com deficiência a frequentar o ensino superior no ano letivo 2020/21. Quanto à Proteção Social e Condições de Vida, apesar da descida que se vem verificando desde 2016, em Portugal, em 2020, a taxa de risco de pobreza ou exclusão social em agregados de pessoas com deficiência (16–64 anos), era ainda 11,7 p.p. superior ao dos agregados da população em geral e os agregados de mulheres com deficiência (26,8%) e os agregados de pessoas com deficiência grave (31,5%) eram os grupos que enfrentava o maior risco de pobreza ou exclusão social.

O aumento da discriminação, violência e pobreza em pessoas portadoras de deficiência e nas suas famílias, foi proporcionado nos últimos dois anos pela pandemia de Covid-19, que limitou e impediu por vezes o acesso a respostas fundamentais.

Torna-se assim claro a necessidade do imprescindível trabalho realizado por entidades como a APPACDM, para o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais inclusiva, no

combate à discriminação e violência, e na promoção da qualidade de vida e bem-estar de pessoas portadoras de deficiência, seja no desenvolvimento das suas capacidades, competências e interesses ou no alcance dos seus objetivos e sonhos.

Neste sentido, os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam a APPACDM – Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Setúbal pelo seu aniversário, bem como todos aqueles e aquelas que contribuem para sua atividade, fazendo votos de continuação do bom trabalho.”

“Saudação

Aniversário Cooperativa de Habitação e Construção Económica Bem-vinda a Liberdade

Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, as cooperativas de habitação e construção foram importantes instrumentos para o acesso à habitação digna.

Em Portugal, a habitação é um direito é um direito constitucional consagrado no artigo 65.º e na Lei de Bases da Habitação, aprovada em setembro de 2019, que incumbem ao Estado o seu garante através da descentralização administrativa, subsidiariedade e cooperação, reforçando uma abordagem de proximidade, por políticas públicas, bem como de iniciativas privada, cooperativa e social.

A Cooperativa de Habitação e Construção Económica Bem-vinda Liberdade, fundada no dia 13 de novembro de 1975, foi desta forma um importante instrumento na promoção do acesso à habitação digna no concelho de Setúbal, tendo contribuído para o seu desenvolvimento social, bem como para o bem-estar e qualidade de vida da população, no combate à carência habitacional.

Neste sentido, os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam a Cooperativa de Habitação e Construção Económica Bem-vinda Liberdade pelo seu 47.º aniversário, fazendo votos de continuação do bom trabalho, em prol da causa pública e da comunidade.”

“Saudação

Aniversário do Club Setubalense

É uma das coletividades centenárias do concelho de Setúbal, bem como a mais antiga.

O Club Setubalense, fundado em 1855, celebrou o seu 167.º aniversário no dia 12 de novembro.

Constituiu-se ao longo das décadas enquanto um símbolo e ícone do movimento associativo e cultural do concelho de Setúbal. Continua assim, a contribuir de forma inestimável, para o desenvolvimento cultural do concelho, bem como para a formação artística das crianças, jovens e adultos que a procuram, nomeadamente através da Escola de Dança e de Música Clássica.

Os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam o Club Setubalense pelo seu aniversário, bem como todos aqueles e aquelas que contribuem para a continuação da sua atividade, reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento cultural do concelho de Setúbal.”

“Saudação

Aniversário da Academia de Rugby Club Setúbal

Fundada a 11 de novembro de 2011, a Academia de Rugby Club Setúbal celebrou o seu 11.º aniversário.

Criada enquanto um projeto desportivo dedicado à formação de atletas na modalidade, tem um importante papel no desenvolvimento desta no concelho de Setúbal, com base na sua

participação em provas e campeonatos a nível nacional, mas também com a sua presença em iniciativas desportivas internacionais.

Com forte presença na comunidade a Academia desenvolve atividades de cariz lúdico e recreativo que envolvem toda a população, como é caso da Regata da Baía do Sado em Banheiras e Insólitos.

Com uma importante consciência social foi um dos grandes promotores e organizadores de iniciativas de apoio ao povo ucraniano desde a invasão e início da guerra na Ucrânia.

Neste sentido e reconhecendo a importância do movimento associativo para o desenvolvimento desportivo e para a promoção do bem-estar e qualidade de vida no concelho de Setúbal, os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam a Academia de Rugby Club Setúbal pelo seu aniversário, fazendo votos de continuação do bom trabalho."

"Saudação

Aniversário da Academia Futsal Estrelas de Setúbal

A Academia Futsal Estrelas de Setúbal celebrou o seu 8.º aniversário.

Fundada em 2014, a Academia tem como objetivo incentivar a prática desportiva e permitir a aprendizagem da modalidade de futsal ao maior número possível de crianças e jovens.

O incentivo à prática desportiva das camadas mais jovens da sociedade é importante não só para a promoção da sua saúde física e mental, no estímulo a adoção de um estilo de vida saudável, mas também para a aprendizagem de valores e desenvolvimento de competências e capacidades essenciais para a vida em comunidade.

Reconhecendo o importante papel do movimento associativo no desenvolvimento desportivo, mas também na formação das crianças e jovens, os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista saúdam e felicitam a Academia Futsal Estrelas de Setúbal pelo seu aniversário, fazendo votos de continuação do bom trabalho."

Sra. Vereadora Patrícia Paz – Leu as seguintes saudação e moção, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 21 e 22:

"Saudação

33.º Aniversário da Queda do Muro de Berlim

Construído de forma a impedir que os alemães de leste escapassem para o Ocidente, o Muro de Berlim foi um dos símbolos da Guerra Fria e de opressão na Europa, que dividiu e separou famílias.

Com a criação oficial de dois territórios alemães em 1949, a RDA foi devastada pela pobreza e arrasada com a fuga de milhares de cidadãos. Cerca de 1700 pessoas procuravam diariamente o estatuto de refugiados e entre 1949 e 1961, cerca de 3 milhões de cidadãos viajaram entre ambos os lados do Muro, levando ao fecho da fronteira com a Alemanha Ocidental – a Europa "Livre".

Foram então construídas, em 1961, barreiras e cercas, isolando os pontos de entrada em Berlim Leste, e erguido o Muro de Berlim, dividindo a cidade em pouco mais de 43 km de extensão e dividindo a restante Alemanha do Leste em mais de 120 km, protegido com arame farpado, soldados, cães de guarda e milhares de minas terrestres.

Entre 1961 e 1989, mais de 5000 pessoas conseguiram escapar e pelo menos 171 morreram a tentar atravessar o Muro, em busca de Liberdade.

Foi no dia 9 de novembro de 1989, que o Muro de Berlim caiu pelas mãos de dezenas de milhares de cidadãos de ambos os lados, que celebrando, começaram literalmente a derrubar o Muro, tornando-se um símbolo sem fronteiras da luta pela Democracia.

Este dia recorda-nos da importância da luta continua pelos valores da Liberdade, Democracia e Igualdade, bem como pelos Direitos Humanos, num mundo em que estes são

constantemente colocados em causa em nome da ideologia de alguns e da agenda política de outros.”

*“Moção
Igualdade Salarial*

A Igualdade de Género é 5.º Objetivo dos ODS – Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, definidos pela Organização das Nações Unidas. Deste fazem parte diversas metas, que têm na sua génese a eliminação de toda e qualquer forma de discriminação com base no género.

Em Portugal, apesar das diversas medidas implementadas com o objetivo de combater a desigualdade de género, esta continua a persistir nas demais áreas da vida em sociedade, incluindo no trabalho e emprego.

A realidade é que, em Portugal, trabalho igual ainda não significa salário igual.

Segundo o Barómetro das Diferenças Remuneratórias entre Mulheres e Homens, publicado pelo Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP), a diferença salarial entre homens e mulheres é de 13,3%, o que corresponde a 45,54 dias, ou seja, seria como se as mulheres deixassem, até ao final do ano, de ser pagas pelo seu trabalho. Estes dados representam um retrocesso relativamente a anos anteriores. Teríamos que recuar 16 anos, até 2006, para chegar ao valor mais baixo no que toca à desigualdade salarial entre homens e mulheres.

São as mulheres que têm maior taxa de risco de pobreza, em parte devido à desigualdade salarial. Apesar de, sucessivamente, terem vindo a ser implementadas medidas com o objetivo de combater este problema, como é exemplo a Lei n.º 60/2018, de 21 de agosto, que entrou em vigor em 2019 e que criou, pela primeira vez, mecanismos de efetivação do princípio do salário igual para trabalho igual ou de igual valor e da proibição da discriminação salarial em razão do sexo.

Na base destas assimetrias estão os predominantes estereótipos e papéis de género, que ainda persistem na nossa sociedade. Existem diversas causas que contribuem para esta diferença, uma das quais é o facto de as mulheres dedicarem mais tempo ao trabalho não remunerado – cuidados familiares e cuidados com a casa – do que os homens. Tarefas que continuam essencialmente a ser desempenhadas pelas mulheres e que fazem com que muitas vezes, e por força disso, estas fiquem com menos tempo disponível para o trabalho remunerado.

Apesar do alargamento da licença parentalidade, que promove a igualdade entre pai e mãe, a maternidade é um também um fator determinante para as desigualdades salariais que existem e para a própria discriminação no mercado de trabalho.

No concelho de Setúbal, os últimos dados disponíveis da PORDATA referentes ao período pré-pandémico, indicam que a diferencial salarial média entre homens e mulheres ultrapassaria os 300 euros.

Já a pandemia de Covid-19 teve um impacto negativo, aumentando as disparidades salariais existentes, bem como a precariedade laboral e o agravar das responsabilidades associadas ao trabalho não remunerado, já experienciados pelas mulheres.

A disparidade salarial é mais uma forma de discriminação e desigualdade social, que não se restringe à realidade portuguesa e que urge combater.

Assim, perante o exposto os Vereadores eleitos pelo Partido Socialista apelam a que a Câmara Municipal de Setúbal:

- Se associe à luta pela igualdade salarial entre mulheres e homens;*
- Promova ações de sensibilização e campanhas no sentido da promoção da igualdade salarial, como um direito social fundamental, em particular junto das entidades empregadoras com quem tem relação.”*

Sr. Presidente – Disse que tinham um outro conjunto [de saudações] e pediu ao Sr. Vereador Pedro Pina para também dar conta das mesmas.

Sr. Vereador Pedro Pina – Disse que, então, considerando a sugestão que tinha sido feita, iria também fazer uma leitura breve. Apenas queria dar nota que a Câmara Municipal, sem prejuízo, obviamente, daquilo que era o propósito das bancadas, de saudar, congratular, parabenizar todas as instituições e de mais datas que ali traziam, saudava e parabenizava todos os clubes, associações e instituições da cidade, fazendo chegar essa informação por via de uma carta dirigida, personalizada, do Sr. Presidente a todas essas instituições.

Portanto, a razão que hoje os trazia ali era porque se tratava de mais de 300 anos de história, que, no conjunto dessas três instituições, que celebravam, curiosamente e seguidamente, no dia 20, dia 21 e dia 22 de novembro, todas elas centenárias, os seus aniversários, e, por isso, também essa extraordinária coincidência e o extraordinário legado histórico que deixavam na cidade.

Começavam, exatamente, pela ordem em que sinalizavam as suas datas de aniversário e, como não poderia deixar de ser, uma saudação ao aniversário 112.º aniversário do Vitória Futebol Clube, instituição centenária, instituição que representava os maiores valores desportivos da cidade. A Câmara Municipal de Setúbal seria sempre – e afirmava-o! – um parceiro indiscutível na vida desse clube e, por isso, não podiam deixar de dirigir a todos aqueles que, ao longo dessa vida longa, dirigentes, técnicos, atletas, funcionários, associados e colaboradores tinham elevado bem alto o nome da cidade, o nome do Vitória para lá de fronteiras, para além daquilo que eram as fronteiras locais e regionais e, por isso, [tinham] um orgulho enorme nessa instituição que fazia de Setúbal uma cidade também maior.

Uma saudação à Sociedade Musical Capricho Setubalense, ela também uma instituição centenária – 155 anos –, uma instituição que se pautava pelos valores da Cultura, que tinha sido constituída ainda antes da República e, por isso, não podiam também deixar de ali dar essa referência, ela que também tinha sido uma instituição capaz de se renovar e inovar e exemplo disso era a mais recente criação da Escola de Jazz Setubalense. Por isso, ali ficavam os parabéns à Sociedade Musical Capricho Setubalense.

Por fim, porque também já tinha sido ali referido, à Delegação de Setúbal da Cruz Vermelha Portuguesa, esta instituição também ela centenária e com um papel indelével, também, na vida e no apoio humanitário da cidade, a quem deixavam ali aquela saudação pelo seu 107.º aniversário, que seria celebrado na segunda-feira seguinte, dia 21 de novembro.

Por fim, a Maria Inês Mariani, campeã do mundo de K1, uma atleta setubalense que tinha competido na categoria de -70 quilos numa competição que decorreu na Turquia e, por isso, a Câmara Municipal de Setúbal congratulava-se. Essa, como muitas outras vitórias que os atletas setubalenses, na grande maioria atletas que também representavam os nossos clubes, eram, obviamente, mérito dos técnicos, das instituições, das suas famílias, mas permitissem-lhe, também, do esforço e do empenho da Câmara Municipal de Setúbal, de também contribuir para que esse sucesso fosse e acontecesse da forma como tinha acontecido.

Foram apresentadas as saudações seguintes, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 23 a 26:

*“Saudação
112.º aniversário Vitória Futebol Clube*

A Câmara Municipal de Setúbal saúda o Vitória Futebol Clube pela passagem de mais um aniversário, data que se assinala no próximo domingo, dia 20 de novembro.

São 112 anos de história daquele que é, sem sombra de dúvidas, o maior embaixador da cidade e da região, que em imensas ocasiões e com imenso orgulho gravou o seu nome com letras de ouro na história do desporto nacional e internacional.

Apesar dos tempos que correm não serem fáceis, o Vitória tem sabido, através dos seus dirigentes e associados, lutar contra as adversidades, mantendo a garra e a mística que caracterizam este clube secular.

Um clube eclético, com centenas de atletas nas mais variadas modalidades desportivas que o representam com dignidade ao mais alto nível aquém e além-fronteiras, defendendo as suas cores com galhardia, respeito e dedicação.

A Câmara Municipal de Setúbal foi, é e será sempre um parceiro do Vitória! Porque a vida do clube se funde com a vida da cidade e porque qualquer setubalense, mesmo que não seja associado, se sente vitoriano em Setúbal ou em qualquer parte do mundo.

Aos dirigentes, técnicos e atletas, funcionários e colaboradores, mas muito em particular à massa associativa do Clube, a Câmara Municipal de Setúbal endereça os mais sinceros parabéns pela passagem de mais um aniversário. E faz votos de que o futuro possa trazer muitas alegrias e motivos de orgulho e satisfação que espelhem a história vivida ao longo destes 112 anos.

Parabéns, Vitória Futebol Clube!"

"Saudação

155.º Aniversário Sociedade Musical Capricho Setubalense

A Câmara Municipal de Setúbal saúda a Sociedade Musical Capricho Setubalense pela passagem do seu 155.º aniversário.

Fundada a 22 de novembro de 1867, "A Velhinha", como é carinhosamente apelidada, nasceu da junção de dois grupos locais: "Os vermelhos" e "Os Amarelos".

A sua génese musical desenhou-lhe a história e são muitos os momentos em que a sua música se fez notar e representar.

Desde a inauguração da estátua de Bocage, à visita do Rei D. Carlos a Setúbal, em 1892, os sons da Banda da Sociedade Musical Capricho Setubalense marcaram o ritmo da história.

As décadas de 60/70 do século passado assistiram ao desmembramento da banda fruto da ida de muitos jovens para outras paragens em busca de uma vida melhor.

Em 1977, com a criação da Escola de Música, regressam os grandes momentos de alegria e animação cultural. Uma escola que contou com a participação nas suas fileiras de músicos como os maestros Azóia ou Ferrer Trindade e que, ao longo dos anos, ensinou a centenas de jovens, e não só, a arte de tocar um instrumento musical.

Hoje, a Capricho Setubalense é muito mais que uma sociedade musical. É um parceiro atento da vida da cidade, socialmente ativo e empenhado.

Em constante adaptação aos novos tempos, a Capricho tem sabido reinventar-se e adaptar-se, nunca esquecendo a sua origem musical, mas atuando também noutras vertentes culturais.

Aos seus dirigentes, sócios e simpatizantes, a Câmara de Setúbal endereça votos de parabéns e longa vida.

Sem esquecer todos aqueles que ao longo destes 155 anos mantiveram acesa a chama da "Velhinha", a autarquia deseja que os tempos vindouros sejam tão ou mais ricos que aqueles que tão boas memórias e razões de orgulho se escreveram na história desta secular coletividade.

Parabéns à Capricho!"

"Saudação

107.º Aniversário da Delegação de Setúbal da Cruz Vermelha Portuguesa

A Câmara Municipal de Setúbal saúda a Delegação de Setúbal da Cruz Vermelha Portuguesa pela passagem do seu 107.º aniversário.

Fundada em 21 de novembro de 1915, a 41ª delegação da Cruz Vermelha a ser criada em Portugal, continua a ser uma referência no Concelho de Setúbal no apoio e na prestação de serviços aos mais necessitados, horando sempre os ideais que presidiram às bases da constituição deste movimento humanitário por Henry Dunant.

A Cruz Vermelha tendo como base os seus ideais de Humanidade, Imparcialidade, Neutralidade, Independência, Voluntariado, Unidade e Universalidade tem sido um dos agentes fundamentais do progresso e desenvolvimento do Concelho assegurando serviços fundamentais à harmonia e conforto dos nossos munícipes.

A Câmara Municipal de Setúbal saúda todos os que ajudaram e ajudam, com todo o seu empenho a manter a grandiosidade desta instituição, em particular os-seus trabalhadores e dirigentes."

*"Saudação
Maria Inês Mariani*

A Câmara Municipal de Setúbal saúda a atleta Maria Inês Mariani pela recente conquista da medalha de ouro no Campeonato do Mundo de Kickboxing, organizado ISKA - International Sport Kickboxing Association, entre os dias 31 de Outubro e 6 de Novembro.

A lutadora setubalense, da equipa Henrique Diogo TEAM, alcançou o lugar mais alto do pódio na categoria k1 -70 kg na competição que decorreu na cidade de Kemer, na Turquia.

A autarquia apresenta os seus parabéns à atleta e ao seu treinador e reforça os votos de continuação do excelente trabalho desenvolvido em prol da modalidade."

Sr. Vereador Vítor Ferreira – Disse que era para dizer que a bancada do PS se associava às saudações e, naturalmente, acompanhava, também, essa referência em que se falava daqueles que, incluindo a Câmara Municipal, trabalhavam para o sucesso daquilo que era o trabalho dessas pessoas e dessas instituições.

B) PERÍODO DA ORDEM DO DIA

1. Deliberação n.º 3776/2022 – Proposta n.º 34/2022 – GAP – Autorização para financiamento bancário de curto prazo dos Serviços Municipalizados de Setúbal para 2023

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documento anexo registados sob os n.ºs 27 a 31.

Sr. Presidente – Disse que, como era sabido, os Serviços Municipalizados de Setúbal estavam constituídos e iriam assumir a responsabilidade da gestão das águas, do saneamento e dos resíduos da Câmara Municipal a partir de 18 de dezembro. Portanto, o que se propunha à Câmara Municipal era que autorizasse um empréstimo.

No fundo, era um empréstimo chamado empréstimo de tesouraria, no sentido de que pudessem, pelo menos nos primeiros meses do ano, fazer face, naturalmente, às questões financeiras que se colocavam.

Como também sabiam, e como o próprio nome indicava, era um empréstimo de curto prazo e, portanto, teria de estar concluído até ao dia 31 de dezembro de 2023. Tratava-se de um empréstimo no montante de 3 milhões de euros.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que era para duas breves notas relativamente à proposta. A primeira dizia respeito ao anexo 3, da nomeação do júri, onde se referia uma contratação de até 8 milhões de euros. Pensava que isso fosse reflexo do facto de aquele documento ser uma duplicação da nomeação do júri que iria avaliar, também, as propostas para a contratação do empréstimo de curto prazo da Câmara Municipal, que iriam votar mais à frente. Portanto, solicitava que fosse feita esta correção, para fazerem a votação.

Depois, queria colocar também uma questão no que respeitava aos critérios de avaliação previstos na cláusula 11.ª do caderno de encargos e que se limitavam ao serviço da dívida, aos juros suportados quando, em contratos daquela natureza era comum a cobrança de comissões, que pesavam, naturalmente, no custo do empréstimo e que podiam enviesar uma análise mais simplista, se considerassem, apenas, o serviço da dívida, tendo em consideração que, sendo um empréstimo de curto prazo, o peso das comissões naquilo que era o custo efetivo do empréstimo acabava por ser mais significativo do que se estivessem a falar de um empréstimo de médio ou longo prazo, em que essas comissões seriam naturalmente, diluídas ao longo do tempo e o peso dos juros seria mais relevante do ponto de vista do custo global da operação.

Sr. Presidente – Disse que, de facto, tinha havido um lapso no encaixe dos documentos, mas, como também era óbvio e estava em todos os outros documentos, tratava-se de um empréstimo no valor de 3 milhões de euros.

Relativamente às questões que o senhor vereador tinha colocado, acreditava que os critérios eram os mesmos que tinham seguido os pedidos de empréstimo que a própria Câmara Municipal tinha solicitado todos os anos, também. Pensava que não havia alteração relativamente a esses critérios. Portanto, não lhe parecia que isso fosse uma questão fora daquilo que era normal.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que, sem prejuízo daquilo que seria o sentido de voto do Partido Socialista naquela proposta, diria que, apesar de terem como prática definida a definição de determinados critérios, que eram os mesmos que estavam vertidos na proposta em análise, não queria dizer que não pudessem melhorar para propostas futuras os critérios de tomada de decisão, os critérios de análise. Portanto, era nesse sentido que a questão tinha sido colocada.

Sr. Presidente – Disse que não sabia se o Sr. Vereador Carlos Rabaçal queria colocar alguma questão. Não tinha tido isso em conta, naturalmente, porque lhe parecia que... Não tinha informação para além disso.

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Disse que os critérios eram os que eram habitualmente utilizados. Se havia alguma observação poderiam ponderar para futuros empréstimos, não era esse o problema. Em relação à necessidade do empréstimo, visava resolver o problema da gestão dos primeiros meses dos Serviços Municipalizados, na medida em que esses serviços começavam com 0 cêntimos no dia 18. Portanto, essa era a realidade.

Tinha sido feita uma outra proposta, também, de um apoio do Município de 200 mil euros para os primeiros 14 dias, depois os 3 milhões seriam para suportar 3, 4, 5 meses. Pensavam que começariam a faturar em fim de janeiro, fevereiro, março e que em abril entrariam em velocidade de cruzeiro e, portanto, esse empréstimo seria rapidamente devolvido, visto que era um empréstimo para pagar no ano, não era um empréstimo de mais longo prazo, era de curto prazo. Era para pagar durante o ano de 2023. Portanto, era esse o objetivo. Acreditava que era uma matéria que, tendo em conta a faturação normal dos Serviços Municipalizados, se resolveria muito facilmente durante o ano de 2023.

Sr. Presidente – Disse que o Sr. Vereador Joel Marques, pelo que se tinha apercebido, tinha uma proposta a fazer relativamente aos critérios. Se tivesse, agradecia que a colocasse.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que tinha questionado porque é que o critério previa apenas a análise daquilo que era o serviço da dívida, ou seja, apenas os juros e não incluía também, na sua análise, aquilo que pudessem ser eventuais comissões que fizessem parte das propostas, na medida em que sendo um empréstimo de curto prazo, que seria liquidado no prazo de um ano, o peso das comissões naquilo que era o custo final do empréstimo

acabava por ser mais significativo do que se tivéssemos na presença de um empréstimo de médio e longo prazo.

Não tinham feito uma proposta de alteração. Tinha colocado uma questão e deixavam a sugestão para que, no futuro, quer nos empréstimos de curto prazo do Município, quer nos empréstimos de curto prazo que pudessem vir a ser necessários para os Serviços Municipalizados, essa questão pudesse, eventualmente, ser tida em consideração.

Sr. Presidente – Disse ao senhor vereador que aquelas questões, de facto, não eram a área que dominava, mas, relativamente à questão que tinha colocado, a dizer que, para além do serviço da dívida, deveria também contemplar comissões e outras, a informação técnica que tinha sido dada era que o serviço da dívida incluía tudo isso. Portanto, era informação técnica que tinha e mais do que isso não sabia dizer. A informação técnica que tinha era essa. Também tinha a ideia de que, ao longo dos anos, esses empréstimos a que a Câmara Municipal tinha recorrido eram baseados sempre nos mesmos critérios e, até àquele momento, não tinha havido problema nenhum relativamente a isso. Pelo menos não tinha nenhuma informação que pusesse em causa essa questão.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que o Caderno de Encargos, cláusula 14.ª, “Critérios de Avaliação”, ponto 1, “Custo com o serviço da dívida”, alínea a): “Ponderação do critério na avaliação global – 100%”; alínea b): “Consideram-se custos com o serviço da dívida os valores a suportar relativos a juros, não sendo previstos quaisquer encargos adicionais”.

Portanto, da leitura daquilo que eram os critérios de avaliação que constavam no caderno de encargos, resultava claro que, para o serviço da dívida, naquele caso, não seriam consideradas eventuais comissões, mas, exclusivamente, os juros. Como tinha dito, o facto de não estar incluído um critério adicional que refletisse aquilo que seriam as comissões a pagar com o empréstimo, sendo que até existia a possibilidade de não serem cobradas comissões, depois dependeria das ofertas que cada instituição financeira entendesse fazer, mas o facto de não estarem considerados poderia levar a que houvesse um enviesamento quanto àquilo que seria a análise, tendo em vista o custo global do empréstimo.

Ora, isso não punha em causa nem alterava aquilo que seria o sentido de voto deles e, portanto, tinham querido deixar essa nota, porque consideravam que era importante que o custo global do empréstimo fosse refletido naquilo que eram os critérios de avaliação naquele tipo de empréstimos, naquelas propostas, e, portanto, deixavam essa nota, para que, futuramente, noutros empréstimos a contratar, esse pudesse ser um critério a ser incluído.

Sr. Presidente – Disse ao senhor vereador que aquelas não eram as áreas que dominava, mas estava a lembrar-se que mais à frente haveria uma proposta que tinha a ver exatamente com um empréstimo para investimentos da Câmara Municipal e, nessa proposta, excluía-se as propostas que não se limitassem aos juros e, portanto, todas as outras componentes saíam.

Quem apresentasse propostas com essas componentes teria a proposta excluída, portanto, era determinante, relativamente às consultas que eram feitas às instituições bancárias que, ao apresentarem propostas que saíssem desse quadro, elas não fossem contempladas.

Embora não sendo do domínio da sua área, estava recordado de que, numa proposta mais à frente, essa questão era considerada e havia instituições que apresentavam propostas que tinham outras componentes para além dos juros e, portanto, elas, naturalmente, não seriam consideradas ou seriam consideradas negativamente na avaliação.

Portanto, pensava que, por isso, estava esclarecida a questão e, portanto, se não houvesse mais nenhuma questão, punha a proposta à consideração dos senhores vereadores.

Submetida a votação foi a proposta aprovada por maioria, com 5 votos a favor, da CDU, e 5 abstenções, 4 do PS e 1 do PSD.

427/123


2. Deliberação n.º 3777/2022 – Proposta n.º 35/2022 – GAP – 10.ª Alteração ao Regulamento da Organização dos Serviços Municipais

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 32 e 33.

Sr. Presidente – Disse que, naturalmente, a vida era dinâmica e estavam sempre em condições de acompanhar essa dinâmica. O que tinham ali, na 10.ª alteração, era uma procura de dar resposta às alterações que também iriam acontecer na estrutura dos serviços do Município, com a saída, designadamente, da gestão da recolha dos resíduos para os Serviços Municipalizados.

Aproveitava-se, com essa necessidade de levar ali aquela alteração, para apresentar um outro conjunto de questões que os serviços que os senhores vereadores tinham a seu cargo tinham entendido que eram adequadas desenvolver naquele momento, que tinham como objetivo procurar corresponder, naturalmente, a uma maior eficácia na capacidade de funcionamento, de gestão e de os serviços darem resposta àquilo que eram as competências da Câmara Municipal. Era isso que se apresentava ali.

A proposta tinha sido apresentada a cada uma das equipas de vereadores da Câmara Municipal.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que queria começar por dizer que estranhavam, quando faltava apenas um mês e meio para a concretização das transferências no âmbito da ação social, que aquela alteração ao Regulamento da Organização dos Serviços Municipais não refletisse essa nova realidade e, portanto, no âmbito da ação social, não tivessem uma alteração organizativa que permitisse acomodar, de uma forma eventualmente mais correta ou mais simplificada aquilo que era a concretização dessa transferência de competências no âmbito da ação social.

Por outro lado, entendiam que as preocupações elencadas pela Comissão de Trabalhadores eram relevantes, nomeadamente no que se referia à não integração do Setor de Promoção de Praias de Turismo Acessível e Inclusivo no DURB, de modo a simplificar a operacionalização com o novo Gabinete de Gestão e Planeamento das Praias da Arrábida, mas, também, as preocupações manifestadas quanto à transição de trabalhadores do Setor de Trânsito e Circulação Viária para a Divisão de Trânsito e Vias de Comunicação, particularmente por essa alteração não merecer, de acordo com a Comissão de Trabalhadores, a concordância técnica do serviço nem dos seus trabalhadores e dirigentes.

Por isso mesmo, gostaria de questionar o porquê dessa alteração ser proposta sem a concordância técnica do serviço e se manter na proposta, apesar do parecer desfavorável por parte da Comissão de Trabalhadores.

Por outro lado, no que respeitava à criação de uma Direção Municipal de Apoio à Gestão e Projetos Estratégicos, parecia-lhes ser uma camada administrativa adicional que vinha adicionar uma burocratização da gestão e que lhe parecia, efetivamente, ser desnecessária.

A Câmara de Setúbal nunca tinha tido uma direção municipal, nem mesmo quando o executivo era constituído por menos vereadores do que naquele momento acontecia. Percebiam que pudesse existir uma sobrecarga sobre o Sr. Presidente, porque essa direção municipal que era proposta ficava, efetivamente, sobre a sua dependência e iria assumir dois departamentos que eram, efetivamente, trabalhosos e com volumes significativos de trabalho. Percebiam que pudesse existir essa sobrecarga, mas entendiam que isso poderia ser acautelado através da delegação de competências adicionais nos vereadores que já tinham pelouros atribuídos.

Aquela proposta de direção municipal, nos termos em que lhes era apresentada, parecia ser – pedia, naturalmente, compreensão para a expressão a utilizar – mas parecia-lhes um esvaziamento das competências do Sr. Presidente, sem que daí resultasse uma efetiva descentralização. Era a criação administrativa, na verdade, de um vereador sem direito a voto.

Por outro lado, à luz daquilo que tinha sido a discussão das últimas semanas sobre a capacidade financeira do Município ou a falta dela – pouco antes, o Sr. Presidente tinha falado sobre isso -, importava questionar qual era, efetivamente, o custo dessa estrutura, porque quando falavam de direção municipal não falavam apenas da diretora ou do diretor, falavam de toda uma estrutura de apoio e, portanto, quantas pessoas considerava o Sr. Presidente que iriam integrar esse gabinete e qual seria o custo anual dessa estrutura, entre salários, contribuições e eventuais viaturas atribuídas. Portanto, seriam também questões relevantes, do ponto de vista da análise da proposta que lhes era trazida.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que também tinham tido oportunidade, na sequência da reunião em que lhes tinha sido apresentada a estrutura da organização dos serviços municipais, de tentar entender, no fundo, qual era a lógica daquela alteração do regulamento e também gostariam de questionar quais eram os custos que adviriam dessa alteração. De qualquer modo, na sequência daquilo que tinham sido as medidas que tinham apresentado e que tinham sido aprovadas por unanimidade, tinham uma proposta de alteração do artigo 28.º, relativamente ao Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico. Não sabia se seria possível distribuir, porque seria uma proposta de alteração, portanto também teria de ser votada, naturalmente, no sentido daquilo que tinham sido as medidas apresentadas pelo PSD na reunião havida 15 dias antes.

Sra. Vice-Presidente – Disse que queria responder a algumas questões que tinham sido colocadas. Algumas eram considerações. Relativamente aos pareceres das ORT, eram considerações feitas à organização dos próprios serviços. Relativamente às questões dos pareceres das chefias e dos trabalhadores, também tinham reunido com os trabalhadores. Os responsáveis dos departamentos e a vereadora também tinham reunido com esses trabalhadores, tinham sido colocadas algumas questões e tinham sido discutidas essas questões.

Após essa reunião, tinham decidido manter a parte operacional num modelo de conjugação de esforços, de meios, de viaturas, de materiais, concentrados na divisão da rede viária e não num setor individualizado, apenas com uma capacidade técnica grande, mas mais a nível das engenharias e não a nível do próprio trabalho operacional no terreno.

A questão que a Comissão de Trabalhadores tinha colocado no sentido da operacionalização era exatamente aquilo que eles consideravam que devia ser feito e era um motivo para voltarem a juntar esse serviço que, no passado, já tinha estado todo na Divisão de Trânsito e Vias de Comunicação.

Relativamente às questões do turismo, o parecer da Comissão de Trabalhadores tinha colocado algumas questões e essas questões iriam ser explicadas à Comissão de trabalhadores. Havia raios de ação que eram diferentes, tendo em conta aquilo que se perspectivava para o próprio Gabinete de Planeamento de Praias, que achavam que não tinha correspondência com aquilo que era o trabalho que devia ser feito no Departamento de Turismo e que devia ser feito em articulação e não em substituição, como era aquilo que o parecer da Comissão de Trabalhadores vinha indiciar. O objetivo não era fazê-lo em substituição, mas em articulação e sendo complementar naquilo que era a área do Turismo e naquilo que era a área do planeamento e da gestão de todas essas competências que tinham passado para a Câmara Municipal, relativamente às praias e às concessões e a todas essas matérias que a Autoridade Marítima também já tinha transferido para a Câmara Municipal.

Em relação à questão que o senhor vereador tinha colocado, parecia-lhe muito interessante: Se poderia ser delegado nos vereadores ou se poderia ser feito através de um diretor municipal? Os diretores municipais não eram vereadores, não tinham sido eleitos. As funções eram completamente diferentes e a questão era que não se tratava de substituir nem de reforçar vereadores. A questão era que se tratava de operacionalizar dentro da Câmara Municipal uma série de áreas que tinham sido transferidas, como os senhores vereadores sabiam.

Tinham o hábito de falar ali em três grandes áreas. Era verdade, eram três grandes áreas, enormes, mas, para além dessas três grandes áreas, tinham sido transferidas mais dez áreas de competências para a Câmara Municipal ou estavam em vias de ser transferidas. Portanto, todas essas áreas tinham reflexos em todos os departamentos da Câmara Municipal, mas podia garantir que tinham muitos reflexos no âmbito do Departamento Financeiro e por isso que se fazia aquela proposta nesse sentido.

Não sabia se nas outras câmaras municipais onde existiam diretores municipais tinham sido para substituir vereadores, mas pensava que não. Pensava que não era esse o propósito de uma estrutura, até porque nem podiam misturar. Cada um tinha funções muito claras na legislação e não podiam substituir-se uns aos outros.

Relativamente ao custo da estrutura, das propostas de alteração que ali faziam a maior parte delas anulavam-se relativamente àquilo que a própria estrutura já preconizava, portanto, havia a extinção da Divisão de Higiene Urbana e do gabinete que fazia o acompanhamento do contrato de concessão e, em sua substituição, apareciam a Divisão da Manutenção dos Equipamentos Educativos e o Gabinete de Gestão das Praias, que já tinha sido ali falado.

Depois, também havia a criação de um serviço de 3.º grau, para a coordenação do Projeto Nosso Bairro, Nossa Cidade, mas havia um saldo zero, porque era anulado o anterior Serviço Municipal de Manutenção do Parque Escolar.

Efetivamente, havia a criação daquela direção municipal com custos, mas queria dizer – achava que já tinha dito isso na outra alteração que tinham feito – que, efetivamente, os custos daquela estrutura acabavam por não ser custos reais e isolados, naquilo que era o orçamento do pessoal na Câmara Municipal, porque talvez 80 por cento dos dirigentes da Câmara Municipal eram trabalhadores da Câmara Municipal. Portanto, todos os custos com os seus salários já estavam assumidos pela Câmara Municipal, apenas as funções eram diferentes e era claro, era óbvio, que nalguns dos casos, não em todos, porque até havia casos de trabalhadores que, pela sua carreira, tinham um salário superior, mas, nalguns casos, havia um diferencial de salário, que era esse diferencial pelo facto de exercerem funções dirigentes.

Não estavam ali a falar de custos líquidos em relação àquilo que eram os cargos dirigentes na Câmara Municipal. Portanto, existia uma diferença que já eram os salários desses trabalhadores e, voltava a repetir, cerca de 80 por cento dos nossos dirigentes - tinha sido uma aposta da Câmara Municipal -, eram quadros do Município e essas despesas já eram inerentes àquilo que era o funcionamento da Câmara Municipal.

Relativamente às propostas do Sr. Vereador Paulo Calado, faziam sentido à luz daquilo que tinha sido aprovado na anterior reunião da Câmara e achava que não valia a pena estarem a fazer outra movimentação. Uma vez que tinham em aprovação o documento, podiam incluir essas propostas dentro daquilo que era a proposta que traziam e assim não teriam que estar a iniciar um novo procedimento para poder fazer essa alteração.

Portanto, achava que fazia todo o sentido, uma vez que as propostas já tinham sido aprovadas na Câmara Municipal e na Assembleia Municipal, com a criação desse gabinete, poderem incluir e articular na estrutura que estavam a aprovar.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que tinha duas questões, uma que tinha a ver com o facto de a Sra. Vereadora Carla Guerreiro ter reconhecido que existia um aumento de despesa com a criação da figura de Diretor Municipal. Existia e o que eles queriam era que esse aumento de despesa fosse quantificado, ou seja, a criação desse gabinete, o Diretor Municipal com todo o gabinete, em quanto é que isso estava quantificado? As contas certamente que estariam feitas e, portanto, queriam saber qual o valor, não só referente ao Diretor Municipal, mas, também, a toda a estrutura que teria de ser criada.

Depois, tinha uma outra questão. Não tinha percebido e falando com os seus colegas de bancada, os seus camaradas, não tinham percebido em que termos é que iria ser incluída essa proposta do PSD, por dois motivos. O primeiro, mas isso era dificuldade de perceção deles, seria uma proposta de alteração, feita pelo Vereador Paulo Calado, a ser incluída nos termos do regimento ou seria uma proposta de alteração que lhes seria ali apresentada pela

Vereadora Carla Guerreiro? Depois, essa proposta de alteração, fosse ela apresentada pelo Vereador Paulo Calado ou fosse ela apresentada pela Vereadora Carla Guerreiro não teria de ter uma consulta prévia das organizações representativas dos trabalhadores?

Havia uma alteração a uma proposta que tinha sido entregue às estruturas e estavam, naquele momento, a alterar essa proposta depois de se terem pronunciado. Eram dúvidas que tinham e deixavam à consideração, uma tinha a ver com a questão da criação e com os custos e a outra achava que tinha sido clara para todos.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que era natural que o Sr. Vereador Fernando José não tivesse percebido porque não tinha estado [presente] na última reunião e, portanto, não tinha sido um dos elementos do Partido Socialista que tinha aprovado as medidas do PSD, mas, de facto, constava essa alteração. A proposta, obviamente, era do PSD, como tinha ficado claro, aliás, como a sua intervenção. Portanto, tinha percebido a graçola, mas não tinha percebido o sentido disso.

De qualquer modo, achava que havia uma questão que era pertinente porque, de facto, o conteúdo do que estava nessa alteração não tinha sido objeto de audição das entidades como tinha sido o restante conteúdo do regulamento. Portanto, obviamente, ficava a proposta e poderiam, para cumprir tudo aquilo que era o necessário para a alteração ao regulamento, sujeitar essa proposta de alteração às entidades que tinham sido também consultadas no âmbito da proposta que ali estava.

Portanto, ficava essa menção e o Sr. Presidente faria como entendesse melhor, mas, por eles, não teria problema nenhum que fizessem a consulta com base na proposta de alteração que ali tinham e depois, mais tarde, poderiam votá-la ali. Não tinham nenhum problema com isso.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que não tinha feito nenhuma graçola com a intervenção. As questões que tinham levantado eram questões pertinentes. Uma tinha a ver com o custo, a Sra. Vereadora Carla Guerreiro iria responder, porque isso tinha peso também na decisão que seria tomada, obviamente, pelos vereadores do Partido Socialista, na sua decisão de voto, e a outra questão tinha a ver com uma questão muito simples, era que, apesar de não ter estado presente, tinha perfeito conhecimento daquilo que tinha sido aprovado e daquilo que tinha sido discutido nas outras reuniões da Câmara.

O que acontecia era que aquilo que tinha sido aprovado ali com os votos favoráveis do Partido Socialista, tanto a proposta da CDU como a proposta do PSD, que tinha sido incluída na ordem de trabalhos, contrariamente à recomendação do Partido Socialista que não tinha sido incluída no dia 12 de outubro na ordem de trabalhos, aquilo que tinham não era mais do que uma proposta de recomendação, ou seja, essas propostas tinham de ser vertidas num instrumento.

Naquele caso concreto, a proposta que tinha sido apresentada pelo PSD, só por si, não valia de nada. Tinha muito valor na proposta que tinha sido apresentada, em termos de intenção, mas iria ter que ser vertida num documento, como estavam ali a verificar e aquilo que tinha perguntado, relativamente a essa matéria, tinha sido se a proposta que iria ser incluída na proposta que a CDU trazia ali, como a Sra. Vereadora Carla Guerreiro tinha estado ali a apresentar, se essa proposta iria ser incluída e, a ser incluída, como é que ela iria sê-lo, porque ela teria que ser incluída e teria que ser incluída de uma de duas formas, ou [seria] incluída por proposta da Sra. Vereadora Carla Guerreiro, no sentido da proposta que tinha sido apresentada na anterior reunião de câmara a incluía ali, ou o Sr. Vereador Paulo Calado fazia uma proposta de alteração a essa proposta. Portanto, era muito claro. Não havia dúvida nem havia qualquer tipo de graçola.

Depois, havia outra questão que se colocava e que tinha deixado à consideração, não tinha tirado qualquer conclusão. Aquilo que tinha colocado tinha sido se esse documento, que tinha sido analisado pelas organizações representativas dos trabalhadores, pelas chefias, até porque não era só a criação, não era só a mudança de nome. A proposta que o PSD trazia era uma proposta que teria de estar densificada naquilo que seriam as atribuições desse

mesmo gabinete - e bem! - e, portanto, a pergunta que tinha deixado tinha sido se essa alteração não teria, também ela, de ser colocada à consideração, não só dos dirigentes dos trabalhadores, mas, também, das organizações representativas. Portanto, tinha sido isso que ali tinha querido dizer, pura e simplesmente.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que ia reiterar que era um documento que tinha sido entregue e tinha sido entregue naquele dia, como era óbvio. Era uma proposta do PSD de alteração àquele regulamento e entendia que as questões formais que Sr. Vereador. Fernando José tinha levantado podiam fazer algum sentido, mesmo que a questão pudesse ser menos relevante para algumas das entidades representativas que se tinham pronunciado, mas, para que não houvesse nenhum problema e para que não se pusesse nada em causa em termos da estrutura orgânica da Câmara, pela parte deles ficava a proposta.

Pensava que ela teria sempre de ser votada para poder ser objeto de consulta, mas como ainda – iam dizer assim – “*pré-ato*” para integrar no regulamento para consulta. Não sabia se era necessário votar ou não, mas ficava a proposta de alteração, no sentido daquilo que tinha sido votado. Consideravam que o que era votado era relevante e, portanto, independentemente de outras questões que pudessem ter impacto orçamental. Não seria o caso daquela proposta, em concreto, mas ficava, então, a proposta para a audição das entidades que deveriam pronunciar-se sobre isso.

Sra. Vice-Presidente – Disse que entendia, em primeiro lugar, que a alteração que era proposta não trazia uma alteração significativa à estrutura, ou seja, mantinha-se a estrutura de um gabinete. Esse gabinete nem sequer estava provido de cargo dirigente, portanto, nem sequer tinha essa questão subjacente e pensava que a filosofia do PSD tinha sido aprofundar e especificar aquilo que já eram as competências que estavam no artigo 28.º.

Por outro lado, os senhores vereadores, enquanto membros da Câmara, e os senhores deputados municipais tinham a faculdade de poder propor alterações aos regulamentos. O que fazia com que, caso isso acontecesse, e tivesse que voltar a consulta das ORT, poderiam andar num sistema circular em que nunca conseguiriam aprovar, por exemplo, um documento.

O documento base tinha ido para parecer das ORT. O parecer não era vinculativo, era parecer consultivo. A Câmara Municipal tinha pedido os pareceres, como era óbvio, e, como os senhores vereadores até tinham percebido, não tinha havido nenhuma alteração, tendo em conta os pareceres que tinham sido emitidos, porque tinham considerado que, no fundo, as organizações estavam a fazer aquilo para que tinham sido chamadas, mas eles tinham considerado que não seria relevante haver essa alteração.

Portanto, se imaginassem que não tinha sido nesse sentido e que até tinham acolhido algumas dessas alterações, então teriam outra vez que consultar as outras ORT, relativamente a essas alterações. Não lhe parecia que fosse assim. O documento base tinha ido para consulta, as organizações tinham-se pronunciado, os senhores vereadores, enquanto membros da Câmara, tinham todo o direito de se pronunciar e de propor alterações, que tinham que ser votadas e ou não ser incluídas, e os senhores deputados municipais, embora também ali pudessem ter um documento final, ele ainda poderia estar sujeito a alterações por parte da Assembleia.

Portanto, julgava que o documento estaria em condições de ser votado, a proposta do PSD de alteração desse artigo e seguir, depois, para a Assembleia Municipal. Essa era a sua opinião.

Sr. Presidente – Disse ao Sr. Vereador Paulo Calado que, na sequência daquilo que a Sra. Vice-Presidente tinha referido, para não criar mais nenhuma dificuldade, se estivesse de acordo, passariam a designar esse gabinete como Gabinete de Apoio ao Investidor e ao Desenvolvimento Económico e no regulamento a redação do texto passaria a ser aquela que já lá estava, especificando essas questões que o PSD propunha. Achava que esse Gabinete de Desenvolvimento Económico, em termos latos, já teria essa vocação.

A proposta que o PSD tinha apresentado e que tinha sido votada favoravelmente por todas as bancadas, na Câmara, e, também, na Assembleia Municipal, merecia ser considerada e sem alteração significativa, relativamente àquilo que eram os objetivos genéricos da criação desse gabinete. Um Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico naturalmente que era um gabinete que estava atento ao investidor.

Portanto, a questão que, no seu entendimento, o PSD tinha querido salientar era afirmar essa componente de que o investidor tinha um gabinete onde se podia dirigir e onde podia colocar as suas questões e que esse gabinete iria criando capacidade para dar resposta a essa necessidade parecia-lhes positiva e tinha sido nesse sentido que a tinham encarado.

Parecia-lhes, também, que dessa forma ultrapassavam esse problema, porque, no fundamental, não estava nada posto em causa. Era, apenas, para além da questão do nome, uma questão de salientar essa importância da designação do investidor, para que, tendo conhecimento da existência desse gabinete, o investidor não tivesse dúvidas onde é que se deveria dirigir na Câmara Municipal e que também o próprio gabinete conseguisse constituir-se, no sentido de dar resposta a essa especificação que o PSD apresentava como proposta do regulamento, relativamente a esse gabinete.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que considerava que, de facto, não mexia na estrutura orgânica. No fundo, estavam a substituir o nome, mas, em relação àquilo que era o seu conteúdo, iam muito além daquilo que era *“a prática hoje”* - iam chamar-lhe assim -, não era só aquilo que lhe estava incumbido, mas aquilo que se pretendia era que houvesse outro tipo de prática e outro tipo de auxílio aos empresários, aos investidores, aos empreendedores, como se dizia.

Nesse sentido, isso, também, no fundo, era pressuposto para a aprovação dessa alteração, que, mais uma vez, reiterava que propunha ali, então aceitavam, obviamente, que a designação fosse aquela que o Sr. Presidente também tinha proposto, que era Gabinete de Apoio ao Investidor e ao Desenvolvimento Económico.

De qualquer modo, em relação ao conteúdo do artigo, pensava que deveria ser suprimida a primeira frase, porque, no fundo, era uma menção à alteração da designação, e, então, começaria por: *“A este gabinete incumbe, nomeadamente”* ou *“A este Gabinete de Apoio ao Investidor e ao Desenvolvimento Económico incumbe, nomeadamente”*.

Sr. Presidente – Disse que, naturalmente, essa primeira parte teria de ser suprimida. O que sugeria era que introduzissem o texto que estava naquele momento no regulamento e que dizia *“Ao Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico e (ou, então, de Apoio ao Investidor e ao Desenvolvimento Económico) incumbe, genericamente”* – era o que estava escrito no regulamento em vigor – *“estudar e aprofundar o conhecimento da realidade sócio-económica do concelho; propor e acompanhar a estratégia municipal de desenvolvimento económico na relação com o tecido empresarial; apoiar as iniciativas de investimento e a atividade das empresas; acompanhar as organizações e associações de produtores locais e regionais e o associativismo empresarial e, designadamente,”* - acrescentavam – *“estudar e aprofundar o conhecimento; propor e acompanhar...”*

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Disse que na proposta de alteração do PSD já estava incluído o texto de cima. Os primeiros quatro pontos eram o texto de cima, e, depois, a seguir, eram um acrescento de texto. Portanto, entendia, também, que isso era uma mera alteração de texto, qualquer vereador podia propor e a Câmara podia aceitar que não alterava rigorosamente nada a estrutura que tinha sido submetida às ORT. Como tinha sido dito, era uma opinião consultiva das ORT e o que ali estava, no fundo, era precisar o conteúdo de uma atividade que as ORT tinham visto e apreciado, incluindo, se fossem ver, as atribuições, que eram as que lá estavam mais algumas.

Portanto, achava que isso era uma matéria que faziam habitualmente em reunião da Câmara com a sugestão de um vereador ou de outro vereador e aditavam ao documento, até em propostas normais da reunião da Câmara. Pensava que isso não alterava rigorosamente nada

e, salvo melhor opinião, a não ser que algum jurista pensasse de outra maneira, não via necessidade de voltar às ORT, senão entravam naquela lógica circular que tinha referido a senhora vereadora.

Achava que estavam em condições de aceitar aquela proposta, tal como poderiam aceitar uma proposta de qualquer outro vereador para integrar aquele documento que estava ali em debate e que estava ali aberto à introdução de sugestões e opiniões e, depois, ser aprovado e ser submetido à Assembleia Municipal. Acreditava que havia todas as condições para concretizar essa deliberação.

Depois, queria dizer outra coisa que tinha que ver com o trânsito. A equipa do trânsito tinha sido, historicamente, sempre uma equipa associada à rede viária. Portanto, a equipa do trânsito, essa de que estavam a falar, a equipa operacional do trânsito, o que fazia era pintar as vias, fazer as passadeiras, colocar os sinais, colocar baias, pintar as linhas, etc. Portanto, essa equipa tinha estado sempre associada à área operacional do trânsito do DOM.

Tinha havido um período em que, por razões que não iam naquele momento estar ali a discutir, haveria de ter o seu tempo, essa equipa se tinha associado à equipa técnica do trânsito. Então, tinham ficado com uma situação que não era muito comum na nossa estrutura orgânica, em que tínhamos uma equipa técnica de planeamento e de projeto que tinha dentro de si própria uma equipa operacional, sendo que todo o outro trabalho operacional do trânsito estava fora dessa equipa. Portanto, tinha sido assim uma coisa que lhes tinha parecido que convinha naquele momento corrigir e retomar, então, essa equipa operacional do trânsito a regressar à equipa das vias, até porque isso permitia, por um lado, uma resposta mais eficiente ao andamento normal das vias e permitia uma melhor articulação operacional das decisões e deliberações e projetos que eram preparados na equipa que tinha de preparar os projetos.

Portanto, acreditava que era uma mais-valia esse regresso à estrutura operacional do DOM por parte dessa equipa, que era uma pequena equipa, mas era uma excelente equipa e que precisava mesmo de algum reforço, visto que precisavam de intervir com alguma profundidade maior nessa matéria da sinalética de trânsito, sobretudo as pinturas e os sinais verticais. Eles também metiam os pilaretes. Era uma equipa que tinha um trabalho tremendo, de muita qualidade, mas que era estritamente operacional, portanto, executava e devia estar no sítio onde isso acontecia.

Em relação à questão da direção municipal, achava que era evidente que um diretor municipal recebia um salário e devia ter um apoio qualquer, mas a ideia não era criar um monstro. Não se tratava disso, tratava-se de criar uma coisa enxuta, aliás, como a Câmara era toda muito enxuta em termos de recursos humanos, mas havia uma questão importante. Achava que só se podia saber se estavam a falar de custos ou proveitos quando vissem os resultados do trabalho desse setor municipal, porque do que se tratava era de ter ganhos de eficiência e, sobretudo, em áreas muito associadas à questão financeira. Portanto, iriam ver se tinham ganhos de eficiência e, eventualmente, esse custo imediato poderia ser um proveito de grande qualidade no futuro. Portanto, podiam ser ultrapassados os custos pelos proveitos e era isso que estava convencido que iria acontecer. Era esse o objetivo que se pretendia, ganhar eficiência e capacidade de resposta por parte da nossa organização.

Portanto, era para deixar essas notas, se não parecia que sempre que se faz... Aliás, não tínhamos direito a direção municipal, Almada tinha 3 diretores municipais, Cascais tinha 5 e por aí fora. Não conhecia em profundidade as soluções que eles tinham, mas, em geral, essas funções visavam gerar rentabilidade de articulações de trabalho de departamentos e ganhos de eficiência na gestão das coisas. Portanto, acreditava que não era por acaso que essas câmaras tinham e nós estávamos a necessitar.

Em relação às questões de os vereadores poderem ser substituídos pelos diretores municipais cuidado com isso. Eram funções completamente distintas. As funções dos diretores de departamento, chefes de divisão e dos diretores municipais estavam descritas na lei e não eram passíveis de serem assumidas por nenhum vereador e vice-versa.

Quando o Vereador Joel estava a falar estava a abanar a cabeça e o Vereador Fernando José estava a olhar para si e a sorrir, mas devia estar a sorrir do esforço que eles faziam, ou

seja, tinham um número restrito de vereadores com pelouros, as tarefas tinham vindo a crescer de uma forma brutal e não faltava mais nada do que ainda se carregasse mais cada vereador com mais tarefas, independentemente de as tarefas específicas do diretor municipal não poderem sobrecarregadas. Isso não havia hipótese de acontecer. Eram tarefas próprias que a lei lhe atribuía e que não eram transmissíveis, que tinham de ser executadas, exatamente para garantir eficiência e eficácia na gestão municipal.

Esse era o objetivo e pensava que era isso que todos os municípios que tinham diretores municipais procuravam, ter essa eficácia. Como os senhores vereadores, naturalmente, sabiam, muitas vezes havia projetos e áreas de trabalho que tinham muitas valências e que tinham que ser “cosidas” por alguém. Depois, o executivo articulava as coisas e, por vezes, os vereadores estavam a fazer isso e, se calhar, devia ser o diretor municipal a fazer isso.

No caso concreto das áreas de que estavam a falar, vinha criar condições de trabalho distinto também nas áreas do Sr. Presidente da Câmara e, sobretudo, naquelas áreas muito sensíveis. A última nota era que aquela estrutura orgânica também estava associada à estrutura dos Serviços Municipalizados e era também relevante essa relação. Era aquilo que tinha para dizer.

Sr. Presidente – Disse que agradecia ao senhor vereador por ter chamado a atenção para as propostas que já estavam no texto que o PSD tinha proposto, porque não tinha reparado que as primeiras especificações que apareciam, afinal, eram praticamente uma reprodução daquilo que estava no texto genérico.

O que propunha, então, era que, no artigo 28.º, designassem como Gabinete de Apoio ao Investidor e ao Desenvolvimento Económico, como título, e que, no texto, [dissesse]: “Ao Gabinete de Apoio ao Investidor e ao Desenvolvimento Económico incumbe, designadamente” e, depois, fazer a explanação.

Sr. Vereador Paulo Calado – “Nomeadamente, nomeadamente...”

Sr. Presidente – “Desculpe? Ou nomeadamente. Designadamente ou nomeadamente. Aliás, nomeadamente, sim senhor. Sra. Vice-Presidente, há alguma questão sobre isto?”

Sra. Vice-Presidente – Disse que não tinha respondido à questão dos custos. O cargo de direção municipal estava tipificado na lei e os valores estavam na lei. Tinha direito a um salário e a despesas de representação. Estava de acordo com o que estava na lei, não tinha nenhuma questão. Os valores eram públicos. Os valores mensais eram de 3778 euros, mais as despesas de representação.

Relativamente à constituição do gabinete, o senhor vereador tinha perguntado o que é que já tinham pensado em relação a mais pessoal. Aquilo que tencionavam fazer seria com a prata da casa, os trabalhadores que já tinham, a organização é que poderia ser diferente, no sentido da afetação de alguns meios e recursos, mas não tinham programado fazer mais nenhum grande investimento relativamente à criação dessa direção municipal.

O que faziam em todas as alturas era a avaliação do número de trabalhadores que tinham, das áreas que poderiam ter algum reforço. Aliás, quando fossem discutir o orçamento também iriam trazer ali o mapa de pessoal e essas questões viriam no mapa de pessoal, mas não tinham concretamente identificada a constituição de um gabinete que fosse muito diferente ou que fosse assegurado por pessoas que não estivessem na Câmara Municipal e que já não fizessem esse trabalho. A organização é que seria diferente.

Também queria chamar à atenção para uma coisa. É que, embora o diretor municipal, como os outros cargos dirigentes, pudessem ter toda delegação de competências - portanto, o Sr. Presidente delegava nos vereadores e, depois, delegava nos dirigentes, conforme estava na lei -, havia competências que não podiam ser delegadas e, tanto o Sr. Presidente como os vereadores, não podiam prescindir de fazer esses despachos.

O que havia era um outro acompanhamento técnico e de direção, mais próximo, junto de cada um dos serviços da Câmara Municipal, mas não havia nenhuma substituição, porque o

trabalho que era do Sr. Presidente era do Sr. Presidente. Lamentava, mas ninguém iria tirar essa carga de cima do Sr. Presidente. Portanto, essa questão não se colocava relativamente às questões da estrutura que visavam resolver os problemas dos serviços e das competências dos serviços e não problemas, nomeadamente políticos, que eram aqueles que cabia ao executivo municipal em funções resolver.

Sr. Presidente – Disse que, sobre isso, queria dizer que o Sr. Vereador Joel estava a dizer-lhe que uma decisão ou uma medida dessas criava mais burocracias. Então, teriam de olhar para esses municípios todos, por esse país fora, que tinham diretores municipais em todas as áreas e, então, estariam em processos altamente complicados.

Não era isso, naturalmente. Do que se tratava era, exatamente, como o Sr. Vereador Carlos Rabaçal tinha referido, de eficácia e eficiência na resposta, naquilo que eram os objetivos, designadamente desses gabinetes que estavam dependentes do Presidente e que, nas suas funções de representação, com a dignidade e a presença que, naturalmente, era exigível, por vezes tornava difícil a compatibilização dessas duas situações, da representação e do acompanhamento de serviços com tanto domínio de intervenção, de avaliação e de eficiência e eficácia nesses serviços.

Estavam, como os senhores vereadores bem sabiam, numa situação em que iriam receber mais responsabilidades e maiores exigências com a passagem de competências. Embora estivessem criados os Serviços Municipalizados, iriam cair, em grande parte, na Câmara Municipal e, também, num vereador como presidente do conselho de administração, que era o único que ficava a tempo inteiro nesse processo. Portanto, do que estavam a falar era de uma quantidade de responsabilidades e de acompanhamento do funcionamento de serviços de resposta àquilo que eram as exigências das populações e, portanto, justificava-se, no entender deles, perfeitamente, esse reforço da competência técnica ou da capacidade técnica nos serviços municipais.

Ao mesmo tempo, também tinham de compreender que, na estrutura da Câmara Municipal, havia alguns serviços que passavam - era exatamente o caso dos resíduos - para os Serviços Municipalizados, a questão da recolha, mas, também, um gabinete que estava na Câmara Municipal e que tinha exatamente a competência de acompanhar a concessão e que também saía da Câmara Municipal e passava para os serviços Municipalizados. Isso significava que, com esse reforço de capacidade técnica, por um lado, na Câmara Municipal, havia também, ao mesmo tempo, em termos de custos, uma saída de capacidade técnica dos serviços municipais e passagem para os Serviços Municipalizados.

Portanto, era esse equilíbrio que se estabelecia ali, naturalmente sempre com o objetivo de criar melhores condições, maior capacidade de resposta e de acompanhamento da gestão municipal. Era isso que estava ali em causa, era esse o trabalho de avaliação que também os nossos dirigentes faziam e das sugestões que faziam chegar aos vereadores e ao executivo, que tinha a responsabilidade de estar atento, também, a essas situações. Era, no fundamental, isso que estava ali em causa.

Relativamente às alterações que eram apresentadas, se fizessem a avaliação conjunta, não tinham consequências financeiras substanciais para a Câmara Municipal, se considerassem esse conjunto de situações.

Também era importante dizer que a passagem da gestão privada para a gestão pública das águas e o saneamento, que, como todos sabiam, trazia um retorno para a Câmara Municipal, do ponto de vista financeiro, que esperavam que fosse significativo. Não tinham grandes dúvidas sobre isso. Naturalmente que a prática haveria de justificar isso, mas, como todos sabiam, a gestão pública tinha custos muito inferiores àquilo que era a gestão privada, naquele caso concreto da gestão das águas e do saneamento, como a experiência demonstrava um pouco por esse país fora.

Não era por acaso que a Câmara de Setúbal estava, naquele momento, a municipalizar a gestão desses serviços. Outras câmaras, de outras forças políticas, tinham-no feito ao longo do tempo, verificando, exatamente, que, tratando-se de domínios que tinham a ver com a vida das pessoas, com a qualidade de vida das pessoas e com a água, que era uma componente

fundamental à vida, que a sua gestão pública servia melhor os interesses das populações do que a gestão privada. Não era nada de novo.

Aliás, também havia exemplos pela Europa fora, independentemente dos governos, de que, na gestão da água, estava a verificar-se um retorno à gestão pública. Era essa a tendência, como também acontecia em vários municípios em Portugal. Portanto, era esse o quadro em que estavam a trabalhar.

A proposta que apresentavam ia exatamente no sentido de ter uma melhor capacidade de gestão e de ter uma melhor capacidade de resposta àquilo que eram as expectativas das populações.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que ficavam a saber que, não tendo uma previsão, porque poderia ser feita a constituição desse gabinete do diretor municipal com pessoal da casa, portanto, com trabalhadores da Câmara Municipal que não viriam do exterior, que não viriam de outras câmaras municipais engrossar esse gabinete, ficavam a saber que seria com pessoal que já existia, com trabalhadores da autarquia e, portanto, não iria aumentar...

Se a senhora vereadora não tinha dito isso, então tinha sido ele que tinha percebido mal. Então, o gabinete de apoio poderia ser feito ou constituído com trabalhadores que viessem de outras câmaras municipais? Não tinha percebido isso.

Sr. Presidente – Disse ao senhor vereador que continuasse o seu raciocínio.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que a senhora vereadora estava a tentar ajudar na explicação. Portanto, percebendo que esse gabinete não teria qualquer tipo de acréscimo, aquilo que ficavam a saber era que a criação do diretor municipal na Câmara Municipal de Setúbal iria representar um acréscimo na despesa de mais de 80 mil euros.

Percebiam a justificação que tinha sido dada pelo Sr. Vereador Carlos Rabaçal, que tinha sido dado pela Sra. Vereadora Carla Guerreiro, que tinha sido dada pelo Sr. Presidente, em termos de eficiência, mas queria dizer ao Sr. Presidente que, pelos vereadores do Partido Socialista, essa proposta não passaria. Não passaria, porque entendiam, não só pelas razões que também tinham sido avocadas ou aduzidas pela Comissão de Trabalhadores, na questão da alteração que iria ser feita, como, também, na criação da figura do diretor municipal, que não se justificava.

Existia uma diferença, a CDU entendia que era necessário criar a figura do diretor municipal, entendia que era necessário fazer essa alteração, os vereadores do Partido Socialista entendiam que não havia essa necessidade. Portanto, havia uma divergência relativamente a essa gestão e, desde logo, ali dizia ao Sr. Presidente que não seria com os votos dos vereadores do Partido Socialista que aquela proposta seria aprovada.

Sr. Presidente – Disse que passavam, então, à apreciação da proposta e à votação. A proposta que o PSD apresentava, no fundo, do que estavam a falar era de uma alteração ao texto da proposta que era apresentada. Não sabia se valia a pena votar se não houvesse necessidade de votarem a proposta, mas se o senhor vereador assim entendesse...

Sr. Vereador Paulo Calado – *“Não, tem que ser votada...”*

Sr. Presidente – *“Ah, OK, certo. Mas com estas alterações?”*

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que pedia desculpa, até para quem os estava a ver, senão pareceriam loucos, porque diziam uma coisa e depois outra.

A questão era que, pouco antes, tinha sido levantada uma questão formal, mas parecia-lhe que os argumentos aduzidos faziam sentido. Quer dizer, não havia uma alteração na estrutura, estavam a mudar a designação, estavam a dar mais conteúdo, mas não era um conteúdo que tivesse impacto na estrutura, pensava que, em relação aos pareceres, poderiam ultrapassar essa questão.

Mas, obviamente, era uma proposta e teria de ser votada para ser incluída, isso nunca tinha sido questão desde o início.

Sra. Vice-Presidente – Disse que pedia desculpa, mas gostaria que ficasse registado em ata que as contas do Sr. Vereador Fernando José não estavam corretas. Não estavam a falar de um aumento de 80 mil euros. Fazendo a multiplicação por 14 meses do salário e das despesas de representação não estavam a falar de 80 mil euros, estavam a falar de cerca de 60 e poucos mil euros.

Queria, também, que ficasse registado em ata que não tinha dito qual era a proveniência, porque não sabia qual seria a proveniência do diretor municipal. O senhor vereador tinha feito uma pergunta relativamente a todo o gabinete de apoio e o que lhe tinha dito tinha sido que certamente iria ser assegurado pelos trabalhadores da Câmara Municipal. Tinha sido isso que tinha dito e queria que ficasse registado, para que não houvesse, no futuro, algum aproveitamento político daquilo que não tinha dito.

Sr. Presidente – Disse que agradecia à Sra. Vice-Presidente, mas o Sr. Vereador Fernando José já os tinha habituado a esse tipo de jogos, de palavras, etc. Portanto, ficarem muito preocupados com esse tipo de intervenção também não valia a pena.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que era apenas para recordar à Sra. Vereadora Carla Guerreiro que, para além do vencimento bruto e das despesas de representação, eram também devidas contribuições, a cargo do empregador, e, portanto, o custo total não era, apenas, o rendimento bruto do trabalhador, eram, também, as contribuições que estavam a cargo do empregador, como a senhora vereadora bem sabia mas de que se teria esquecido no momento em que tinha pegado na sua calculadora.

Queria referir, também, que era provável, a não ser que houvesse alguma indicação por parte do Sr. Presidente ou da Sra. Vice-Presidente nesse sentido, que a direção municipal fosse atribuída uma viatura de serviço, tal como era nos outros departamentos e, portanto, esses seriam custos adicionais que o município teria, por ter criado esta direção municipal.

Não estavam, sequer, ainda a contabilizar a criação de um gabinete que poderia ser constituído, naturalmente, por quadros que já fizessem parte da Câmara Municipal, da mesma forma que poderia ser constituído por quadros que viessem de fora do município, fosse sob a forma de avença, fosse em mobilidade e, portanto, de uma forma ou de outra, existiria sempre um acréscimo em termos de custos pela criação dessa estrutura.

Portanto, tendo em consideração aquilo que seria esse acréscimo de custos, o Partido Socialista, como o Sr. Vereador Fernando José já tinha tido oportunidade de referir, votaria contra aquela proposta. Não concordavam com a criação de uma direção municipal num município que dizia atravessar dificuldades financeiras. Aliás, só por isso se justificava aquilo que tinha sido a discussão nas últimas semanas, num *"trade off"* entre receitas fiscais e apoios sociais. Só mesmo nesse sentido é que não faria, naturalmente, sentido a criação de uma direção municipal com custos acrescidos.

Não sabia se estavam a pensar ter alguma outra receita fiscal de que ainda não tivessem conhecimento, mas, não sendo esse o caso, diria que, do ponto de vista de gestão - e de opções, naturalmente, de gestão, sendo elas válidas -, levantava questões com as quais não concordavam.

Sra. Vereadora Rita Carvalho – Disse que pedia desculpa, mas, sem pôr em causa a legitimidade da opção de interpretação dos outros vereadores, que, como era evidente, que cada um tinha a sua, pedia à Vereadora Carla Guerreiro se podia fazer um enquadramento sobre o porquê da existência de um diretor municipal. Era uma figura que estava prevista na lei, que decorria do número da população de cada concelho e que, obviamente, era um reconhecimento que, para a fluidez do trabalho e a consequência do trabalho que era realizado, que se devia considerar a existência de um ou dois diretores municipais ou mais, naquilo que fosse a previsão da população do concelho.

Achava que isso era relevante, porque era relevante. Como sabiam, estar a trabalhar num concelho com 40 mil pessoas ou num concelho com 120 mil pessoas fazia muita diferença na estrutura orgânica, naquilo que eram as condições da própria estrutura orgânica de dar resposta às exigências e às condições de cada concelho.

Portanto, achava que estavam, mais uma vez, numa discussão que não lhes parecia séria. Não queria pôr em causa a opinião dos vereadores da bancada do PS, mas não lhe parecia séria, perante o que estava proposto.

Para além disso, estava proposta uma alteração à estrutura orgânica, não só na criação do lugar do diretor municipal, mas uma alteração que criava melhores condições de funcionamento naquilo que eram as competências e as matérias que tinham de ser trabalhadas pelos serviços, pela Câmara Municipal de Setúbal.

Portanto, parecia-lhe que estavam ali, com as devidas aspas, em pequenos “*fait-divers*”, quando a questão era muito mais ampla que essa e devia ser tratada com seriedade.

Sr. Presidente – Disse que achava que sobre aquela questão estava praticamente tudo dito. Já tinham falado do que estava em causa. Estava em causa receberem uma estrutura que não era municipalizada, estava privatizada havia 25 anos, e, naturalmente, a Câmara Municipal de Setúbal, ao receber essa estrutura pesada, como todos sabiam, ao criar as condições para as gerir bem e para ir de encontro àquilo que eram as expectativas das populações, também, nesse domínio, era necessário haver, naturalmente, o reforço da capacidade da estrutura de direção dos serviços municipais.

Portanto, essa questão de se vir levantar o problema de serem mais 10, mais 20 ou mais 30 mil euros, ou 40, quando estavam numa transformação tão profunda como não existia na Câmara Municipal havia 25 anos, naturalmente que estavam a falar de coisas muito mais importantes do que essas dezenas de milhares de euros. Só quem estava numa situação que não era, naturalmente, muito agradável, como eles, percebia alguém que tinha feito um caminho desde o tempo em que tinha estado na gestão da Câmara Municipal e, naquele momento, também na oposição, um caminho que não correspondia nada àquilo que era o que as populações esperavam da Câmara Municipal e das juntas de freguesia.

Naturalmente que essas situações eram o que eram e, portanto, votar contra aquilo e argumentar que eram mais umas dezenas de milhares de euros, etc., não tendo uma visão global ou não querendo assumir a transformação profunda que aquilo significava em termos da gestão de competências que iriam passar para a Câmara Municipal e que não existiam, para além daquelas que o Governo lhes tinha imposto e, portanto, também aquela alteração à estrutura representava, com a criação de novas divisões, de novos serviços, uma capacidade de resposta dos serviços municipais a todas essas transformações.

Ainda faltava assumir a componente no que dizia respeito à transferência das competências na área da saúde, que ainda não tinha sido assumida, porque o Governo ainda não tinha criado as condições para que a Câmara Municipal pudesse vir a aceitar os autos de transferência e, portanto, com isso, viam também tudo o que estava ali em causa.

Os senhores vereadores do Partido Socialista, naturalmente, faziam o papel da oposição. Era lamentável que o fizessem dessa forma, mas, pronto, era o que tinham, não tinham outros, eram aqueles que estavam ali, era essa posição, que era respeitável, do ponto de vista político, como era óbvio. No entanto, do ponto de vista da eficácia, da dinâmica, da capacidade de resposta que as populações, naturalmente, exigiam a uma gestão da Câmara Municipal moderna, dinâmica, virada para o futuro, naturalmente que essa forma de estar na política, em Setúbal, não tinha correspondência com a prática nem com a realidade. Tinham pena que assim fosse.

Punha à votação a proposta que o PSD ali tinha apresentado, relativamente à criação do Gabinete de Apoio ao Investidor e ao Desenvolvimento Económico, com a especificação que também tinha apresentado na sua proposta para o artigo 28.º do regulamento. Era isso que punha à consideração de quem votava, no sentido de poder ser integrado na proposta que estava em discussão.

A proposta apresentada pelo PPD/PSD foi aprovada, por unanimidade.

Sr. Presidente – Disse que estava ultrapassada essa questão, pelo que punha à votação a proposta [de deliberação] 3777, com a proposta de alteração que tinha acabado de ser aprovada por unanimidade. Punha, então, essa proposta à votação.

A proposta de deliberação 3777 foi aprovada por maioria, com 5 votos a favor, da CDU, 4 voto contra, do PS, e 1 abstenção, do PPD/PSD.

Sr. Vereador Joel Marques – Fez a seguinte declaração de voto: *“Remetendo o nosso sentido de voto para a discussão que já tivemos na análise da proposta, o Partido Socialista votou contra exclusivamente por considerar que a criação de uma direção municipal cria uma camada administrativa e burocrática que não é necessária no Município de Setúbal, município esse que já foi gerido com a mesma dimensão de população e com menos vereadores, como a Sra. Vereadora Rita Carvalho bem sabe, e por considerarmos que um custo associado, nem que fosse exclusivamente ao diretor ou à diretora municipal, na ordem dos 80 mil euros, não é um pequeno “fait-diver”.*

3. Deliberação n.º 3778/2022 – Proposta n.º 36/2022 – GAP – Orçamento e Plano Plurianual de Investimentos dos Serviços Municipalizados de Setúbal 2022

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 34 e 35, não tendo havido discussão sobre a mesma.

Submetida a proposta à votação, foi a mesma aprovada, por maioria e em minuta, com 5 votos a favor, da CDU, e 5 abstenções, 4 do PS e 1 do PPD/PSD.

4. Deliberação n.º 3779/2022 – Proposta n.º 37/2022 – GAP – Mapas de Pessoal dos Serviços Municipalizados de Setúbal 2022

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 36 a 38.

Sr. Presidente – Disse que o processo da remunicipalização e, portanto, da criação dos Serviços Municipalizados de Setúbal, nos termos da lei, implicava, também, algumas questões que, às vezes, eram, eventualmente, difíceis de compreender, mas que obedeciam ao quadro legal em vigor.

Do que se tratava era que, para essa operação se desenvolver, tinham que ter dois quadros de pessoal, um que se referia à integração dos trabalhadores do Município que estavam a trabalhar nas Águas do Sado naquele momento e que tinham sido transferidos, havia 25 anos, para lá e, portanto, regressavam à Câmara Municipal, e, depois, outro quadro de pessoal específico, para os trabalhadores das Águas do Sado que vinham para a Câmara Municipal.

Portanto, era isso que estava ali em causa. Tinha sido pedido um parecer à CCDDR-LVT, que colocava também essas questões. Pensava que o fundamental era isso. Os senhores vereadores tinham questões sobre aquele ponto?

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que aquele ponto tinha a ver com questão das pessoas que colaboravam com as águas do Sado e, também, com os antigos funcionários da Câmara. Pensava que seria importante que fosse explicado, pelo menos, do que decorria da proposta,

como já lhes tinha sido transmitido, que iria ser criado um quadro privativo – ia dizer assim - dentro dos Serviços Municipalizados, para garantir que as pessoas que, naquele momento, colaboravam nas Águas do Sado aí podiam, no fundo, continuar a trabalhar. Pensava que isso deveria ser explicado e deveria ficar em ata e não ficarem, simplesmente, pela aprovação da proposta.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que, na sequência da pergunta que tinha sido feita, queria perguntar ao Sr. Vereador Carlos Rabaçal se lhes conseguia confirmar ali, naquela reunião da Câmara, que todos os trabalhadores tinham sido contactados e todos os trabalhadores sabiam da situação que iriam ter dali para a frente.

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Perguntou ao senhor vereador se se referia aos trabalhadores que vinham das Águas do Sado ou a todos os trabalhadores envolvidos.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que estava a falar de todos os trabalhadores, dos trabalhadores das Águas do Sado e, também, dos trabalhadores que eram da Câmara e que iriam regressar. Portanto, queria saber se todos esses trabalhadores tinham sido contactados e estavam a par da situação.

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Disse que aquele processo era um processo interessante, porque era novo. Não havia, até 2022, a possibilidade de integrar trabalhadores das concessionárias nos municípios. A Lei do Orçamento de Estado, com o seu artigo 48.º tinha vindo permitir essa situação, porque havia uma contradição que era comum, por vezes, na legislação. Havia uma lei de transmissão de estabelecimento que obrigava a essa transição dos trabalhadores e, depois, não havia uma solução para os integrar, porque a lei não definia como. O artigo 48.º da Lei do Orçamento de Estado de 2022, que, por sinal, até iria prosseguir para o Orçamento de Estado de 2023, vinha permitir fazer uma operação que envolvia o seguinte: Os trabalhadores das Águas do Sado, que eram trabalhadores de contratos privados, teriam de fazer uma cedência de interesse público ou seria feita uma cedência de interesse público para o Município, para integrar nos Serviços Municipalizados. Essa cedência seria feita na base de um documento em que eram definidas as condições laborais, salariais, etc., e direitos sociais dos trabalhadores, que era assinado pelo trabalhador, era assinada pelas Águas do Sado e era assinado pela Câmara Municipal. Portanto, esse era o procedimento para esses trabalhadores, que, depois, ficavam num quadro específico, só para eles. Ficariam lá e as vagas que lá estavam cessariam quando eles saíssem. Eles poderiam sair por qualquer razão, mas a razão que parecia mais plausível era que a Lei do Orçamento de Estado permitia fazer um concurso específico, só para eles, nas condições laborais que tinham nas carreiras que estavam, nas funções em que estavam, para poderem integrar, então, o quadro ou o mapa de pessoal em funções públicas. Teriam de ir a um concurso e, depois, poderiam integrar o mapa de pessoal em funções públicas. Era por isso que tinham não um mapa de pessoal dos Serviços Municipalizados, mas dois mapas de pessoal.

A lei obrigava a que houvesse um mapa de pessoal onde seriam acolhidos os trabalhadores das Águas do Sado, que tinham contrato privado, e o outro mapa de pessoal tinha todos os trabalhadores da Câmara que estavam nas Águas do Sado e que eram trabalhadores em funções públicas, mais os trabalhadores da Câmara que iriam transitar para os Serviços Municipalizados, entre os resíduos sólidos, a recolha e o GAGIAS. Daí esses dois mapas. A soma dos dois mapas fazia o mapa de pessoal, se quisessem, dos Serviços Municipalizados. Iriam abrir concurso no início do ano, para que todos os trabalhadores que estavam no mapa especial pudessem concorrer e transitar para o mapa definitivo. A vantagem do mapa definitivo era que, no mapa especial, eles não podiam progredir na carreira, nem tinham acesso à ADSE. Tinham de fazer o concurso para poderem ter condições de progressão na carreira, em funções públicas, e poderem ter acesso à ADSE. Portanto, eram as grandes diferenças que tinham, embora muitos dos trabalhadores que vinham das Águas do Sado já

estivessem, em termos das carreiras da função pública, no topo da carreira, mas uma grande parte deles não estavam e seria vantajoso abrir esse concurso.

Entretanto, tinham sido feitas reuniões com todos os trabalhadores das Águas do Sado ou que estavam nas Águas do Sado, quer os próprios das Águas do Sado quer os da Câmara que estavam em cedência nas Águas do Sado. Tinha sido feitas reuniões individuais com cada chefia e reuniões, em grupos de 10, com os trabalhadores de todos. Com esses trabalhadores tinha sido uma reunião. Cada trabalhador tinha um documento em que aceitava que fossem passados os seus dados e tinham assinado esse documento.

Esse documento dizia as suas condições laborais, naquele momento, estava no “*dossier*” que resultava de uma primeira reunião, em que os trabalhadores tinham estado de acordo com a vinda, todos, sem exceção. Dos trabalhadores que estavam nas Águas do Sado só tinha havido um trabalhador que não tinha vindo falar com eles, um trabalhador que tinha problemas psicológicos e não quis vir falar, de todo. Respeitavam isso. Tinha vindo na mesma, só que não queria falar. Tinha-se respeitado isso, mas tinha assinado o documento na mesma e tinha dito que queria vir. Isso, em relação aos trabalhadores das Águas do Sado.

Em relação aos trabalhadores da Câmara, tinha havido uma reunião geral com o GAGIAS, o gabinete de gestão da concessão. Nessa reunião tinha sido explicada toda a situação - eram 15 trabalhadores -, e, depois, tinha sido dito que situações particulares que quisessem tratar seriam tratadas individualmente. Tinha notícia de que havia 3 trabalhadores que queriam tratar as suas situações pessoais de uma forma particular e era isso que iria acontecer.

Haveria um ou outro trabalhador que não transitaria, por razões que já conheciam, mas isso não era dramático, na medida em que tinham necessidade de trabalhadores na Câmara e, depois, iriam cá ficar.

Em relação aos trabalhadores da higiene urbana, tinha havido uma primeira reunião, em que tinham estado ele e a Sra. Vereadora Carla Guerreiro, que era a responsável da área. Tinha feito uma reunião, primeiro com os encarregados. Tinha feito uma reunião com a equipa técnica e administrativa e, depois, tinham feito outra reunião com os operacionais. Tinha sido feito um trabalho de definição de quem ficava e de quem ia, visto que alguns trabalhadores dessas áreas tinham de se manter na Câmara, e iriam fazer os passos seguintes.

Um já estava a ser dado, em relação aos trabalhadores das Águas do Sado, que era o envio de uma carta a explicar aquilo que já tinham conversado, e, decorrente dessa carta, os trabalhadores ainda podiam vir a colocar questões. Naquele momento, dos trabalhadores das Águas do Sado que tinham recebido a carta, havia oito que iriam reunir com ele, porque tinham dúvidas e questões a colocar.

As dúvidas que tinham posto nos “*mails*” eram dúvidas simples. Acreditava que não haveria grande dificuldade, mas nenhum trabalhador dos que estavam do lado das Águas do Sado tinha colocado a questão de não regressar ou de não vir para os Serviços Municipalizados. Nenhum, até àquele momento.

Em relação aos trabalhadores da Câmara, estava previsto fazer uma nova reunião, já com a definição dos que ficavam e dos que iam, para apurar melhor a situação, mas deixava nota de que, na reunião que tinham feito com os trabalhadores da Câmara que iriam para os Serviços Municipalizados, ninguém tinha levantado objeções em ir. Tinha havido uma definição do pessoal da área administrativa que ficava e do que iria, a coisa estava clarificada. Em relação aos encarregados a mesma coisa e em relação às chefias a mesma coisa.

A questão que tinham colocado, em geral, tinha sido: “*Bom, nós vamos para os Serviços e vamos ganhar o mesmo que ganham os colegas que vêm das Águas do Sado, ou não?*” O que tinha sido dito tinha sido que cada um iria com aquilo que tinha, ninguém podia ser prejudicado, mas os trabalhadores que iriam para os Serviços Municipalizados iriam ser integrados na base daquilo que ganhavam e dos direitos sociais e laborais que tinham, em cada uma das unidades orgânicas onde trabalhavam naquele momento.

Tinha sido dada essa nota e, naquele momento, estavam a um mês de acabar a concessão. No dia seguinte seria dia 17 e em 17 de dezembro acabaria a concessão, no dia 18 estariam a vir. Estavam a um mês e ainda havia muito trabalho que estava a ser desenvolvido e um



deles, dos mais relevantes, era dessa proximidade com uma boa solução de todas as situações dos trabalhadores que tinham indo sendo identificadas.

Podia dizer, desde logo, que havia uma matéria para a qual não tinham solução e que era uma matéria, enfim... Tinham trabalhadores da Câmara que tinham ido para as Águas do Sado – eram 4 ou 5, não eram muitos mas existiam - que se tinham recusado, desde o primeiro dia, a aceitar as regras das Águas do Sado. Portanto, nunca tinham aceitado, sequer, o subsídio de refeição das Águas do Sado. Não tinham aceitado qualquer complemento, não tinham aceitado nada. Tinham mantido sempre, e em rigor, com o salário que tinham na Câmara.

Já dois lhe tinham colocado o problema do que é que iria acontecer agora, nesse regresso. Como todos vinham com aquilo que tinham, havia trabalhadores, concretamente esses que tinha acabado de dizer... Imaginassem um mecânico que ganhava aquilo que ganharia na Câmara se cá estivesse e havia um trabalhador que tinha aceitado as várias regras das Águas do Sado, tinha ganho muito mais por isso, e, agora, vinha um a ganhar mais do que o outro, porque eles vinham com o que tinham. Era uma situação complicada, mas era da lei. Não podiam pagar mais àquele, porque ele não ganhava mais. Havia situações dessas, eram 4 ou 5 trabalhadores.

Depois, havia vários trabalhadores que ultrapassavam o teto salarial da função pública, da sua carreira. Portanto, já se tinha encontrado uma solução para isso, visto que eles não podiam perder os direitos. Não podia dizer que não houvesse nenhum trabalhador que não estivesse completamente informado, mas, do lado das Águas do Sado, tinha sido feito um esforço tremendo para que todos participassem em termos garantidos e deste lado também.

Naquele momento, o que estava a ser feito era que ninguém iria transitar sem outra conversa. Portanto, iriam falar com todos outra vez e garantir que tudo se resolveria pelo melhor.

Nesses processos, havia sempre perturbações e pessoas que diziam que “sim” e, depois, achavam que não era bem assim, mas isso fazia parte dos processos, para eles não era dificuldade. Estavam cá para tratar dos assuntos todos. Para já, não diria que estava surpreendido, mas as coisas estavam a correr bem, desse ponto de vista, nesse tratamento, nessa relação, etc.

Aproveitava para dizer que, mesmo em relação aos últimos 3 meses, na relação com as Águas do Sado, as coisas tinham melhorado bastante, embora num período muito curto de tempo para responder, depois de quase um ano com algumas dificuldades. As coisas tinham estado a correr bem e estavam a trabalhar, ainda com algumas questões pendentes, para que, no dia 18, tudo estivesse a correr bem.

Pronto, em relação à questão dos trabalhadores era isso que tinha a dizer. Não iriam aprovar um mapa de pessoal, iriam ter de aprovar dois. Dentro de um ano, para aí, talvez tivessem já um mapa de pessoal único e, então, as coisas seguiriam a sua via normal. Não sabia se tinha respondido a tudo, mas...

Sr. Presidente – Disse ao senhor vereador que acreditava que tinha sido suficientemente exaustivo relativamente a essa problemática, que era complexa, naturalmente, mas que estava a ser levada a bom porto, também, no respeito dos direitos dos trabalhadores, naquela complexidade de haver trabalhadores que tinham sido contratados por uma empresa privada.

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Disse que pedia desculpa, mas tinha-se esquecido de uma coisa. As ORT tinham sido também consultadas, estavam a acompanhar e tinham, naquele momento, toda a informação disponível e, inclusivamente, estavam a falar com os trabalhadores e a tentar saber se havia problemas e a ajudarem-nos nessa matéria.

Sr. Presidente – Disse que era complexo juntar nos serviços públicos trabalhadores que tinham sido contratados por uma empresa privada, mas havia um quadro legal, como o senhor vereador já tinha referido, que tinha compatibilizado essa possibilidade, naturalmente, a bem do interesse dos trabalhadores e, também, da Câmara Municipal de Setúbal, que

assim via essa possibilidade de compatibilizar essas situações que, se essa lei não tivesse sido alterada, poderiam ter complicações de maior.

Não havendo mais questões dos senhores vereadores sobre aquela proposta, punha-a à votação.

Submetida a votação foi a proposta aprovada, por maioria, com 5 votos a favor, da CDU, e 5 abstenções, 4 do PS e 1 do PSD.

5. Deliberação n.º 3780/2022 – Proposta n.º 03/2022 – SMPCB – Adesão do Município à Associação “Plataforma de Setúbal para o Risco, Segurança e Cidadania”

O sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 39 e 40.

Sr. Presidente – Fez a seguinte intervenção: *“A adesão do Município de Setúbal à Associação Plataforma de Setúbal para os Riscos de Segurança e Cidadania, doravante designada plataforma, agora submetida à votação, marca um momento de importância indelével na continuidade do trabalho iniciado no ano 2002, aquando da criação do Serviço Municipal de Proteção Civil e Bombeiros em Setúbal.*

O nosso Serviço Municipal de Proteção Civil e Bombeiros - permitam-me que assim a ele me refira - tem dado mostras, ao longo dos anos, de estender o âmbito da sua atividade muito além das competências formais que lhe são atribuídas por lei.

Tal situação enriquece o quadro da segurança do nosso território, atribuindo-lhe um valor não quantificável, mas que concretiza, na perceção da população residente, do tecido económico social, dos investidores económicos e dos turistas que nos visitam, uma perceção de segurança geradora de bem-estar e que convida a viver em Setúbal.

A criação da plataforma é uma associação privada sem fins lucrativos, com sede no concelho de Setúbal, visando contribuir para a dinamização de um fórum permanente de monitorização, investigação, discussão e cooperação das matérias relativas à aplicação das nomenclaturas das Nações Unidas, nomeadamente as constantes no Marco de Sendai, aprovada na cidade de Sendai, no Japão, entre 14 e 18 de março de 2015, sob a égide das Nações Unidas, com participação de 185 países e 6593 participantes acreditados.

O Marco de Sendai introduziu uma mudança de paradigma na gestão das catástrofes, passando-se de um conceito de gestão de catástrofes, ou seja, um conceito de reação face a uma catástrofe, para um conceito de gestão do risco da catástrofe, ou seja, um conceito de prevenção e preparação face a futuras catástrofes.

Para dar cumprimento aos objetivos de Sendai, a plataforma a que o município se propõe aderir a partir de hoje, tem como fim: Organizar bienalmente a Conferência Internacional de Riscos, Segurança e Cidadania, realizando-se a 3.ª edição em 17 e 18 de abril de 2023, tendo contado nas edições anteriores com o alto patrocínio de Sua Excelência o Sr. Presidente da República Portuguesa, com oradores das Nações Unidas, da Comissão Europeia, do Conselho da Europa, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, de professores da academia europeia e portuguesa e especialistas dos setores da Defesa, Segurança Interna e Saúde, entre outros; acompanhar e influenciar a conceção, execução e avaliação das políticas de prevenção de riscos; resposta a emergência e segurança integral dos cidadãos a nível local, regional, nacional e internacional; promover a qualificação da intervenção dos agentes de proteção civil.

São membros fundadores da plataforma as seguintes entidades: Município de Setúbal, AISET - Associação da Indústria da Península de Setúbal, CEIPC - Centro de Estudos e Intervenção em Proteção Civil, Instituto Politécnico de Setúbal, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da

Universidade de Lisboa, EDUGEP – Conceção, Desenvolvimento e Gestão de Projetos de Natureza Educacional, Social e Cultural, Ld.ª, LASA - Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, UNISSETI – Universidade Sénior de Setúbal, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Setúbal.

Por considerarmos de relevante importância a adesão do Município de Setúbal à plataforma, contribuindo, assim, para o enriquecimento da nossa cultura coletiva de segurança enquanto comunidade com interesses comuns e partilhados, submete-se a presente proposta à apreciação e votação dos senhores vereadores.

Propõe-se, naturalmente, que a Câmara Municipal de Setúbal aprove a adesão à referida plataforma e aprove a submissão à Assembleia Municipal do pedido de autorização da adesão do Município à Associação Plataforma de Setúbal para os Risco de Segurança e Cidadania, com a aprovação dos respetivos estatutos, cuja minuta está anexa e eu peço escusa da sua leitura.

Também, subsequentemente, deverá ser submetida esta proposta à fiscalização prévia do Tribunal de Contas. Senhoras e senhores vereadores, perante esta proposta, façam favor.”

Sr. Vereador Paulo Calado – Perguntou ao Sr. Presidente qual seria o valor da quota exetável.

Sr. Presidente – Disse que o que estava explícito, exatamente nos estatutos, era que, em assembleia geral, a assembleia geral avaliaria e proporia, naturalmente, uma quota de participação dos vários membros da associação. Aqueles eram os membros da associação que tinham funcionado de uma forma articulada e participado em várias reuniões de uma forma informal.

O que se pretendia, naquele momento, era a constituição dessa associação com essas entidades coletivas e referenciadas na sociedade portuguesa e, particularmente, em Setúbal, como sócios fundadores.

Naturalmente que se esperava que outras entidades e organizações viessem, também, a fazer parte dessa associação e seria em função de tudo isso que a assembleia geral, de acordo com aquilo que era a proposta que estava nos estatutos, viesse, depois, a estabelecer a quota para a participação na associação.

Submetida a votação foi a proposta aprovada, por unanimidade e em minuta.

6. Deliberação n.º 3781/2022 – Proposta n.º 04/2022 – SMPCB – Proposta de Celebração de Protocolo de Colaboração com o INOV – Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores Inovação.

O sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 41 e 42.

Sr. Presidente – Disse que aquele era um protocolo de colaboração com o INOV – Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores Inovação, entidade sem fins lucrativos e uma das maiores infraestruturas tecnológicas nacionais no domínio das tecnologias da informação, comunicações e eletrónica.

Ao longo das duas últimas décadas, essa entidade tinha sido responsável por projetos de grande relevância na prevenção do risco, como, por exemplo, o Ciclope, tecnologia inovadora de deteção de incêndios e suporte à decisão operacional. O Serviço Municipal de Proteção Civil e Bombeiros tinha tido ocasião de acompanhar o trabalho realizado pelo INOV, no âmbito da participação do Município de Setúbal enquanto “stake holder” no Projeto Storm, que tinha tido no sítio arqueológico de Troia o seu teste piloto nacional.

O INOV era, igualmente, um instituto dinamizador das relações entre as instituições do ensino superior e a sociedade e a economia, com vista ao aumento da sua competitividade.

Um dos primeiros trabalhos a desenvolver no âmbito dessa colaboração seria a reabilitação e atualização do sistema de alerta de tsunamis, projeto que tinha resultado de uma colaboração com o Centro de Investigação Comum da Comissão Europeia e que se encontrava, naquele momento, em atualização, na sequência da delegação de responsabilidades de todo o sistema de aviso na orla costeira do Mediterrâneo e, também, em parte do Atlântico Norte à Comissão Oceanográfica Intergovernamental da UNESCO.

Propunha-se, naturalmente, a assinatura desse protocolo, no sentido de que a Câmara Municipal de Setúbal também acompanhasse e pudesse recolher ensinamento e formação nesse âmbito das tecnologias de informação.

Submetida a votação foi a proposta aprovada, por unanimidade e em minuta.

7. Deliberação n.º 3782/2022 – Proposta n.º 05/2022 – CBSS – Aceitação de doação ao Município, efetuada pela empresa “AICEP Global Parques”

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documento anexo registado sob os n.ºs 43 e 44, não tendo havido discussão sobre a mesma.

Submetida a votação foi a proposta aprovada, por unanimidade.

8. Deliberação n.º 3783/2022 – Proposta n.º 2703/2022 – DAF/DICOR – Abertura do Procedimento de Contratação de Empréstimo de Curto Prazo 2023

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documento anexo registado sob os n.ºs 45 a 49.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que, naquela reunião, já tinham aprovado um empréstimo de curto prazo, para os Serviços Municipalizados poderem iniciar a sua atividade, também por curto prazo, por um ano. Agora, vinha a proposta para o Município ser autorizado a celebrar um contrato de empréstimo, também de curto prazo, para o próximo ano de 2023, até 8 milhões de euros.

De acordo com o quadro anexo, que tinha a ver com o endividamento, segundo o quadro que lhes era apresentado, a margem efetiva disponível para endividamento era de cerca de 11 milhões de euros.

Como também tinham uma proposta que mais à frente iriam votar, que previa a adjudicação de um empréstimo de cerca de 6 milhões de euros, perguntava se não estariam a ir para além da margem efetiva disponível para endividamento, relativamente ao corrente ano ou ao próximo ano.

Sr. Presidente – Disse ao senhor vereador que, como já tinha referido, não era especialista nessas matérias, mas pedia ao senhor diretor ou à senhora chefe de divisão que, se pudessem, os esclarecessem sobre essa questão.

Sr. Dr. Paulo Hortênsio – Disse que o facto era que o empréstimo de curto prazo não contava para a margem de endividamento. Era um empréstimo de tesouraria que tinha de ser pago no final do ano e, portanto, não contava para a margem de endividamento, por ser no mesmo exercício económico.



Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que, então, na realidade, o mapa que estava ali era, apenas, para aferir? É que podia ser indiciador de outra coisa.

Sr. Presidente – Disse que, normalmente, os senhores vereadores, depois, questionavam. Naquele caso, os serviços tinham-se antecipado e, portanto, tinham dado a informação em tempo sobre uma matéria em que poderiam estar ali a questionarem-se exatamente sobre essas condições de endividamento da Câmara Municipal. Se não houvesse mais questões punha a proposta à votação.

Submetida a votação foi a proposta aprovada, por maioria, com 5 votos a favor, da CDU, e 5 abstenções, 4 do PS e 1 do PPD/PSD.

9. Deliberação n.º 3784/2022 – Proposta n.º 2704/2022 – DAF/DICOR – Projeto Regulamento e Tabela de Taxas e outras Receitas do Município de Setúbal – 2023

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 50 e 51.

Sr. Presidente – Disse que a proposta já tinha sido aprovada na Câmara Municipal, nos termos da lei. Tinha estado em discussão pública durante 30 dias e voltava à Câmara Municipal, com a informação de que não tinha havido qualquer proposta ou questão colocada durante a discussão pública. Portanto, a proposta que tinha sido aprovada na reunião da Câmara de 17 de agosto de 2022, através da deliberação 2644, e tinha estado em discussão pública, regressava à Câmara Municipal.

Ficava, então, à consideração dos senhores vereadores aquela proposta, que, também, como estava expresso, tinha tido uma atualização média das taxas [por referência] à inflação registada a 30/6, de acordo com o que tinha sido publicitado no portal do Instituto Nacional de Estatística exatamente a 30/6. Portanto, era essa a atualização que as taxas da proposta tinham. Não havendo questões, punha [a proposta] à votação.

Submetida a votação foi a proposta aprovada, por maioria e em minuta, com 5 votos a favor, da CDU, e 5 abstenções, 4 do PS e 1 do PPD/PSD.

10. Deliberação n.º 3785/2022 – Proposta n.º 2707/2022 – DAF/DICONT/SERGE – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Fernão Mendes Pinto, n.ºs 2 e 2A, tornejando para a Praceta Pêro Vaz de Caminha – 6.º C, em Setúbal

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documento anexo registado sob o n.º 52.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que, relativamente àquilo que era usual e no pressuposto de que em nenhuma das propostas da deliberação 3785 à deliberação 3885 - ou seja, do ponto 10 até ao ponto 110 da ordem de trabalhos - havia exercício de direito de preferência em nenhum desses imóveis, propunha que se votasse em bloco.

Sr. Vereador Vítor Ferreira – Disse que acompanhavam a proposta do Sr. Vereador Paulo Calado.

Sr. Presidente – Disse que, então, punha à votação as propostas da proposta de deliberação n.º 3785 à proposta de deliberação 3885.

Submetidas a votação foram as propostas de deliberação 3785 a 3885 aprovadas, por unanimidade e em minuta.

**11. Deliberação n.º 3786/2022 – Proposta n.º 2708/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Camilo Castelo Branco, n.º 167 – 5.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 53 (ver ponto 10).

**12. Deliberação n.º 3787/2022 – Proposta n.º 2709/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua João Pedro da Silva, n.ºs 5 e 7 – 4.º Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 54 (ver ponto 10).

**13. Deliberação n.º 3788/2022 – Proposta n.º 2710/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida Bento de Jesus Caraça, n.º 67 – 2.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 55 (ver ponto 10).

**14. Deliberação n.º 3789/2022 – Proposta n.º 2711/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Minas da Borralha, n.º 1 - R/C D, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 56 (ver ponto 10).

**15. Deliberação n.º 3790/2022 – Proposta n.º 2712/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Largo dos Pescadores, n.º 3 – 3.º Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 57 (ver ponto 10).



- 16. Deliberação n.º 3791/2022 – Proposta n.º 2713/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Dr. António Manuel Gamito, n.ºs 9, 11, 13, 15 e 17 – 6.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 58 (ver ponto 10).

- 17. Deliberação n.º 3792/2022 – Proposta n.º 2714/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Praceta Dr. José Romão dos Santos Ferro, n.º 28 - R/C D, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 59 (ver ponto 10).

- 18. Deliberação n.º 3793/2022 – Proposta n.º 2715/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Azinhaga dos Trabalhadores, n.ºs 1 a 7A - Bloco D, 1.º A, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 60 (ver ponto 10).

- 19. Deliberação n.º 3794/2022 – Proposta n.º 2716/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Edmond, n.ºs 9 e 11 e Rua Braz Martins, n.ºs 10 e 12 - R/C, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 61 (ver ponto 10).

- 20. Deliberação n.º 3795/2022 – Proposta n.º 2717/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Edmond, n.ºs 9 e 11 e Rua Braz Martins, n.ºs 10 e 12 – 1.º, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 62 (ver ponto 10).



**21. Deliberação n.º 3796/2022 – Proposta n.º 2718/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Estuário do Sado, n.ºs 3 e 3A - R/C Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 63 (ver ponto 10).

**22. Deliberação n.º 3797/2022 – Proposta n.º 2719/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida de Angola, n.ºs 29, 29A, 29B e 29C - C/V Esq., em
Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 64 (ver ponto 10).

**23. Deliberação n.º 3798/2022 – Proposta n.º 2720/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Ana Gonçalves, n.º 1 – 4.º A, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 65 (ver ponto 10).

**24. Deliberação n.º 3799/2022 – Proposta n.º 2721/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Morgado de Setúbal, n.º 16, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 66 (ver ponto 10).

**25. Deliberação n.º 3800/2022 – Proposta n.º 2722/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida Bento Gonçalves, n.ºs 30, 30A a 30D e Rua Camilo
Castelo Branco, n.ºs 165, 165A a 165D - Loja n.º 2, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 67 (ver ponto 10).

**26. Deliberação n.º 3801/2022 – Proposta n.º 2723/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua António Carvalho Serra, n.º 5 – 3.º A, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 68 (ver ponto 10).



- 27. Deliberação n.º 3802/2022 – Proposta n.º 2724/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida Luísa Todi, n.ºs 378 e 380 e Rua 19 de Abril, n.ºs 13 e
15, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 69 (ver ponto 10).

- 28. Deliberação n.º 3803/2022 – Proposta n.º 2725/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Gregório Lopes, n.º 3 – 1.º Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 70 (ver ponto 10).

- 29. Deliberação n.º 3804/2022 – Proposta n.º 2726/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Jacob Azambuja, n.º 9 - R/C Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 71 (ver ponto 10).

- 30. Deliberação n.º 3805/2022 – Proposta n.º 2727/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Roberto Ivens, n.º 8 – 4.º Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 72 (ver ponto 10).

- 31. Deliberação n.º 3806/2022 – Proposta n.º 2728/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Travessa das Descobertas, n.º 1 – 2.º B, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 73 (ver ponto 10).

- 32. Deliberação n.º 3807/2022 – Proposta n.º 2729/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Mário de Sá Carneiro, n.ºs 5 e 5A - R/C Esq., em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 74 (ver ponto 10).

**33. Deliberação n.º 3808/2022 – Proposta n.º 2730/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Minas da Borralha, n.º 2 – 1.º C, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 75 (ver ponto 10).

**34. Deliberação n.º 3809/2022 – Proposta n.º 2731/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Travessa do Nabo, n.º 13, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 76 (ver ponto 10).

**35. Deliberação n.º 3810/2022 – Proposta n.º 2732/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida de Angola, n.º 25 - Sobreloja Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 77 (ver ponto 10).

**36. Deliberação n.º 3811/2022 – Proposta n.º 2733/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida Dr. António Rodrigues Manito, n.ºs 103, 103A e 103-B
– 5.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 78 (ver ponto 10).

**37. Deliberação n.º 3812/2022 – Proposta n.º 2734/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Largo José Joaquim Cabecinha, n.ºs 17 e 18 – 2.º A, em
Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 79 (ver ponto 10).

**38. Deliberação n.º 3813/2022 – Proposta n.º 2735/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua dos Pinheirinhos, n.º 6 – 3.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 80 (ver ponto 10).



39. Deliberação n.º 3814/2022 – Proposta n.º 2736/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta dos Vidais, Rua Afonso Castro, n.º 2 – 1.º Dto., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 81 (ver ponto 10).

40. Deliberação n.º 3815/2022 – Proposta n.º 2737/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Dr. Sousa Gomes, n.º 10 – 4.º Esq., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 82 (ver ponto 10).

41. Deliberação n.º 3816/2022 – Proposta n.º 2738/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Brejos Pequenos, Rua de S. Gonçalo, n.º 86, em Azeitão

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 83 (ver ponto 10).

42. Deliberação n.º 3817/2022 – Proposta n.º 2739/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua das Ameixeiras, n.ºs 18 e 18A, em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 84 (ver ponto 10).

43. Deliberação n.º 3818/2022 – Proposta n.º 2740/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Casal das Figueiras, Rua Batalha do Viso, n.º 217, em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 85 (ver ponto 10).

44. Deliberação n.º 3819/2022 – Proposta n.º 2741/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua João Eloy do Amaral, n.ºs 116 a 132, tornejando para a Travessa das Amoreiras, n.ºs 1 e 3 – 1.º Esq., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 86 (ver ponto 10).

**45. Deliberação n.º 3820/2022 – Proposta n.º 2742/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua do Roseiral, n.ºs 155 e 157 - R/C, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 87 (ver ponto 10).

**46. Deliberação n.º 3821/2022 – Proposta n.º 2743/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Praceta do Monte Belo, n.º 12 - R/C Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 88 (ver ponto 10).

**47. Deliberação n.º 3822/2022 – Proposta n.º 2744/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Dr. Agostinho Machado Faria, n.ºs 9, 9A, 11 e 11A - R/C
Esq., em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 89 (ver ponto 10).

**48. Deliberação n.º 3823/2022 – Proposta n.º 2745/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Nossa Senhora do Carmo, n.º 14 - Cave, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 90 (ver ponto 10).

**49. Deliberação n.º 3824/2022 – Proposta n.º 2746/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Urbanização do Choilo, Rua Fernão de Magalhães, Lote 70,
em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 91 (ver ponto 10).

**50. Deliberação n.º 3825/2022 – Proposta n.º 2747/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Benedita Maria, n.º 36, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 92 (ver ponto 10).

- 51. Deliberação n.º 3826/2022 – Proposta n.º 2748/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Aldeia das Vendas, Rua Francisco Rodrigues Simões, n.º 10,
em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 93 (ver ponto 10).

- 52. Deliberação n.º 3827/2022 – Proposta n.º 2749/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida D. João II, n.ºs 8, 8A e 8B – 3.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 94 (ver ponto 10).

- 53. Deliberação n.º 3828/2022 – Proposta n.º 2750/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Casal de Bolinhos, Praceta Belcampo, Lote 13 - R/C Esq., em
Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 95 (ver ponto 10).

- 54. Deliberação n.º 3829/2022 – Proposta n.º 2751/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua do Bem Estar, n.ºs 11 e 13, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 96 (ver ponto 10).

- 55. Deliberação n.º 3830/2022 – Proposta n.º 2752/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida D. Pedro V, n.º 6 - R/C Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 97 (ver ponto 10).

- 56. Deliberação n.º 3831/2022 – Proposta n.º 2753/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Cidade de Pau, n.º 2 – 3.º andar, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 98 (ver ponto 10).



57. Deliberação n.º 3832/2022 – Proposta n.º 2754/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Estrada dos Picheleiros, em Azeitão

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 99 (ver ponto 10).

58. Deliberação n.º 3833/2022 – Proposta n.º 2755/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Largo José Joaquim Cabecinha, n.ºs 4 a 6 e Rua Jorge Claro, n.ºs 8 a 14 – 4.º D, em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 100 (ver ponto 10).

59. Deliberação n.º 3834/2022 – Proposta n.º 2756/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Luísa Todi, n.º 58 - C/V Esq., em Azeitão

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 101 (ver ponto 10).

60. Deliberação n.º 3835/2022 – Proposta n.º 2757/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Cidade de Debrecen, n.º 1 e Travessa da Geminção, n.º 8 - R/C B, em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 102 (ver ponto 10).

61. Deliberação n.º 3836/2022 – Proposta n.º 2758/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Avenida D. João II, n.ºs 22, 22A e 22B – 3.º Dto., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 103 (ver ponto 10).

62. Deliberação n.º 3837/2022 – Proposta n.º 2759/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Henrique Augusto Pereira, n.º 2 – 1.º Esq., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 104 (ver ponto 10).

**63. Deliberação n.º 3838/2022 – Proposta n.º 2760/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Afonso Ventura, Lote 1 – 2.º B, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 105 (ver ponto 10).

**64. Deliberação n.º 3839/2022 – Proposta n.º 2761/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua dos Eucaliptos, n.ºs 20 e 20A, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 106 (ver ponto 10).

**65. Deliberação n.º 3840/2022 – Proposta n.º 2762/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida da República da Guiné Bissau, n.ºs 30 a 30B com
traseiras para a Praceta Fernando Alcobia, n.ºs 1 a 3 – 8.º F, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 107 (ver ponto 10).

**66. Deliberação n.º 3841/2022 – Proposta n.º 2763/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Praceta dos Cedros, n.ºs 9 e 9A – 1.º andar traseiro, em
Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 108 (ver ponto 10).

**67. Deliberação n.º 3842/2022 – Proposta n.º 2764/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Largo José Joaquim Cabecinha, n.ºs 4 a 6 e Rua Jorge Claro,
n.ºs 8 a 14 – 3.º E, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 109 (ver ponto 10).

**68. Deliberação n.º 3843/2022 – Proposta n.º 2765/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Cidade da Beira, n.º 18 – 3.º Frt., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 110 (ver ponto 10).

**69. Deliberação n.º 3844/2022 – Proposta n.º 2766/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua João Eloy do Amaral, n.ºs 116 a 132, tornejando para a
Travessa das Amoreiras, n.ºs 1 e 3 - R/C, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 111 (ver ponto 10).

**70. Deliberação n.º 3845/2022 – Proposta n.º 2767/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Casal de Bolinhos, Rua Margarida Caineta, n.º 29 (antigo Lote
48), em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 112 (ver ponto 10).

**71. Deliberação n.º 3846/2022 – Proposta n.º 2768/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua António José Batista, n.ºs 96 a 110, tornejando para a
Rua da Cerâmica – 1.º A, Bloco A, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 113 (ver ponto 10).

**72. Deliberação n.º 3847/2022 – Proposta n.º 2769/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Travessa Aquilino Ribeiro - R/C, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 114 (ver ponto 10).

**73. Deliberação n.º 3848/2022 – Proposta n.º 2770/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Travessa da Saúde, n.º 2, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 115 (ver ponto 10).

**74. Deliberação n.º 3849/2022 – Proposta n.º 2771/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua de São Gonçalo, n.º 161, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 116 (ver ponto 10).

**75. Deliberação n.º 3850/2022 – Proposta n.º 2772/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Urbanização Pote d' Água, Largo Alberto Mendes Fialho, n.º 4
– 2.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 117 (ver ponto 10).

**76. Deliberação n.º 3851/2022 – Proposta n.º 2773/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, n.ºs 10, 10-A a
10-E e Rua Acácio Barradas – 2.º A, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 118 (ver ponto 10).

**77. Deliberação n.º 3852/2022 – Proposta n.º 2774/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Ary dos Santos, n.º 77, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 119 (ver ponto 10).

**78. Deliberação n.º 3853/2022 – Proposta n.º 2775/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Fonte de Negreiros, n.ºs 38 e 38 A, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 120 (ver ponto 10).



**79. Deliberação n.º 3854/2022 – Proposta n.º 2776/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida Bento de Jesus Caraça, n.º 11 – 2.º B, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 121 (ver ponto 10).

**80. Deliberação n.º 3855/2022 – Proposta n.º 2777/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua da Vontade, n.º 72, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 122 (ver ponto 10).

**81. Deliberação n.º 3856/2022 – Proposta n.º 2778/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Libânio Braga, n.ºs 1 a 13 (Bloco A), 3.º Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 123 (ver ponto 10).

**82. Deliberação n.º 3857/2022 – Proposta n.º 2779/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida Manuel Maria Portela, n.ºs 71 a 75 e Beco Garcia
Peres, n.ºs 1 e 3, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 124 (ver ponto 10).

**83. Deliberação n.º 3858/2022 – Proposta n.º 2780/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Álvaro Castelões, n.ºs 55 e 57, tornejando para a Rua Dr.
Estevam de Vasconcelos, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 125 (ver ponto 10).

**84. Deliberação n.º 3859/2022 – Proposta n.º 2781/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Vale de Cães ou Choilo, Rua Gil Eanes, Lote 95, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 126 (ver ponto 10).

**85. Deliberação n.º 3860/2022 – Proposta n.º 2782/2022 – DAF/DICONT/SERGE
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua das Andorinhas, n.º 6, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 127 (ver ponto 10).

**86. Deliberação n.º 3861/2022 – Proposta n.º 2783/2022 – DAF/DICONT/SERGE
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Coronel Carlos Fabião, n.ºs 25 e 25A, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 128 (ver ponto 10).

**87. Deliberação n.º 3862/2022 – Proposta n.º 2784/2022 – DAF/DICONT/SERGE
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Avenida D. João II, n.º 12 – 7.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 129 (ver ponto 10).

**88. Deliberação n.º 3863/2022 – Proposta n.º 2785/2022 – DAF/DICONT/SERGE
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua General Daniel de Sousa, n.º 4 – 1.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 130 (ver ponto 10).

**89. Deliberação n.º 3864/2022 – Proposta n.º 2786/2022 – DAF/DICONT/SERGE
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Praceta Maria Lamas, n.º 4 – 8.º REC. Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 131 (ver ponto 10).

**90. Deliberação n.º 3865/2022 – Proposta n.º 2787/2022 – DAF/DICONT/SERGE
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Estevam de Vasconcelos, n.ºs 23 e 25 - R/C, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 132 (ver ponto 10).

**91. Deliberação n.º 3866/2022 – Proposta n.º 2788/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Praceta das Amoreiras, n.º 5 – 3.º Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 133 (ver ponto 10).

**92. Deliberação n.º 3867/2022 – Proposta n.º 2789/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Fernando Santos, n.º 9 - R/C Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 134 (ver ponto 10).

**93. Deliberação n.º 3868/2022 – Proposta n.º 2790/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Bairro da Liberdade, Lote 87, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 135 (ver ponto 10).

**94. Deliberação n.º 3869/2022 – Proposta n.º 2791/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Praça D. Olga Morais Sarmento, n.ºs 11, 12 e 13 – 2.º Esq., em
Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 136 (ver ponto 10).

**95. Deliberação n.º 3870/2022 – Proposta n.º 2792/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Miguel Homem Sampaio e Melo, n.º 14 - R/C Esq., em
Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 137 (ver ponto 10).

**96. Deliberação n.º 3871/2022 – Proposta n.º 2793/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Praça D. Olga de Morais Sarmento, n.º 4 – 2.º Dto., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 138 (ver ponto 10).

**97. Deliberação n.º 3872/2022 – Proposta n.º 2794/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua da Verdade, n.º 11, em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 139 (ver ponto 10).

**98. Deliberação n.º 3873/2022 – Proposta n.º 2795/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Garcia Peres, n.ºs 25, 25A e 25B - R/C Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 140 (ver ponto 10).

**99. Deliberação n.º 3874/2022 – Proposta n.º 2796/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Praceta Padre Américo, n.º 3 (Torre 3) – 4.º Esq., em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 141 (ver ponto 10).

**100. Deliberação n.º 3875/2022 – Proposta n.º 2797/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua Irene Lisboa, Lote 113 - R/C Dto., em Azeitão**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 142 (ver ponto 10).

**101. Deliberação n.º 3876/2022 – Proposta n.º 2798/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Rua João Eloy do Amaral, n.º 152, tornejando para a Praça
Machado dos Santos, n.º 39-B – 2.º C, em Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 143 (ver ponto 10).

**102. Deliberação n.º 3877/2022 – Proposta n.º 2799/2022 – DAF/DICONT/SERGE P
– Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de
preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 - R/C Dto., em
Setúbal**

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 144 (ver ponto 10).

103. Deliberação n.º 3878/2022 – Proposta n.º 2800/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 - R/C Esq., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 145 (ver ponto 10).

104. Deliberação n.º 3879/2022 – Proposta n.º 2801/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 1.º Esq., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 146 (ver ponto 10).

105. Deliberação n.º 3880/2022 – Proposta n.º 2802/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 1.º Frt., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 147 (ver ponto 10).

106. Deliberação n.º 3881/2022 – Proposta n.º 2803/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 2.º Esq., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 148 (ver ponto 10).

107. Deliberação n.º 3882/2022 – Proposta n.º 2804/2022 – DAF/DICONT/SERGEP – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 3.º Esq., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 149 (ver ponto 10).



108. Deliberação n.º 3883/2022 – Proposta n.º 2805/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Quinta da Amizade, Praceta Hortelão, Lote 326 – 3.º Frt., em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 150 (ver ponto 10).

109. Deliberação n.º 3884/2022 – Proposta n.º 2806/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Avenida Bento de Jesus Caraça, n.º 71 – 4.º C, em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 151 (ver ponto 10).

110. Deliberação n.º 3885/2022 – Proposta n.º 2807/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Manifestação prévia de intenção de exercer ou não o direito de preferência – Rua Dr. Evaristo Sousa Gago, n.º 15, em Setúbal

A proposta foi aprovada, por unanimidade e em minuta, conforme documento anexo registado sob o n.º 152 (ver ponto 10).

111. Deliberação n.º 3886/2022 – Proposta n.º 2808/2022 – DAF/DICOR – Procedimento de Abertura da Contratação de Empréstimo de Médio/Longo Prazo - Investimentos Municipais 2023 – Adjudicação

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 153 a 156, não tendo havido discussão sobre a mesma.

Submetida à votação foi a proposta aprovada, por maioria, com 5 votos a favor, da CDU, e 5 abstenções, 4 do PS e 1 do PPD/PSD.

112. Deliberação n.º 3887/2022 – Proposta n.º 2809/2022 – DAF/DICONT/SERGE P – Protocolo de Cedência de Gestão e Utilização a celebrar entre o Município de Setúbal e o Clube de Ténis de Setúbal, a Associação de Ténis de Setúbal e a Federação Portuguesa de Ténis - Campos Desportivos do Parque Verde da Bela Vista, em Setúbal

O Sr. Presidente apresentou a proposta, conforme documentos anexos registados sob os n.ºs 157 a 159.

Sr. Vereador Pedro Pina – Disse que era só uma pequena e breve nota que queria dar, complementando a intervenção que o Sr. Presidente já lhes tinha deixado. Queria aproveitar, em primeiro lugar, para cumprimentar o Presidente do Clube de Ténis de Setúbal, que estava presente, bem como o Vice-Presidente da Associação de Ténis de Setúbal, que não sabia se ainda se encontrava presente ou se, entretanto, já tinha saído, e, também manifestar, em nome da Câmara Municipal, a disponibilidade quer do Clube de Ténis de Setúbal, uma

instituição que tinha demonstrado de forma inequívoca o trabalho em prol de todos os atletas ao longo de todos aqueles anos e a forma como, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, nunca tinha deixado, mesmo no período pandémico, de ser um clube muito ativo, sendo hoje em dia uma das referências nacionais do ténis do panorama nacional.

A par disso, [queria] dizer que também se congratulavam pela disponibilidade demonstrada pela Associação de Ténis do Distrito de Setúbal, bem como pela Federação Portuguesa de Ténis. Parecia-lhes que essa congregação de esforços das diferentes entidades, [a que] a Câmara Municipal também, obviamente, se associava, era um importante contributo para a requalificação daquele espaço, atribuindo-lhe, de uma forma renovada e requalificada, um sentido mais apropriado da modalidade e, também, num contexto onde já existia uma intervenção qualificada, com a pista de BMX, com a requalificação, também, do espaço do Campo Municipal Júlio Adrião, utilizado por várias entidades municipais. Portanto, congregar ali esse valor parecia-lhes, de todo, importante, sobretudo a garantia maior que essas instituições podiam dar, em prol do desenvolvimento desportivo da cidade. Era essa nota que queria dizer, a propósito da proposta que lhes era ali trazida.

Sr. Presidente – Disse que nunca era demais reconhecerem o trabalho que essas organizações faziam em prol, naquele caso, do Desporto e daquelas modalidades, em particular. O Município de Setúbal tinha esse privilégio de ter essas entidades que promoviam essa atividade no concelho, que era reconhecida por essas três entidades, que eram, no fundo, a representação nacional das modalidades.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que aquele equipamento era, naquele momento, utilizado por vários municípios que o escolhiam pelo custo de utilização mais baixo face a outros equipamentos semelhantes que existiam no concelho e o protocolo que lhes era apresentado deixava ao critério do Clube de Ténis a definição de preços.

Mesmo considerando que os preços propostos pelo Clube de Ténis careciam de aprovação da Câmara, parecia-lhes que seria importante poderem garantir que o preço de referência seria o praticado naquele momento, para que aquele protocolo fosse, efetivamente, um fator de inclusão e de dinamização da prática desportiva, particularmente daquelas modalidades e não um fator de exclusão daqueles que tinham uma menor disponibilidade financeira.

Sr. Presidente – Disse ao senhor vereador que, conforme tinha sido referido - independentemente do que tinha referido, que cabia à Câmara Municipal, naqueles casos, a aprovação dos valores -, como era do conhecimento de todos, aquelas entidades tinham um trabalho, um papel e uma compreensão. Tinham provas dadas no município, relativamente a essas considerações que tinha referido.

Portanto, por isso mesmo, porque não havia dois dias que aquela situação existia, que essa prática existia, consideravam que deviam confiar nessas entidades, no sentido de elas terem em conta, precisamente, esses objetivos da inclusão e de criar as condições que melhor entendessem em cada momento, para que todos pudessem ter acesso à prática desportiva, em particular naquelas modalidades.

Submetida à votação foi a proposta aprovada, por maioria, com 6 votos a favor, 5 da CDU e 1 do PPD/PSD, e 4 abstenções, do PS.

113. Deliberação n.º 3888/2022 – Proposta n.º 2810/2022 – DAF – OIKOS Construções, SA – Aprovação de Minuta de Transação Judicial

O Sr. Presidente apresentou a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 160 a 164.

Sr. Presidente – Disse era um processo que tem sido acompanhado pela Câmara Municipal e no qual os advogados da Câmara Municipal têm feito intervenção e, que se propunha uma proposta final de um acordo, para regularizar aquela situação com a massa falida da empresa OIKOS.

Nas considerações dos advogados da Câmara Municipal, aquela proposta era uma proposta que correspondia aquilo que eram as expectativas melhores da Câmara Municipal, relativamente àquele processo. Dessa forma, e com a aprovação daquela proposta, se assim o entendessem, davam por fim aquele processo que se arrastava a alguns anos.

Era preciso reconhecer a capacidade, a influência e a persistência dos advogados da Câmara Municipal, para conseguirem chegar àquele entendimento, numa situação que não foi nada agradável, num processo para a Câmara Municipal, para quem tinha a responsabilidade da gestão da Câmara Municipal de Setúbal.

Propunha-se aos senhores vereadores a aprovação daquela minuta da transação judicial.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que lhes era apresentada um acordo extrajudicial naquela proposta, que diluía por 7 anos o pagamento de 1 milhão de euros mais juros. Era um processo que decorria de um incumprimento no pagamento de um contrato de empreitada de 2005, ou seja, um contrato de empreitada já com 17 anos, e pensava ser seguro afirmar que se não estivessem perante uma massa insolvente, a probabilidade de obter um acordo que tivesse sido tão favorável ao Município, com um desconto de mais de metade sobre o valor peticionado, seria baixa ou até mesmo nula.

Por isso, importava questionar quantos processo semelhantes existiam. Se havia outros e quantos eram os processos judiciais que decorriam naquele momento contra o Município, por situações semelhantes de incumprimento no pagamento de contratos.

Sr. Presidente – Disse que o senhor Vereador, quando via um problema a ficar resolvido, levantava logo outro. Era uma função que reconheciam no papel da oposição. Da forma como colocava a questão, parecia que aquela Câmara tinha tantas dívidas, daquele tipo, a empresas como aquela.

Pensava que o senhor Vereador Carlos Rabaçal, que acompanhava aqueles processos, poderia dar uma explicação melhor, sobre o que estava ali em causa, e que não era tanto como o senhor Vereador tinha referido.

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Disse que aquele processo era anterior à sua vinda. Era de 2005 e chegou em 2009.

Era um processo que veio de uma avaliação dos serviços municipais relativamente ao desempenho daquela empresa, que esteve ligada ao Mercado 2 de Abril, e esteve ligada também a infraestruturas de saneamento, etc., e o que estava em causa eram infraestruturas de saneamento.

Houve um momento em que a empresa reclamou um processo de reequilíbrio financeiro, por dificuldades de execução da obra. A obra teve um processo de expropriação, bastante complexo, o que atrasara bastante a obra, e a empresa pediu um reequilíbrio financeiro. Veio pedir esse reequilíbrio financeiro fora de prazo. Os juristas da Câmara, na época, entenderam que estando fora de prazo, já não tinha direito a reclamar. Em boa verdade, olhando para o processo, eles tinham direito a esse reequilíbrio, olhando para o momento em que pediram o reequilíbrio, perderam o “*timing*”. Foi assim que tinha sido decidido naquela altura.

O processo evoluiu para uma primeira instância do tribunal, e o tribunal deu razão à Câmara. Reconheceu que a Câmara tinha razão, e deu o assunto por arrumado. A empresa recorreu para um tribunal superior, que considerou que as razões da empresa superiorizavam-se à questão do prazo, e então o processo foi reaberto. E foi nessa reabertura do processo, muitos anos depois, já com juros acumulados, que se voltou a pegar naquela matéria. Entretanto, a empresa faliu e trataram da massa insolvente. A indemnização pedida era de oito milhões, por aí, algo desse género. A negociação dos nossos advogados levou a uma análise melhor, e um ajustamento, e chegou-se à indemnização que ali estava.

Relativamente ao valor a que chegaram, e ao valor que potencialmente poderia ter acontecido, era um resultado excelente para o Município.

Era preciso dizer que não era uma questão de uma dívida, não se tratou disso. Era um processo que teve aquele caminho e a Câmara até ganhou em primeira instância, e depois perdeu em segunda, eram os tribunais. O tribunal decidiu, em primeira instância, de acordo com a Câmara e o outro decidiu contra a Câmara. Se o outro tivesse sido a favor da Câmara, nem estavam ali a conversar sobre aquele assunto.

Portanto, aquilo era um processo normal, de relacionamento entre a Câmara e um prestador de serviços, um empreiteiro concreto, houve uma interpretação diferente do ponto de vista jurídico, deles e da empresa, e que um tribunal deu razão e o outro não deu, e o processo desenvolveu. Não era uma situação que a Câmara tinha uma dívida, e a empresa pôs a Câmara em tribunal, não se tratava disso, tratava-se de um processo que, para quem trabalhava com empreitadas, era mais do que banal. O que podia não ser banal era no valor.

Tinham muitos processos de litigação. Deu o exemplo, já tinha referido que havia uma empresa que tratava do interface. Dali a dias, se a coisa não se resolvesse acionavam a garantia bancária, e iam ter uma providência cautelar, etc., era assim, depois ganhavam ou perdiam e a vida continuava.

Quem estava naquele terreno das empreitadas, sabia que havia empresas que tinham mais juristas, advogados do que engenheiros, ou arquitetos. E que, no primeiro dia em que avaliavam o caderno de encargos, já estavam a tentar detetar aquilo que iam tentar, depois, buscar mais adiante, com eventuais discrepâncias ou incongruências deste, ou daquele documento. O que queria dizer que, para eles era uma questão quotidiana, não tinha nenhum problema.

E de facto, não foi exatamente como disse, era como ele dizia, e o que ele dizia era uma história diferente daquela que relatava.

Era aquele o processo, e como disse o senhor Presidente, chegou a bom porto, com um trabalho notável, na altura, do gabinete Ferreira Bastos e agora do novo gabinete de advogados. Fizeram um trabalho notável de negociação e de encontrar uma boa solução para o Município. Achava que estavam de parabéns no meio daquela situação. Mesmo a forma de pagamento do acordo era uma forma excelente de pagamento.

Sr. Presidente – Agradeceu ao senhor Vereador Carlos Rabaçal pelo esclarecimento relativamente ao que estava em causa naquela proposta. Nunca era de mais salientar o papel importante que os nossos advogados tiveram naquele processo. Um processo que se arrastou durante vários anos, e que no final a Câmara Municipal iria pagar uma obra que teve problemas vários, e que era o pagamento que no acordo resultada em 84 prestações mensais, incluindo o capital e juros. Portanto, isso era extremamente favorável para o Município. Mas resultava de uma negociação na qual os advogados da Câmara Municipal tiveram um papel extremamente importante.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que em relação àquela matéria, não tanto à proposta em si, mas em relação ao que tinha sido requerido por eles no início, relativamente aos documentos previsionais, e também à execução do orçamento daquele ano, era importante terem a listagem daquele tipo de dívidas. As dívidas que tinham mais de um ano, e do acumulado, porque aquela situação não era propriamente uma surpresa para eles, mas era importante terem consciência daquilo que estava para ser resolvido, ou daquilo que se ia acumulando como dívida da Câmara.

Deixou aquela solicitação e que ela fosse feita ainda até ao próximo sábado, até porque como tinha sido referido pelo Partido Socialista, também eles foram contactados no âmbito do estatuto de oposição, para lhes ser apresentado o orçamento e, nesse âmbito, era importante terem todos aqueles instrumentos.

O Sr. Presidente submeteu a proposta à votação, tendo sido aprovada, por maioria e em minuta, com 5 votos a favor da CDU, e 5 abstenções, 4 do PS e 1 do PPD/PSD.

114. Deliberação n.º 3889/2022 – Proposta n.º 17/2022 – DRH/DIDEC – SIADAP 1 - Ratificação da Avaliação das Unidades Orgânicas referente ao Ano de 2021

A Sra. Vice-Presidente apresentou a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob o registo n.º 165.

Sra. Vice-Presidente – Disse ser uma obrigação que tinham de após a avaliação feita pelos dirigentes responsáveis de cada serviço, vir àquela Câmara Municipal para ratificação dos senhores vereadores relativamente ao desempenho nas suas unidades orgânicas. Tiveram para consulta um dossiê onde estavam as fichas, e aquilo que propunham era uma avaliação de desempenho de bom para todos os departamentos da Câmara Municipal.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por maioria e em minuta com 9 votos a favor da CDU e do PS e 1 abstenções do PPD/PSD.

115. Deliberação n.º 3890/2022 – Proposta n.º 40/2022 – DOM – CP 11/2022/DOM - Empreitada “Reabilitação do Bairro das Manteigadas – Intervenção em Espaços Comuns, Cozinhas e Instalações Sanitárias”: - Aprovação do Relatório do Júri; - Lote 1 - Adjudicação e Aprovação da Minuta do Contrato; - Lote 2 - Não Adjudicação e Revogação da Decisão de Contratar; - Abertura de Procedimento de Contratação Pública Para Lote – 2

O Sr. Vereador Carlos Rabaçal apresentou a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 166 a 168.

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Disse que os senhores vereadores estavam recordados daquela proposta de reabilitação das cozinhas, instalações sanitárias e dos espaços comuns do Bairro da Manteigada, já tinha ido à reunião da Câmara e tinha sido aberto o procedimento concursal. Foram abertos 2 lotes - lote I e lote II -, sendo que de acordo com as regras do concurso cada empresa só se podia candidatar a um dos lotes.

Apareceu apenas uma empresa que se candidatou aos dois lotes, de acordo com as regras do concurso, só lhe podiam atribuir o lote preferencial, sendo que o segundo lote ficou deserto.

Avaliada a questão jurídica, concluíram ser possível proceder a uma adjudicação daquele lote II, em termos que tinham que ver com critérios materiais.

Relativamente ao lote II, o que se propunha era a não adjudicação e revogação da decisão de contratar, na medida em que aquela empresa não podia, naquele processo concursal, assumir o lote II.

Depois, o que se pretendia era a abertura de um novo procedimento de contratação pública para o lote II, por critérios materiais, e, dessa forma, já era possível que aquela empresa TECNORÉM pudesse assumir o lote II. Era possível porque não apareceu mais nenhuma empresa e, assim, conseguiam pela via do critério de material - a lei permitia -, atribuir esse lote II à empresa TECNORÉM.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por maioria e em minuta com 9 votos a favor da CDU e do PS e 1 abstenções do PPD/PSD.



116. Deliberação n.º 3891/2022 – Proposta n.º 41/2022 – DOM – Concurso Público 10/2022/DOM – Empreitada “EN 10-4 entre KM 15 + 255 e o KM 21 + 072 - Beneficiação”: Aprovação do Relatório Final, Adjudicação e Aprovação da Minuta do Contrato

O Sr. Vereador Carlos Rabaçal apresentou a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 169 a 172, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por maioria e em minuta com 9 votos a favor da CDU e do PS e 1 abstenções do PPD/PSD.

117. Deliberação n.º 3892/2022 – Proposta n.º 42/2022 – DOM – Empreitada CP 24/2010 – “Refuncionalização do Edifício do Círculo Cultural de Setúbal – Casa da Cultura – RESET” - Auto de Receção Definitiva – Homologação

O Sr. Vereador Carlos Rabaçal apresentou a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 173 e 174.

Sr. Vereador Carlos Rabaçal – Disse que o contrato tinha sido celebrado em 02/12/2010, tinham-se passado mais de 10 anos sobre aquele contrato. Naquele momento, estavam criadas e reunidas as condições para se fazer a receção definitiva daquela obra.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

118. Deliberação n.º 3893/2022 – Proposta n.º 43/2022 – DOM – Empreitada CP 36/2017 - “Requalificação da Envolvente do Convento de Jesus” - Libertação da Garantia

O Sr. Vereador Carlos Rabaçal apresentou a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 175 e 176, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

119. Deliberação n.º 3894/2022 – Proposta n.º 99/2022 – DCDJ/DIDES – Apoio financeiro ao Outdoor Clube de Setúbal – Trilhos do Javali Solidário 2022

O Sr. Vereador Pedro Pina apresentou a proposta, cujo original fica anexo à presente ata sob o registo n.º 177.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que saudavam a iniciativa do Outdoor Clube de Setúbal, a qual já tinha sido reconhecida pelo senhor Vereador Pedro Pina e à qual se associavam a esse reconhecimento e saudação.

Questionou o senhor Vereador Pedro Pina, depois da aprovação daquele apoio qual era o tempo médio, para aquela associação receber esse apoio. E, se todos os apoios que tinham ali sido aprovados já tinham chegado ao movimento associativo.

Sr. Vereador Pedro Pina – Disse que não percebia exatamente a questão do senhor Vereador Fernando José, mas tentaria responder.

No que dizia respeito ao apoio objetivamente, o pressuposto era que o apoio chegasse para a organização do evento. O evento organizava-se a 11 de dezembro, o que os serviços da Câmara Municipal fariam era o esforço que decorria exatamente da aprovação.

No que dizia respeito à segunda pergunta que lhe tinha dirigido, não lhe conseguia dizer àquela data. Pensava que os apoios eram aprovados e era nesse sentido que se tentava resolver e responder. Não lhe conseguia responder, não sabia se tinha alguma questão em concreto, ou de alguma situação em concreto, também não sabia de cor, alguma situação em concreto, que lhe pudesse ser dirigida e que pudesse responder. Mas à questão concreta, o apoio aprovado, naquele dia, para a organização da prova a 11 de dezembro, era para ser dirigido, como já tinha sido anteriormente também ao mesmo clube para a realização de um evento, que tinha sido o Duratrail.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

**120. Deliberação n.º 3895/2022 – Proposta n.º 813/2022 – DURB/DIGU -
Aprovação do projeto de arquitetura para construção de moradia bifamiliar,
piscina e muro de vedação - Processo n.º 63/22**

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob o registo n.º 178, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

**121. Deliberação n.º 3896/2022 – Proposta n.º 814/2022 – DURB/DIGU -
Informação prévia favorável relativa a construção de moradia bifamiliar,
abrigo automóvel, piscina e muro de vedação - Processo n.º 46/21**

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob o registo n.º 179, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

**122. Deliberação n.º 3897/2022 – Proposta n.º 815/2022 – DURB/DIGU -
Informação prévia favorável relativa a loteamento urbano - Processo n.º
60/21**

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob o registo n.º 180, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.



123. Deliberação n.º 3898/2022 – Proposta n.º 816/2022 – DURB/GAPRU – Concessão da licença de construção de reabilitação/reconstrução, alteração e ampliação de edifício de usos mistos - Processo n.º 441/20

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob o registo n.º 181, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

124. Deliberação n.º 3899/2022 – Proposta n.º 817/2022 – DURB/GAPRU - Homologação do auto de vistoria – Alojamento Local - Processo n.º 54/22

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 182 e 183, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

125. Deliberação n.º 3900/2022 – Proposta n.º 818/2022 – DURB/GAPRU - Homologação do auto de vistoria – Alojamento Local - Processo n.º 58/22

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 184 e 185, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

126. Deliberação n.º 3901/2022 – Proposta n.º 819/2022 – DURB/GAPRU - Homologação do auto de vistoria – Alojamento Local - Processo n.º 60/22

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 186 e 187, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

127. Deliberação n.º 3902/2022 – Proposta n.º 820/2022 – DURB/GAPRU - Homologação do auto de vistoria – Alojamento Local - Processo n.º 69/22

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 188 e 189, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

128. Deliberação n.º 3903/2022 – Proposta n.º 821/2022 – DURB/DIMOT - Implementação de sinais verticais de “Paragem e Estacionamento Proibidos”, na Rua do Bairro João Ferreira

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 190 e 191, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

129. Deliberação n.º 3904/2022 – Proposta n.º 822/2022 – DURB/DIMOT - Implementação de sinais verticais de “Paragem e Estacionamento Proibidos”, na Rua Paul Harris

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 192 e 193, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

130. Deliberação n.º 3905/2022 – Proposta n.º 823/2022 – DURB/DIMOT - Implementação de sinais de “Proibido Exceder Velocidade Máxima de 30 km/h”, na Rua José Augusto Coelho

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 194 e 195, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

131. Deliberação n.º 3906/2022 – Proposta n.º 824/2022 – DURB/DIMOT - Implementação de sinais verticais de “Estacionamento Proibido” e “Proibido Exceder Velocidade Máxima de 30 km/h., na Rua de São Filipe

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 196 e 197, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

132. Deliberação n.º 3907/2022 – Proposta n.º 825/2022 – DURB/GARIU - Painele publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 65/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 198 a 200, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

133. Deliberação n.º 3908/2022 – Proposta n.º 826/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 66/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 201 a 203, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

134. Deliberação n.º 3909/2022 – Proposta n.º 827/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 67/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 204 a 206, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

135. Deliberação n.º 3910/2022 – Proposta n.º 828/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 89/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 207 a 209, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

136. Deliberação n.º 3911/2022 – Proposta n.º 829/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 90/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 210 a 212, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

137. Deliberação n.º 3912/2022 – Proposta n.º 830/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 91/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 213 a 215, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

138. Deliberação n.º 3913/2022 – Proposta n.º 831/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 92/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 216 a 218, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

139. Deliberação n.º 3914/2022 – Proposta n.º 832/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 93/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 219 a 221, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

140. Deliberação n.º 3915/2022 – Proposta n.º 833/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 94/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 222 a 224, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

141. Deliberação n.º 3916/2022 – Proposta n.º 834/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 95/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 225 a 227, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

142. Deliberação n.º 3917/2022 – Proposta n.º 835/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 98/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 228 a 230, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

143. Deliberação n.º 3918/2022 – Proposta n.º 836/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 109/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 231 a 233, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

144. Deliberação n.º 3919/2022 – Proposta n.º 837/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 110/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 234 a 236, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

145. Deliberação n.º 3920/2022 – Proposta n.º 838/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 112/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 237 a 239, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

146. Deliberação n.º 3921/2022 – Proposta n.º 839/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 113/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 240 a 242, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

147. Deliberação n.º 3922/2022 – Proposta n.º 840/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 114/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 243 a 245, não tendo havido discussão sobre a mesma.



O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

148. Deliberação n.º 3923/2022 – Proposta n.º 841/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 122/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 246 a 248, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

149. Deliberação n.º 3924/2022 – Proposta n.º 842/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 123/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 249 a 251, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

150. Deliberação n.º 3925/2022 – Proposta n.º 843/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário tipo mini c/ 4m2 cada face - Processo n.º 124/19

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 252 a 254, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

151. Deliberação n.º 3926/2022 – Proposta n.º 844/2022 – DURB/GARIU - Painei publicitário c/ 12m2 - Processo n.º 699/16

A Sra. Vereadora Rita Carvalho leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob os registos n.ºs 255 a 257, não tendo havido discussão sobre a mesma.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido aprovada, por unanimidade e em minuta.

152. Deliberação n.º 3927/2022 – Proposta n.º 09/2022 – GAVPS – Estacionamento

O Sr. Vereador Joel Marques ler a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob o registo n.º 258.

Sr. Vereadora Rita Carvalho – Questionou se tinham alguma quantificação das propostas que eram ali apresentadas.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que aquilo que era apresentado era uma proposta de negociação com a concessionária e, portanto, essa negociação, de acordo com aquilo que proponham pressupunha uma redução do número de lugares tarifados à superfície. Não havia, como devia compreender, uma quantificação, na medida em que estavam a falar de uma proposta de negociação.

Não havia ali uma intenção de propor que o Município se substituísse aos residentes, se substituísse aos cidadãos que estacionavam na cidade, no pagamento adicional de qualquer valor à concessionária. Aquilo que existia era uma proposta concreta, de renegociação do contrato. E, portanto, os termos de renegociação seriam naturalmente definidos entre o Município e a concessionária e, certamente, que seriam ali apresentados, havendo um acordo.

A propostas deles é que fossem feitos os esforços necessários, com início imediato conducentes à redução em 50% do número total de lugares passíveis de tarifação à superfície, a alteração naquilo que eram os valores dos dísticos, de forma permanente, e a transformação de atribuição contratual definida no anexo IX, como a senhora Vereadora bem sabia, já deveria estar concluída e, ainda, não estava sequer iniciada, numa prestação pecuniária do mesmo valor, a ser alocado a um equipamento cultural ou desportivo, ou alternativamente, a construção, por parte da concessionária, de um equipamento cultural ou desportivo.

Sr. Vereadora Rita Carvalho – Disse que aquela proposta sofria de uma redundância imensa.

Primeiro, as questões da reponderação e da articulação com o concessionário, já tinham sido assumidas naquela Câmara e na Assembleia Municipal, pelo executivo da CDU.

Portanto, não havendo uma proposta concreta, ela não sendo quantificada, argumentada e ponderada, sofria de uma redundância, que era aquilo que já tinha sido assumido pelo executivo CDU.

Por outro lado, relativamente também ao ponto 4, no que se referia à obra do Largo José Afonso, ela já tinha sido assumida, nos termos que estava ali proposto.

Sobre aquela proposta, tal como outras ali trazidas pelo PS, não eram percetíveis, não eram ponderadas, não tinham uma quantificação financeira, não tinham uma argumentação, não tinham a quantificação dos impactos financeiros, como nunca tiveram as propostas da bancada do PS feitas, pelo menos, naquele mandato. Fazia propostas sem conhecer a realidade, sem conhecer os impactos que isso poderia ter, obviamente, que uma renegociação à partida com um objetivo de redução de 50% dos lugares concessionados tinha impacto e tinham impactos que se conseguiam dimensionar. E era nessa medida que perguntava qual o dimensionamento que tinham feito.

Por outro lado, disse que elas já tinham sido ali assumidas pelo executivo, que estavam em conversações com o concessionário para encontrar alternativas, para a obra do Largo José Afonso, que eles próprios tinham assumido, que não era naquele momento a prioritária e que estavam a reponderar as condições da própria concessão.

Reafirmou que o estacionamento tarifado, na opinião deles, era aquele que melhor protegia os residentes, que era uma contradição, que na opinião deles estava expressa na proposta.

Concluiu dizendo que achava que, mais uma vez, eram propostas irresponsáveis e que o PS propunha sem ter o dimensionamento onde é que seria a conclusão financeira da sua aplicação.

A primeira concessão do estacionamento daquela Câmara, tinha sido feita pelo PS, em 1994, quando as condições de circulação rodoviária e de utilização do transporte individual eram completamente distintas.

Sr. Vereadora Rita Carvalho – Disse que não sabia, mas era o PS que estava a gerir a Câmara na altura e tinha sido o PS que tinha feito essa concessão, tal como tinha feito a concessão das águas.

Vozes de fundo

Sr. Vereadora Rita Carvalho – Disse que era só para argumentar, que de facto, não valia tudo em política. Quando vinham dizer que não havia matéria, que não havia motivo, que não havia argumento presentemente para ter estacionamento tarifado havia que relembrar que tinha sido o PS em 1994, quando as condições da utilização do transporte automóvel, as condições e as preocupações ambientais eram distintas das que se viviam presentemente, portanto, era demagogo os argumentos que apresentavam.

Relativamente à renegociação e ao ponto 4, que era no fundo não fazer a intervenção do Largo José Afonso, reafirmou que elas já tinham sido assumidas ali, pelo senhor Presidente e por si, em várias reuniões da Câmara.

Sr. Presidente – Questionou como queriam que classificasse aquela proposta do Partido Socialista.

Os senhores propunham o estabelecimento imediato de negociações com o concessionário e a redução de 50% do número total de lugares. Isso era possível quantificar. Questionou o senhor Vereador se não era possível de quantificar a redução e 50% dos lugares, quando os senhores tinham ali, na proposta o número de lugares. Questionou se não era possível quantificar, ao longo de 40 anos, com a evolução, naturalmente dos preços, era normal, para manter o equilíbrio contratual, que estava no caderno de encargos, tinha sido aprovado na Câmara e na Assembleia Municipal. A redução de 50% do número de lugares não era possível quantificar ou não queriam quantificar, como acontecia com todas as propostas do Partido Socialista. Era de uma grande irresponsabilidade.

Se aquela proposta fosse aprovada na Câmara Municipal, no dia seguinte aquela Câmara entrava no caminho que estava, pior ainda que isso.

Vozes de fundo

Sr. Presidente – Questionou se o senhor não sabia, ou se não queria saber.

Reduzir 50% de 8300 lugares que estavam contratualizados com uma empresa, para implementar ou para vigorar durante 40 anos, se o senhor vereador quisesse sabia fazer as contas.

Apresentar uma proposta daquelas, na Câmara Municipal, era de imediato hipotecar a Câmara Municipal, era isso que estava em causa. Era de uma irresponsabilidade de todo o tamanho. Era qualquer coisa que não passava pela cabeça de ninguém, só, eventualmente, por algumas cabeças iluminadas. Bastava o primeiro ponto da proposta.

Como a senhora Vereadora já referiu, já tinha tido oportunidade de dizer há uns meses largos, que estavam em conversações com o operador, no sentido de resolver o problema do compromisso quanto ao Largo José Afonso. Essas conversações têm vindo a acontecer. Como também tinha dito que todo aquele processo e outras questões que também já tinha identificado, das conversações que tem tido com a empresa, no sentido de vir a encontrar alguns caminhos que, do ponto de vista deles, poderiam beneficiar o resultado do contrato de concessão que estava estabelecido da Câmara Municipal com aquela empresa. Esse era um caminho que estava a ser feito.

Aqueles eram caminhos que tinham de ser acompanhados com juristas, porque o que estava ali em causa era de facto de uma grande sensibilidade. Uma coisa era entrar em conversações, ver até onde poderiam acordar em soluções que servissem melhor a cidade e os objetivos que eram traçados, não havia nenhuma dúvida sobre os objetivos que estavam subjacentes àquele tipo de intervenção no espaço público.

Relativamente a algumas situações, entendiam que se justificava haver conversações, para ver até que ponto é que a Câmara Municipal poderia entrar num processo de negociação equilibrado com a empresa, no sentido de servir melhor os setubalenses e a cidade de Setúbal. Era isso que estava em causa. Agora, aquilo que era ali apresentado por uma proposta daquelas, era profundamente lamentável.

Percebiam o que eram os partidos da oposição, a sua iniciativa, no sentido de poder granjear algum benefício do ponto de vista político-partidário, isso percebiam. Era uma questão que se percebia, no âmbito da vida democrática e, também, do funcionamento das instituições democráticas, agora propostas daquelas, lamentavam profundamente. Mas era assim, cada um assumia as responsabilidades que tinha. Só quis chamar à atenção e tinha plena consciência disso, de que se eles apresentassem uma proposta daquelas ao operador, tal como ali estava expressa, passados poucos meses a Câmara Municipal entraria em rutura financeira, em incapacidade de gerir a Câmara Municipal. Se era isso que os senhores pretendiam *"tudo bem"*, agora não podiam aceitar aquele tipo de propostas de uma completa irresponsabilidade, no que dizia respeito à gestão do Município, à gestão de uma empresa. Lamentavelmente era aquilo que tinham de dizer a um partido que tinha responsabilidades. Era profundamente lamentável que apresentasse propostas não quantificadas e de uma irresponsabilidade total.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que o nível de responsabilidade da CDU, relativamente àquele tema conheciam. A passagem de 1487 lugares para 8300, sabiam bem quem a tinha feito e quem a tinha aprovado. E não tinha sido só a sua antecessora, ali em reunião da Câmara, tinha sido também o senhor Presidente, que tinha votado favoravelmente o caderno de encargos, que tinha votado favoravelmente a adjudicação, que tinha votado favoravelmente a minuta do contrato, enquanto Presidente da Assembleia Municipal. Portanto, não escamoteavam as suas responsabilidades e entendiam que o senhor Presidente, como o seu executivo, também não as deviam escamotear.

Não quantificavam um valor exato, relativamente à proposta que tinham apresentado porque - como o senhor Presidente bem sabia -, não estavam ainda naquele momento instalados 50% dos lugares tarifados. Proponham uma redução de 50% face ao total, não estavam ainda instalados 50%. Os lugares que faltavam instalar até atingirem os 50%, até atingirem os 4150 lugares, eram lugares em zonas diferentes, que tinham também tarifações diferentes. Portanto, em sede de negociação com o concessionário, caso aquela proposta fosse aprovada e face à ausência do senhor Vereador Fernando Negrão, também facilmente percebiam que, mesmo que o PSD acompanhasse a proposta, o sentido de voto da CDU sendo desfavorável com o seu voto de qualidade, a proposta não passava, também sabiam fazer essas contas.

Se aquela proposta fosse aprovada era em sede de negociação com o concessionário, que se definiria quais é que eram as condições dessa negociação. O que não se podia afirmar, como o senhor Presidente fez e costumava fazer, era atirar para a oposição o rótulo de irresponsabilidade na apresentação de propostas, assumindo que as suas propostas, para renegociar um contrato que o senhor Presidente aprovou há pouco mais de um ano, de renegociar uma retribuição contratual, estava definida na minuta e no caderno de encargos do anterior executivo da CDU, que tinha sido votado favoravelmente pelo senhor Presidente, que tinha sido votado favoravelmente pela antecessora do senhor Presidente e por quem a acompanhava no executivo e vir dizer que não era prioritária aquela retribuição contratual que estava definida por um prazo de 12 meses - que já lá iam - vir dizer que um incumprimento contratual, que naquele momento subsistia, não era passível de negociação ou que era aceitável, uma vez que aquela intervenção não era uma intervenção prioritária, isso é que era de uma grande irresponsabilidade.

Os acordos ou eram assinados com um clausulado que correspondesse às necessidades das duas partes, incluindo, naturalmente, a Câmara Municipal de Setúbal, ou eram feitos tendo em vista que tinham de ser cumpridos, e que tinham que ser respeitados pelas duas partes e que o clausulado que estava presente nos contratos era o clausulado que melhor respondia

às necessidades do concelho e dos seus cidadãos. Ou então criavam contratos com cláusulas que, depois, estivessem de acordo com aquilo que as duas partes entendiam que era a melhor opção, incluindo naturalmente, a concedente que era a Câmara Municipal de Setúbal, ou os contratos eram feitos tendo em consideração que tinham que ser honrados, e que tinham pelas duas partes e que o clausulado que estava vertido nos contratos era o clausulado que melhor respondia aquilo que eram as necessidades do concelho e dos seus cidadãos, ou então estavam a criar contratos com cláusulas que depois entendiam que não deviam de ser cumpridas, ou não deviam ser cumpridas no prazo que estava definido, ou não deviam ser cumpridas exatamente da mesma forma que estava vertido no contrato, agora tinham que o assumir.

Disse que não foi a bancada do Partido Socialista que apresentou aquele contrato, que apresentou aquele caderno de encargos, que apresentou aquela minuta, nem que fez aquela concessão. Portanto, o Partido Socialista estava muito confortável com as propostas que ali apresentava e, estava perfeitamente convicto, tal como estavam os seus vereadores e, os seus autarcas, que a proposta que ali era apresentada era a proposta que melhor servia os interesses da população e, que era fundamental que fossem encetadas, o quanto antes, negociações conducentes a uma redução da área tarifada que estava prevista no contrato.

O contrato da forma como tinha sido aprovado, a concessão da forma como foi feita não respondia às necessidades dos cidadãos, poderia responder do ponto de vista financeiro àquilo que eram as necessidades de tesouraria, que o atual executivo entendia. Iam esperar pela prestação de contas, mas no próximo ano iriam ter certamente surpresas para alguém que estivesse distraído, face àquilo que era a receita para o Município decorrente da aplicação daquele contrato, quando ainda estavam muito longe da aplicação total, iam analisar isso em abril, e tinha a certeza de quem andasse distraído poderia, eventualmente, ter algumas surpresas. Quem andava atento àquilo que era a alteração dos tarifários e aquilo que era o aumento significativo do número de parquímetros já instalados e do número de lugares já tarifados, certamente que não iria ficar surpreendido com a correção que iriam ter em alta, face àquilo que foram os valores cobrados noutros anos.

Sr. Presidente – Disse que o senhor Vereador dava 50 voltas ao carrossel, mas isso não lhe tirava a responsabilidade da proposta que ali estava.

A proposta que ali estava era bem clara. Do que falavam, independentemente dos parquímetros que estavam, ou não, instalados, era de um caderno de encargos e de um compromisso que a Câmara Municipal assumiu, era disso que falavam. O que os senhores estavam ali a propor era a redução de 50% daqueles lugares, ou seja, a redução de 4150 lugares, isso tinha custos para 40 anos.

O senhor vereador não quantificava porque não queria, porque não lhe interessava, mas ele tinha de quantificar. Portanto, só não quantificava porque apresentavam propostas daquelas, era irresponsável. Se fizesse as contas e apresentasse ali as contas, não era preciso muito rigor, um valor aproximado do que aquilo podia significar. Se apresentasse ali esse valor ficaria ridícula aquela proposta. Era isso que estava ali em causa. Não metesse se os parquímetros avançavam muito ou pouco. Isso eram questões que seriam tratadas naturalmente, com a responsabilidade que a Câmara Municipal e os serviços da Câmara Municipal tinham, isso era outra questão. O que queria era que o senhor Vereador falasse da proposta que ali apresentou e do seu significado. De quantos milhões é que falavam, era disso que o senhor tinha de falar, na proposta que ali apresentava, de quantos milhões é que estava ali a falar, era só isso. E por isso é que considerava que aquela proposta, além disso, era uma proposta ridícula, era qualquer coisa de uma grande irresponsabilidade. Voltou a questionar de quantos milhares, de quantas centenas de euros, ou quantos milhões é que estavam ali em causa. Era isso.

Não se refugiasse na questão dos parquímetros que estavam ou não instalados, isso era outra questão. O que o senhor estava ali a colocar em causa era o não cumprimento de um contrato com base num caderno de encargos que a Câmara Municipal aprovou e que tinha essa responsabilidade com aquela empresa.

Era isso que estava ali em causa; queria que lhe dissesse se falavam de meia dúzia de euros, de dezenas de euros, centenas de euros, milhares de euros ou de milhões de euros. E só falavam do ponto 1, não falava dos outros pontos, até porque relativamente ao ponto 4, já tinha transmitido ali há vários meses essa iniciativa da Câmara Municipal das conversações com o operador. Relativamente a outras questões, que também já ali falou, que era relativamente ao Parque de Estacionamento, designadamente e também, nas conversações, poderem chegar a algum entendimento relativamente ao número de lugares, mas isso não eram questões daquela natureza, como a que o senhor Vereador apresentava.

Só queria que o senhor Vereador lhe dissesse se falavam de meia dúzia de euros, dezenas de euros, centenas de euros, milhares de euros ou de dezenas de milhões de euros, era isso que queria que o senhor Vereador dissesse-lhe, só relativamente ao ponto 1 da proposta.

Aquela proposta que ali estava tinha de ser traduzida em responsabilidade. Só no ponto 1, o que significava em milhões de euros. O senhor Vereador sabia muito bem fazer contas, melhor do que ele.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que sempre que os vereadores do Partido Socialista apresentavam propostas, que lhe desagradavam, partia para o insulto, e eles não admitiam isso, e já lhe disse isso mais do que uma vez. O senhor estava ali enquanto Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, geria aquelas reuniões da Câmara e, devia-o fazer com urbanidade que às vezes ia faltado. O senhor Presidente chamou-os de ridículos, foi isso que fez, ridículos, irresponsáveis.

Sr. Presidente – Disse que tinha dito a proposta, que não deturpasse a coisa. Tinha dito que era uma proposta irresponsável e uma proposta ridícula.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que o senhor Presidente podia também dar a volta no carrossel.

Sr. Presidente – Disse que podia visualizar nos registos e, também, na ata.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que podia agora também dar a tal voltinha no carrossel, mas aquilo que tinha feito, achava que era claro para todos.

Questionou se o senhor Presidente sabia o que tinha sido uma posição ridícula, uma posição de irresponsabilidade, tinha sido avançar com o concurso da forma como a CDU tinha avançado.

Sr. Presidente – Questionou o senhor Vereador se queria trazer para ali uma questão que era um facto consumado.

Sr. Vereador Fernando José – Questionou se podia fazer uma intervenção ou tinha de fazer a intervenção que o senhor Presidente entendia.

Intervenção ininteligível

Sr. Vereador Fernando José – Disse que irresponsabilidade foi lançarem um concurso da forma como o lançaram. Irresponsabilidade foi outorgarem a concessão do estacionamento por 40 anos, e da forma como o fizeram. E isso era reconhecido. Tanto era reconhecido, que o senhor Presidente acabou de dizer que estava disponível, ou estaria disponível para essa negociação com a empresa. Se estavam a negociar, ou se iam negociar com a empresa, era porque perceberam que aquilo que lançaram não estava correto, tinha correções. Portanto, isso, sim, foi uma irresponsabilidade. A proposta apresentada naquele dia ali, pelos vereadores do Partido Socialista, tinha várias dimensões. E uma delas, aquela a que o senhor Presidente se agarrava, podia-lhe dizer, olhos nos olhos, aquela proposta era comportável no contrato de concessão de estacionamento. O senhor Presidente era um homem inteligente e

sabia isso. Tentava dar as “tais voltas do carrossel”, para desviar a atenção daquilo que era essencial.

O Partido Socialista nunca foi contra o estacionamento tarifado na cidade, nunca foi, nem ali, nem em lado nenhum. Já a CDU noutros concelhos... era verem a posição, mas era de Setúbal que falavam. Aquilo que não aceitavam foi como aquela concessão foi feita, por 40 anos, e com um alargamento brutal dos lugares tarifados. O senhor Presidente poderia dizer que o alargamento do estacionamento tarifado como estava previsto era a melhor forma de defender os setubalenses, de proteger quem morava nos bairros. Não conseguia perceber como. Questionou como a Câmara Municipal de Setúbal ao alargar estacionamento tarifado para a Urbisado, para as Amoreiras, para o Bairro do Liceu ia estar a defender aquela população. Não fazia sentido. E era isso que eles ali, naquele dia traziam. Era uma proposta de que a Câmara Municipal de Setúbal iniciasse essa negociação com a empresa, que nessa negociação fosse possível reduzir em 50% os lugares de estacionamento tarifado, na nossa cidade, porque não fazia sentido alargar esses lugares de estacionamento a zonas residenciais, como era o Bairro do Liceu, as Amoreiras e Urbisado, não fazia sentido. E mais, aquilo que pediam com aquela proposta era a suspensão imediata do alargamento de lugares tarifados, enquanto essa negociação decorresse. Não era colocar parquímetros num dia e no outro dia tiravam, depois colocavam novamente, era suspender, para que aquilo fosse efetivamente analisado. Suspender enquanto essa negociação estivesse a decorrer, e isso não acontecia. O estacionamento continuava a ser alargado na nossa cidade, e essa era uma proposta que faziam de suspensão do estacionamento tarifado. E depois faziam outra proposta, que tinha a ver com uma contrapartida que a empresa já deveria ter cumprido e não cumpriu ainda, falavam de mais de um milhão de euros. Só ali, naquele dia, na reunião da Câmara e ir-lhe-ia desculpar a brincadeira “já jogamos um milhão e tal pela janela”, com a questão da indemnização que iam ter de pagar à empresa, já tinha ido um milhão pela janela. Aquilo que falavam, relativamente àquela negociação, era que a empresa deveria ter cumprido, no prazo de 12 meses, uma contrapartida e não a cumpriu. Aquilo que propunham era, ou o dinheiro dessa contrapartida entrava na Câmara Municipal, e a Câmara Municipal com esse dinheiro iria alocar à construção de um espaço desportivo, ou cultural, ou então era com a própria empresa que assumia que essa contrapartida seria vertida nessa mesma infraestrutura, uma vez que já todos perceberam que a estrutura que foi prevista pela CDU, não foi o Mata Cáceres, nem foram os vereadores do Partido Socialista, foi a CDU com a maioria que lançou um concurso no qual previa a construção de uma “parede” no Largo José Afonso que iria custar mais de um milhão e meio de euros, portanto, que bela contrapartida que iria resultar para os setubalenses. Já tinham percebido que era um erro, assumiram e havia que tirar o chapéu a isso. Perceberam o erro que cometeram e estavam agora, segundo diziam, não sabiam, não tinham conhecimento, a senhora Vereadora Rita Carvalho é que o afirmava, que negociavam. Já tinham passado vários meses e continuavam sem saber nada. A única coisa que sabiam é que o estacionamento tarifado aumentava em Setúbal. Aquilo que tinham era uma proposta com várias dimensões, e era uma proposta responsável, não era uma proposta ridícula. Era uma proposta apresentada com responsabilidade, aliás como eram todas as propostas apresentadas pelo Partido Socialista, naquela Câmara Municipal.

Sr. Presidente – Disse que podia fugir às questões, mas aquilo que estava ali escrito importava ser quantificado. Os senhores não o faziam, porque não queriam, como fizeram à questão dos apoios sociais, arranjaram maneira de tomar uma iniciativa política, de apresentar numa reunião da Câmara, porque não o podiam fazer de outra maneira, uma recomendação que entrou direto na Ordem de Trabalhos, e apresentaram a recomendação, quantificá-la não era preciso, e depois quando chegou à altura de apresentar as propostas concretas não o fizeram. Isso é que contava, eram factos.

Como já tinha dito ali, bastas vezes, a senhora vereadora acabou de referir, que estavam num processo de conversações com a empresa. O caderno de encargos, a proposta, tinha sido elaborado há uns anos, e teve o seu desenvolvimento do concurso público, e pensavam

haver alguns ajustamentos que poderiam ser feitos. O que estava ali em causa, como muito bem sabiam, era um caderno de encargos, era um compromisso, e um contrato que tinha sido estabelecido com uma empresa, e não era chegar ali e dizer: "negociar com a empresa e reduzir 50% do que estava contratado", não interessava o resto, de quanto falavam isso não interessava. E depois dizer: "suspensão imediata da instalação dos parquímetros", isso também não tinha custos nenhuns, o que estava contratado com empresa não tinha custos nenhuns, aquela proposta era de uma grande irresponsabilidade. Se aquelas propostas que eram ali apresentadas, se fossem aprovadas, a gestão da Câmara Municipal estaria arruinada dentro de pouco tempo. Felizmente que as coisas não eram assim. Os senhores têm-se aproveitado do facto de ainda não terem ido para a rua, falar com as pessoas, explicar às pessoas o que estava ali em causa. Lançar umas ideias que os bairros iam ser todos tarifados, isso era forma de lançar nevoeiro no espaço público. Eles tinham formas próprias, e muito diretas de falar com as pessoas.

O estacionamento tarifado era um estacionamento, que numa cidade como Setúbal, como existiam em milhares de cidades por esse mundo fora, em particular em Portugal, e por essa Europa fora, o estacionamento tarifado era uma forma de poder melhor gerir o espaço público, de todos poderem melhor usufruir do espaço público, uma iniciativa para garantir as condições de estacionamento aos residentes, uma medida que garantia melhores condições para o comércio local. Não inventaram a pólvora, aquilo era experiência, que tinha provas dadas, por esse mundo fora, naquelas cidades. Esse era um caminho que também favorecia a mobilidade, a mobilidade sustentável, o direito que todos os cidadãos, das mais diversas formas, poderem usufruir do espaço público, era tudo isso que estava em causa. Mas isso era o que sabiam, e em concreto depois, explicar às pessoas, em cada bairro, em cada urbanização.

Era isso que iriam fazer dentro de pouco tempo. Não teve condições para o fazer antes, mas iam fazê-lo dentro de pouco tempo. E, também, as conversações com a empresa, como já bastas vezes o referiu, estavam em andamento, e pretendiam atingir objetivos com isso.

Lamentavam, sinceramente, que um partido da oposição, que se queria dizer responsável, apresentasse propostas daquelas de redução de 50% do número de lugares que faziam parte de um contrato que a Câmara tinha com aquela empresa, e se não conseguiam fazer as contas, fizessem contas por alto, apresentassem um número, mas que dissessem estarem a falar de muitos milhões de euros, para ficar clara a responsabilidade, ou a irresponsabilidade daquele tipo de propostas. Era disso que falavam. Não valia a pena alongarem muito aquela discussão.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse valer. Infelizmente aquela discussão era feita a horas tardias e obrigava-os a intervenções mais demoradas.

Aquela história do estacionamento tarifado em Setúbal era uma longa história. Não era uma história atual, era uma história que tinha mais tempo.

Há muitos anos que alertaram ali, naquela Câmara Municipal, para o facto da intervenção Polis na Avenida Luísa Todi, ter acabado com cerca de pelo menos 300 estacionamentos "formais", que se verificavam com o formato que a Avenida Luísa Todi tinha.

Posteriormente tinha sido tentado o estacionamento tarifado, e militantes do PSD organizaram uma petição, que chegou a ter mais de 5.000 assinaturas, para impedir que esse estacionamento tarifado se concretizasse. Isso no mandato de 2013/2017, inclusivamente tinha sido apresentado, e discutido na Assembleia Municipal. A CDU tinha maioria absoluta, como também teve no mandato anterior, mas teve o bom senso de não avançar.

Tinha-se tentado, posteriormente, lançar um concurso de um estacionamento subterrâneo, na Avenida Luísa Todi, e também, por força da oposição, nomeadamente do PSD, isso não aconteceu.

No entanto, no mandato anterior, verificou-se que a CDU, e a sua Presidente, tinha de ser mencionada ali, conseguiram levar a sua avante, e conseguiu aquela verdadeira barbaridade, que era ter um estacionamento tarifado, uma concessão por 40 anos, salvo erro, com o fundamento de que só ao fim de 38 anos é que haveria retorno para o concessionário, para o

investidor, tudo isso fazia parte da fundamentação da proposta. Entretanto, estavam previstos três parques de estacionamento subterrâneos, um deles caiu a meio do próprio procedimento, que era o parque de estacionamento junto à Praça de Touros, falou de memória, porque esteve em todas aquelas reuniões, invocando-se, o facto de estar previsto um qualquer projeto para a Praça de Touros, que não se realizou, e as coisas avançaram. Pensava que nenhum dos concorrentes tinha reclamado, mas eventuais interessados poderiam ter concorrido e não concorreram, poderiam, eventualmente, ter posto em crise esse procedimento, portanto, valeu tudo. Até houve um fenómeno curioso, foi a Presidente da Câmara ter sido a Presidente do júri, pensava que tinha sido a única vez que isso aconteceu nos júris, ali na Câmara Municipal.

Isso para que não houvesse dúvidas sobre a posição do PSD. Disseram, e continuavam a dizer, que era uma barbaridade aquilo que se fez. A mancha que ia abranger, e faltavam ali os lugares, pensava ele, porque nas suas contas eram mais, que se encontravam no estacionamento do terminal, também faziam parte do estacionamento tarifado. Era uma mancha de facto enorme, aliás viam atualmente essa pressão, no Bairro Salgado, porque era uma zona que ainda não estava tarifada, para onde os carros fugiam evitando pagar o estacionamento.

Sempre se circulou, e isso era uma coisa que lhe fazia confusão, e às vezes lembravam-se como as pessoas mais velhas que eles falavam ou falam, às vezes dava-lhe ideia que ficava velho, ou então já tinha assistido a muitas coisas, e depois via-se obrigado a dizer que no nosso tempo, todos eles sabiam que se circulava com relativa facilidade em Setúbal, era um facto. E, pensava haver um estudo de mobilidade que o confirmava, é que havia muitas movimentações na própria cidade, e, as pessoas tinham de se deslocar. Poderiam dizer que se poderia fazer tudo a pé, era verdade, até se poderia fazer tudo a pé, mas se as pessoas compraram um carro era para o utilizar, e tinham de o colocar em algum lugar, já tinham tido essa discussão muitas vezes.

A sua questão era que queriam renegociar desde o primeiro dia o contrato, eles PSD, queriam renegociar. E ficava satisfeito por saber que um dos compromissos que era descabido, que vinha ali, no ponto 4 mencionado, que era um compromisso da construção de um equipamento cultural, que nada tinha que ver com o estacionamento tarifado, nem percebia como havia essa imposição aos concorrentes, eram coisas que não se entendiam, e que estavam presentemente a serem revistas. Mas o PS tinha-se esquecido de uma coisa importante, é que também havia um prazo de um ano para construir o tal estacionamento subterrâneo na Avenida Luis Todi, que tanta falta fazia para o acesso aos comerciantes, às pessoas que utilizavam a baixa. Esse estacionamento subterrâneo, que era tão crucial no momento anterior até àquele concurso, estava por fazer, tal como um segundo estacionamento, que esse poderia, ou não, a vir a ser feito. Isso era o que tinha de memória, e esperava que a memória não o estivesse a ataiçoar.

Havia ali uma questão que tinha a ver com a execução contratual e, com a aplicação dos contratos públicos, da Lei dos contratos públicos. Concordava que se renegociasse, concordavam com isso, mas o número 2, que dizia dever haver uma suspensão imediata do alargamento do número de lugares tarifados, para se poder negociar, dizia vigorar essa suspensão até que se obtivesse o acordo de reduzir em 50% o número de lugares. Ora, se o concorrente não aceitar isso, como conseguiriam suspender eternamente esses mesmos 50%? Isso era algo que não fazia sentido, que era contraditório, não entendia.

Por outro lado, era importante também perceber porque é que se suspenderam determinados parquímetros, e ali os senhores tinham de entender que fazia algum sentido o que o PS vinha ali, no fundo, propor. Já tinha havido locais de estacionamento tarifado, que chegaram a ter máquinas e depois foram retiradas. Questionou que negociação é que se fazia, se era à vista, se era parquímetro em parquímetro. Tinham de ter mais informação sobre aquilo que era realmente negociado.

Para aquela proposta ser séria, e quando dizia séria não era do PS, era deles, de quererem renegociar, pelos vistos todos queriam renegociar, pelo que entendeu. Esperou para ouvir os

vários argumentos esgrimidos, todos eles queriam renegociar, pelos vistos, a CDU porque reconhecia que havia um erro de base, no contrato que tinha sido feito, e ainda bem que o reconhecia, eles PSD porque sempre disseram isso e, o PS também tinha levando essa questão. Mas não sabia quais eram os efeitos jurídicos de estar a suspender algo que o concorrente tinha direito pelo contrato, e isso é que lhe fazia confusão, achava que essa questão tinha de ser analisada. Com toda a sinceridade, aquilo não podia ser só uma discussão política, porque tinha efeitos jurídicos sobre a Câmara e até sobre eles, de responsabilidade. Independentemente até ali do número 3, que também não entendia, porque é que era apresentado quando eles aprovaram na Assembleia Municipal, as taxas para os dísticos, eles os vários partidos que o aprovaram, nas medidas de apoio.

Deixou aquelas questões.

Renegociar queriam, mas naqueles termos era complicado, porque aquilo tinha efeitos, tinha consequências, independentemente da quantificação, aquilo tinha consequências, aquilo podia levar, não sabia se era isso que se pretendia, o concorrente a querer quebrar o contrato. Questionou se era isso que se pretendia. Tinha aquelas questões e achava que era importante esclarecer ali, porque já tinha visto um dos relatórios trimestrais, e num deles, pelo menos, a empresa já suscitava essa questão do equilíbrio contratual, em que pé em que estavam realmente. Achava que deveriam tentar perceber, juridicamente, como estavam com a empresa porque isso estava mais complicado aparentemente do que aquilo que discutiam, o que estavam ali a falar não era uma brincadeira. Havia um contrato, os senhores fizeram questão que ele fosse avante, pelos vistos também queriam renegociar como a oposição queria, mas tinham de ver em que medida é que conseguiam fazer isso. Era uma surpresa positiva o facto de pelo menos, pelo que percebeu, o que dizia eram pressupostos, esperava que depois fossem confirmados, que eles conseguiam obter a compensação financeira da tal obrigação de construção de um equipamento cultural ou desportivo, no Largo José Afonso, n.º 4, que vinha ali proposto. Questionou se já estava garantido. É que aquelas questões tinham de ser explicadas.

Vozes em fundo

Sr. Presidente – Disse que não podia ser.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que já não era a primeira vez que aquilo acontecia, já na Assembleia Municipal apareceu um pseudo-militante do PSD a falar contra o PSD, aquilo não era normal.

Sr. Presidente – Disse que o senhor também era Vereador ali, também tinha responsabilidades.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse ter, mas aquela senhora estava a lhes imputar uma coisa que eles eram contra. Não estava bem. Eles eram contra isso.

Vozes em fundo

Sr. Presidente – Disse que não era possível interromper a reunião da Câmara. Percebiam, mas era assim que funcionava.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que relativamente ao Parque n.º 1, ao parque previsto para a zona nascente da Avenida Luísa Todi, aquilo que diziam as peças processuais era que deveria ser iniciada a sua construção no primeiro ano do contrato, com uma execução de 18 meses, e entrada em funcionamento prevista para o segundo semestre de 2023. Faltavam menos de 18 meses, faltavam 12 ou 13 para o fim do segundo semestre de 2023, e início de obra nem vê-la. Portanto, tinham ali, também, um incumprimento para além do incumprimento relativo à retribuição contratual prevista para o Largo José Afonso. Mas também, aquilo que

são o plano de expansão, visto no terreno, não correspondia, pelo menos por aquilo que lhes era dado a perceber, àquilo que estava previsto no contrato, portanto, havia atrasos. Não sabia se eram atrasos por bloqueios do Município, fosse por decisão política, ou por atrasos do próprio sistema administrativo dos serviços, ou se eram atrasos deliberados por parte do concessionário. A verdade era que o plano também não era cumprido. Se quisessem ser rigorosos, o contrato que os senhores ali aprovaram, com as condições que os senhores entenderam levar a concurso público, já para não dizer que aquele contrato tinha cláusulas que aparentemente agora importavam renegociar passado um ano e meio, do contrato ter sido assinado, com era o caso do anexo 9, mas esse contrato não estava, a bem da verdade, a ser cumprido. Parecia-lhes que, com os atrasos que eram perceptíveis, no que respeitava ao plano de expansão, a suspensão do alargamento do número de lugares tarifados, enquanto decorria uma negociação, uma negociação que se indicava como sendo conducente à redução em 50% do número total de lugares, passíveis de tarifação à superfície, isso era um dado que entendiam que deveria ser o ponto de partida, e idealmente o ponto de chegada, mas como em qualquer negociação, as coisas eram negociáveis. Era por isso que se chamava negociação e não exigência, era por isso que estavam ali a debater uma proposta e, não faziam uma manifestação à porta do concessionário, ou ao lado de qualquer parquímetro daquela cidade.

Parecia-lhe que aquilo que propunham, aquilo que ali traziam, era uma proposta que era interessante, e que defendia o interesse dos munícipes daquela cidade.

Disse que o contrato também previa um terceiro parque, não aquele que iria ser construído, e que, entretanto, caiu, e que o senhor Vereador Paulo Calado há pouco referiu e bem, mas o parque do interface da Praça do Brasil, que ainda há pouco perceberam estar fechado porque haveria um problema com um dos fornecedores, ou com o construtor, relativamente a algum sistema do próprio parque. Também por aí, havia naquele momento, com 120 ou 122 lugares, que deveriam estar ao serviço da população, e a ser explorados pelo concessionário, também por aí existiam atrasos, e existiam lugares que não estavam disponíveis. Portanto, viam com absoluta naturalidade, que fosse suspenso o alargamento do número de lugares tarifados à superfície, considerando que havia um parque que tinha de entrar em funcionamento, e que o Município, que até foi o dono da obra, tinha que garantir que ele reunisse as condições necessárias para que isso pudesse acontecer no mais curto espaço de tempo possível. Havia um incumprimento relativo ao anexo 9, o tal muro que queriam fazer no Largo José Afonso. Havia uma derrapagem naquele momento, e disse uma derrapagem, e consideravam aquilo uma derrapagem de prazos, para não dizerem que havia um incumprimento na execução do parque nascente da Avenida Luísa Todi.

Somando todas as vicissitudes daquele contrato, todos os desvios àquilo que estava efetivamente contratado, e que se calhar até eram desvios de parte a parte, não sabia, o senhor Presidente di-lo-ia porque é que o Plano de Expansão não era cumprido, se calhar tinha essa informação, até porque tinha conversações - por aquilo que ali disse -, com o concessionário, se calhar tinha informação que eles não dispunham e poderia dizer porque é que o Plano de Expansão não era cumprido, mas tendo em conta todos aqueles desvios, àquilo que estava definido no contrato, que recordava foi o contrato que os senhores ali trouxeram, com o clausulado que entenderam, e que ali fizeram aprovar, tendo em conta esses desvios entendiam que a suspensão do alargamento do número de lugares à superfície, enquanto decorriam as negociações, era uma medida que não levantaria, apreciava-lhes, até porque tudo aquilo que têm sido feito, no que respeitava à implementação daquele contrato fugia bastante àquilo que estava previsto, parecia-lhes que era uma medida de cautela, e era uma medida que poderia promover uma obtenção mais rápida, de um acordo. Portanto, era nesse sentido que eles a apresentavam.

Relativamente ao ponto 4 da proposta deles, achava que já tinha ficado mais do que claro que o clausulado que os senhores tinham entendido colocar no caderno de encargos, a exigência que pretenderam colocar no caderno de encargos, não era para cumprir e, essa era uma responsabilidade que teriam de ser os senhores a assumir. Aquilo que era importante era que aquela retribuição contratual no valor de 1 milhão de euros revertesse o mais

rapidamente possível para o Município, e que fosse aplicada para que criasse efetivamente valor para os munícipes daquele concelho.

Sra. Vereadora Rita Carvalho – Disse que naquela discussão nunca tinha sido dito, por nenhum deles, que não era possível aplicar aquela deliberação. O que tinha sido dito era que a aprovação daquela deliberação tinha impactos financeiros que deveriam ser avaliados. Portanto, quando dizia: *“tudo isto é possível”*, isso não estava em causa. Efetivamente, aquilo era tudo possível, tinha eram implicações financeiras, como tinha qualquer renegociação, ou negociação, ou rescisão numa concessão. Não ia voltar às concessões anteriores e, até ao interesse da anulação da concessão, as Águas do Sado, e que nunca foi uma decisão tomada pelos anteriores executivos da CDU, precisamente porque tinha impactos financeiros que não seriam comportáveis no orçamento municipal.

Para fazer uma discussão séria sobre aquela proposta era que, nenhum deles disse ali, que não era possível aprovar aquela proposta. O que disseram era que os impactos tinham de ser ponderados antes da sua aprovação. Aliás, disseram ambas as bancadas, disse a bancada da CDU e a bancada do PSD.

Que não se baralhasse os argumentos porque não era isso que estava em causa. Outra coisa era o PS querer trazer propostas, recomendações...

Vozes em fundo

Sr. Presidente – Dirigiu-se ao senhor Vereador Fernando José e pediu um bocadinho mais de respeito pelos colegas que estavam a entrevir.

Vozes em fundo

Sra. Vereador Rita Carvalho – Disse: *“Não disse nada não, disse muita coisa. Não fui eu, não fui eu, a culpa não é minha”*.

Disse que era para não estarem ali a baralhar argumentos, não era isso que estava em causa.

Obviamente, que já tinha sido ali assumido que era possível aprovar aquela deliberação. Algumas daquelas intenções já tinham sido assumidas anteriormente pelo executivo da CDU...

Vozes em fundo

Sr. Presidente – Disse que a senhora Vereadora estava a fazer uma intervenção, pediu respeito.

Sra. Vereador Rita Carvalho – Disse ser possível aprovar aquela proposta, era impactante, portanto, ela com responsabilidade não devia ser aprovada. E isso não se tratava de se tratar de irresponsáveis, tratava-se de alertarem, como fazem, que a aprovar poderia ter impactos que deveriam ser medidos antes da sua aprovação.

Estava claro as posições de cada uma das bancadas.

Têm sido assumidos por eles uma série de compromissos. Estava nomeada uma comissão de acompanhamento da Assembleia Municipal, para acompanhar a concessão do estacionamento, portanto, a questão era acompanhada pelos diferentes partidos políticos. Parecia-lhe que aquilo, naquele momento, era só perturbar as condições da discussão e do acompanhamento da concessão.

Voltou a dizer que, parte daquilo já tinha sido assumido, inclusivamente as reduções a aplicar ao dístico. Aquela proposta prevista no ponto 3, comparativamente com a proposta aprovada na Assembleia Municipal, na sexta-feira anterior...

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que a questão da alteração do valor dos dísticos, há pouco também tinha já sido colocada pelo Vereador Paulo Calado, e acabou por não responder. Aquela proposta não era uma proposta temporária, não era uma proposta para vigorar em 2023. Era uma proposta de alteração aos valores dos dísticos, para negociar com o concessionário, para que vigorasse durante o período de duração do contrato de concessão. Não era uma proposta pontual, para vigorar apenas durante um ano.

Sra. Vereador Rita Carvalho – Disse que, motivo pela qual devia ser quantificada.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que fez uma questão relativamente ao ponto 4, o que estava negociado até àquela altura com a concessionária sobre aquela questão do ónus que havia sobre o concorrente de construir um equipamento, de um determinado valor, pensava ser um milhão de euros no Largo José Afonso. Quis esclarecer se havia ou não alguma coisa firme, porque o prazo não tinha sido cumprido.

Sr. Presidente – Disse haver ali alguém que fazia a gestão daquele contrato. Era a CDU que fazia a gestão daquele contrato, era ela que tinha essa responsabilidade. Faziam a gestão do contrato, havia um acompanhamento, tinha relatórios de parte a parte, eles existiam, portanto, faziam uma gestão do contrato.

Nunca disse ali que estavam em negociações. Estar em negociações num contrato daqueles, era algo arriscado. Só se chegava a negociações, num contrato daqueles, quando havia um entendimento entre as partes, no sentido de poder avançar para as negociações e, de quantificar o que estava em causa, de acertar posições. Isso é que era uma fase de negociação. Nunca utilizou a expressão “*negociação*”. O que disse sempre era que, eles já há alguns meses que estavam em conversações com a empresa, que tinha aquele contrato. E, referiu há largos meses, que um primeiro ponto das conversações tinha a ver com a questão da construção daquela proteção de ventos, daquele equipamento na Praça José Afonso. Avaliaram a situação, o projeto e o estudo, foram elaborados pela Universidade de Aveiro, por especialistas naquela matéria. Não punham em causa que os estudos foram bem feitos ou não foram bem feitos, não era isso que estava em causa. O que estava em causa, no entendimento deles, foi o impacto menos positivo que a proposta, ou o protejo, tinha naquela praça. Essa foi uma primeira questão, que foi colocada e, também foram colocadas algumas possibilidades de alternativa. A empresa ficou de avaliar a questão e, pensava que estaria marcada uma reunião com a empresa a breve prazo, para poderem voltar a conversar sobre esse ponto. Também referiu que, uma das questões que se colocou, naquela avaliação que têm feito sobre o contrato, tinha a ver com o parque de estacionamento previsto localizar em frente ao Mercado do Livramento e em frente à Praça do Bocage. Na avaliação que têm feito, aquela não era uma boa localização para fazer um parque de estacionamento. Um parque de estacionamento daquela natureza levava entre 2 e 3 anos a construir. Era um parque construído a céu aberto, e não era preciso muitas explicações para se perceber do que é que falavam. Ter dois anos, próximo de três anos, uma intervenção daquela dimensão, daquela infraestrutura, em frente da Praça do Bocage e, em frente do Mercado do Livramento. Portanto, essa era outra questão que se considerou e a ser avaliada pelo concessionário.

Relativamente a outras questões referidas pelo senhor Vereador Paulo Calado, naturalmente que a instalação dos parquímetros obedecia, nos termos do contrato, a algumas iniciativas e garantias que o próprio operador tinha de ter antes de fazer a instalação. Só poderia fazer a instalação após ter procedido a determinadas iniciativas. Em alguns casos, constatarem que esse compromisso não tinha sido cumprido, como não tinha sido cumprido os parquímetros tiveram que ser retirados do sítio.

Havia outro conjunto de questões, que nunca ali tinha sido referido, normalmente falava-se ali sempre daquilo que chamava o “*nevoeiro*” que era lançado por aí, para amedrontar as pessoas que não estavam por dentro daquela situação. Existiam as chamadas bolsas de estacionamento para os residentes, portanto, era necessário que essas bolsas de estacionamento fossem criadas, instituídas, no sentido de que, naquelas áreas, só os

residentes pudessem ali estacionar. Havia todo um conjunto de iniciativas, de procedimentos, que eram feitos, que eram geridos. Referiu as conversações que têm com o operador, no sentido de ver como poderiam chegar a um ponto de negociação, de acertar soluções que fossem menos prejudiciais para o contrato que a Câmara tinha com o operador, e que viessem também em benefício daquilo que era a instalação daqueles equipamentos e a sua gestão no território do Município. Era isso tudo que era feito e era nesse quadro que dizia que aquela proposta era de uma grande irresponsabilidade, porque por muitas voltas que os senhores vereadores do Partido Socialista dessem, o que era um facto era poderem ter quantificado por alto, ou por baixo, aquele valor, do que significava, do que falavam quando se dizia ser para retirar 50% dos lugares à concessão. Se quisessem podiam tê-lo feito, naturalmente que os valores a que iriam chegar eram valores assustadores. E, por isso, não faziam essa proposta, não a quantificavam. Depois, relativamente à suspensão, tratavam de uma empresa que tinha os seus compromissos, os seus compromissos com os seus trabalhadores, com toda a manutenção e gestão daquela empresa e a sua sustentabilidade. Chegarem ali e dizer para negociarem sem saber quanto tempo é que as negociações iriam demorar e suspenderem aquilo, a empresa tinha os seus trabalhadores contratados para desenvolver aquela operação. Questionou se mandava os trabalhadores para casa. Aquilo era qualquer coisa que não fazia sentido, do ponto de vista real, de quem conhecia a gestão. Quem não conhecia, se calhar, poderia fazer aquelas propostas, mas pelo menos devia ter em conta que havia determinadas coisas que no mínimo tinham de ter uma avaliação quantitativa. Era nesse sentido que dizia ser uma proposta completamente irrealista.

Reafirmou que havia conversações com o operador, em vários domínios, e que essas conversações, no entendimento deles, como disse, iriam apontar para depois haver um acompanhamento jurídico àqueles processos, porque tinham de gerir tudo, tendo em conta aquilo que eram os impactos na situação financeira da Câmara Municipal, e naturalmente também orientar todo aquele processo no sentido de ir de encontro aquilo, como já tinha referido, não descobriram a pólvora quando tinham decido a implementação de um modelo daquele tipo, aquilo tinha benefícios, muitos benefícios para as populações residentes, para o comércio local e para uma gestão do espaço público. Havia ali uma componente que os senhores não referiram, não sabia se tinha algum interesse para quem apresentava propostas daquelas, que tinha a ver, como o senhor Vereador referiu, no plano de mobilidade sustentável, num estudo que tinha sido feito, se verificava que a maioria, não tinha os números presentes, mas era uma quantidade enorme de viagens que eram feitas na cidade, entre dois e quatro quilómetros. Portanto, era perfeitamente possível, num quadro daqueles, que com um sistema de transportes a funcionar, que era nisso que apostavam muito, que aquelas viagens deixassem de fazer sentido. E quando essas viagens deixassem de fazer sentido, terem uma cidade com uma mobilidade sustentável, onde os vários meios de transporte, a mobilidade pedonal, as ciclovias, e outro tipo de mobilidade suave, eram perfeitamente possíveis naquela cidade. Isso contribuía também para a qualidade de vida, o ambiente, a saúde das populações, tudo isso estava em causa. Quando se avaliavam apenas as coisas com propostas daquele tipo, naturalmente que aquilo não fazia sentido e não saiam de andarem à roda daquela discussão. Por isso é que dizia que aquelas propostas eram completamente irresponsáveis. Quando se apresentavam propostas daquelas e não se quantificava, porque quando se quantificava falavam de valores, e as pessoas ficavam a saber qual era o significado, o valor, o impacto e a penalização que a cidade, o concelho, com a Câmara Municipal, teriam com a aprovação daquele tipo de propostas. Era isso que estava ali em causa.

Portanto, que os deixassem continuar a gerir aquele contrato, sabiam gerir. Naturalmente, que podiam levantar questões, podiam ter reuniões, podiam pedir informações sobre os relatórios, tudo isso, agora fazer propostas daquele tipo, sem qualquer responsabilidade das consequências que aquilo tinha, era completamente inaceitável.

Como a senhora Vereadora tinha dito, tudo aquilo era possível, mas aquilo tinha consequências e eram essas consequências que era preciso tirar, quando se apresentavam propostas daquelas.

Sr. Vereador Joel Marques – Disse que era efetivamente necessário que todos eles tirassem consequências dos atos e das palavras.

Naquele dia, tinham ficado a saber que no entendimento do senhor Presidente, ser sério e responsável era propor um caderno de encargos e assinar um contrato, que previa uma intervenção no Largo José Afonso, avaliada num milhão de euros, que nas palavras do senhor Presidente, não era uma intervenção adequada. Era propor um estacionamento subterrâneo numa zona, que nas palavras do senhor Presidente não era uma zona adequada. Portanto, naquele dia tinha ficado “*clarinho como água*”, aquilo que era, no entendimento do senhor Presidente seriedade e responsabilidade. Era aprovar hoje, fazer aprovar hoje, concessionar hoje, para daqui a um ano e pouco dizer que afinal não era particularmente adequado.

Disse que gostava de saber, com toda a franqueza, porque já tinham falado muito de responsabilidade e sobre os impactos financeiros, no entendimento do senhor Presidente, uma vez que certamente teria isso quantificado, quais é que seriam os impactos financeiros para o Município, caso o parque de estacionamento subterrâneo não fosse construído. Recordou que das empresas que tinham concorrido àquele contrato de concessão, àquele concurso público, uma das que tinha sido excluída, tinha sido excluída por, precisamente, não cumprir com os critérios necessários na sua proposta, para a construção do parque subterrâneo. Portanto, aquilo que era o entendimento do senhor Presidente de negociações, aliás de conversações, parecia que eram coisas distintas, se fosse no sentido de prescindir do parque de estacionamento subterrâneo, a única coisa que podiam entender da sua intervenção séria e absolutamente responsável, sobre a desadequação da zona para a qual o parque de estacionamento estava previsto, e recordou que o senhor Presidente tinha votado favoravelmente o contrato que previa aquela mesma localização, e nunca tinham ouvido uma palavra de contestação àquela localização, por aí também entendiam aquilo que tem sido a montanha russa de sentimentos que o senhor tem tido certamente ao longo dos últimos meses, desde que aquele contrato começou a ser desenhado. Se a intenção das conversações fosse prescindir daquele parque de estacionamento subterrâneo, aí sim, diria que a Câmara poderia vir a ter problemas significativos, não seria certamente com a concessionária, provavelmente até iria agradecer não ter de fazer aquela obra naquela localização, mas com a empresa que tinha sido excluída do contrato de concessão, por não cumprir com aquilo que eram as condições necessárias para construir aquele parque.

Portanto, sobre seriedade e responsabilidade já tinham tido, naquele dia, uma intervenção de cátedra e estavam absolutamente esclarecidos sobre aquilo que tem sido o caminho percorrido por aquele executivo.

Sr. Presidente – Disse que quando estavam obcecados, só ouviam parte daquilo que lhes interessava, só ouviam aquilo que lhes interessava.

Nunca tinha dito ali, as palavras eram do senhor Vereador, que não se ia construir o parque de estacionamento, nem nunca tinha dito ali que prescindia do investimento que estava previsto no contrato de mais de um milhão de euros, para a Praça José Afonso. O que tinha dito tinha sido que não consideravam que aquelas soluções ou aquelas propostas, fossem as mais adequadas presentemente e apresentavam propostas alternativas. Era disso que estava a falar, que não dissesse aquilo que não tinha dito, que não assumisse aquilo que gostava que fosse, mas que ele não tinha dito, e chamou à atenção para não dizer aquilo que os outros não diziam, isso era feio. Percebia que quando se estava obcecado com aquele tipo de questões, porque aquilo podia ter algum rendimento político ou eleitoral, naturalmente que a tendência era uma pouco essa, mas achava que por aquele caminho os senhores iriam ter alguma dificuldade. Mas que não pusesse na sua boca palavras que não tinha dito, porque não era irresponsável a esse ponto.

Percebia que o que estava a perturbar o senhor Vereador era ter dito que aquilo era uma proposta irresponsável porque não estava quantificada, e estava a falar de muitas dezenas de milhões de euros. A proposta que ali estava significava isso e os senhores, não sabia se tinham pensado nisso antes ou não, mas naquele momento, durante aquela reunião, tinham chegado à conclusão da irresponsabilidade da proposta que ali estava. Porque as consequências da proposta que ali estava eram, de facto, qualquer coisa de assustador. Por isso, por essa situação que não lhes tinha corrido bem, com mais aquela iniciativa, não fizesse caminhos que não tinham nenhuma razão de ser, porque, quando dizia que estavam em conversações, naturalmente, que em simultâneo, os serviços técnicos da Câmara estavam a avaliar propostas alternativas, e era nessas conversações que tinham de fazer com a empresa, para ver também o que é que isso significava do ponto de vista da posição que a empresa podia ter relativamente àquelas questões. Pelo facto de não estar de acordo com a localização do parque de estacionamento, naquele sítio, não tinha dito que ficavam sem parque de estacionamento, não tinha sido isso que tinha dito. Disse para não utilizar dessa forma aquilo que era a postura séria e responsável que tem assumido na gestão da Câmara Municipal. Que não fosse por esse caminho, que esse caminho não era bom. Não era bom para ninguém e achava que era menos bom para quem tomava esse caminho.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido rejeitada, por maioria e em minuta, com 5 votos contra da CDU, 4 votos a favor do PS e 1 abstenção do PPD/PSD.

153. Deliberação n.º 3928/2022 – Proposta n.º 06/2022 – GAVPSD – Moção – Resolução da situação laboral da Companhia de Bombeiros Sapadores de Setúbal

O Sr. Vereador Paulo Calado leu a proposta, cujos originais ficam anexos à presente ata sob o registo n.º 259.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que relativamente à moção que ali lhes tinha sido apresentada, nos considerandos que era apresentado pelo Vereador do PSD, naquela moção, os vereadores do Partido Socialista reviam-se nesses mesmos considerandos. Os Bombeiros Sapadores eram um exemplo de profissionalismo e de dedicação, era um compromisso inabalável com o concelho, com o socorro do nosso Município.

Estavam de acordo, tinham acompanhado aquele processo, há largos anos. Não era uma situação que vinha de agora, era uma situação que se arrastava e que se vinha a agudizar com o tempo, numa relação de falta de diálogo com os Bombeiros Sapadores.

Aquela moção que lhes era ali trazida, apelava ao diálogo e instigava o senhor Presidente da Câmara Municipal em encetar essas mesmas negociações.

De qualquer forma, cabia ali tecer algumas considerações sobre aquela proposta que lhes era trazida pelo Vereador Paulo Calado, do PSD.

No ponto 1, em que dizia que havia uma série de questões que foram tornadas públicas, era ali referido o incumprimento do regulamento interno. Havia uma acusação de incumprimento do regulamento interno. Era uma acusação grave. E, portanto, cabia ali um esclarecimento se efetivamente existia aquele incumprimento. Era uma acusação grave, que os preocupava a todos, que já tinha sido levantada em vários momentos, mas que tinha acabado por nunca ter tido um esclarecimento cabal, por parte do senhor Presidente. E, portanto, cabia ali, naquele dia, face àquela moção que tinha sido apresentada, saber se efetivamente aquela acusação de que não estavam contemplados o efetivo mínimo de 27 elementos, e que existiam, inclusivamente, estagiários naquelas mesmas escalas, para tentar chegar aos 13, 14 elementos, portanto, muito abaixo dos 27, se isso tinha reflexo na realidade do dia a dia, nos Bombeiros Sapadores.

No ponto 2, era-lhes trazida uma decisão do Tribunal Administrativo, que os vereadores do Partido Socialista tinham levantado, na altura aquela questão em reunião da Câmara, e na altura em que essa decisão do Tribunal foi conhecida, aquilo que tinha sido perguntado ao senhor Presidente era se a Câmara Municipal de Setúbal, iria recorrer da decisão, porque o senhor Presidente tinha dito ali, em reunião da Câmara, em resposta aos vereadores do Partido Socialista, e depois também em resposta aos representantes sindicais que ali tinham estado, que existiam matérias que deviam ser dirimidas em Tribunal, existiam matérias que não era possível chegar a um entendimento, porque a autarquia tinha um entendimento e os trabalhadores, naquele caso os Bombeiros Sapadores, tinham outro entendimento e, portanto, deviam ir para Tribunal, para que os tribunais se pronunciassem sobre essas matérias. E o senhor Presidente tinha dito que, face à decisão que viesse do Tribunal a Câmara aceitaria essa decisão. Portanto, cabia perguntar se a autarquia ia recorrer, ou se já tinha recorrido, daquela decisão do Tribunal Administrativo, porque a ter acontecido, não acreditava que tivesse acontecido esse recurso, isso iria contra aquilo que tinha sido dito pelo senhor Presidente, ali em reunião da Câmara. Mas se a resposta fosse no sentido de já terem recorrido, ou de irem recorrer, perguntava ao Vereador Paulo Calado, do PSD, se estava na disponibilidade de em próxima reunião da Câmara acompanhar uma deliberação, uma proposta, que impedisse a Câmara Municipal de Setúbal de recorrer daquela decisão. Porque a Câmara Municipal de Setúbal, ao recorrer daquela decisão ia aumentar, agudizar o conflito que já existia. Portanto, era uma forma de também por um ponto final naquele processo, aceitando aquilo que tinha sido uma decisão do Tribunal, e não recorrer no sentido de agudizar ainda mais e acabar por perlongar no tempo aquela situação. Aquelas eram as perguntas relativamente ao ponto 2.

Quanto ao ponto 3, os vereadores do Partido Socialista, quando tinha havido uma decisão naquela Câmara Municipal de retirarem o destacamento de Bombeiros Sapadores de Azeitão, entenderam que isso era um erro, contestaram, votaram contra e participaram de forma ativa na contestação a essa decisão da CDU. Naquele dia tinham ali vertida uma preocupação que era uma preocupação que também era deles, e aquilo que perguntou relativamente ao Vereador Paulo Calado, era se o PSD estava disponível, porque não iam lá só com palavras e com intenções. Era se também o Vereador Paulo Calado e o PSD, estavam disponíveis para em sede de orçamento, fazerem refletir o regresso dos Bombeiros Sapadores a Azeitão. Era com aquelas situações concretas que poderiam efetivamente resolver aquele tipo de problemas, porque aquilo que ali estava levantado - nas quais se reviam -, era que realmente o socorro em Azeitão era uma preocupação, se era uma preocupação ela tinha de ser resolvida de alguma forma.

No ponto 4, era dito que não se conhecia o documento técnico que garantia a segurança e o socorro. Aquilo que sugeriu ao Vereador Paulo Calado, era uma alteração na forma como estava formulada aquela proposta, que não seria recomendável que o mesmo fosse disponibilizado, era exigir que o mesmo fosse disponibilizado. Não podiam continuar num patamar de recomendarem que esse documento técnico lhes fosse entregue, uma vez que ele já tinha sido aduzido, pelo senhor Presidente, várias vezes e nunca lhes tinha chegado. Portanto, não era recomendável era mesmo exigir que lhes fosse entregue, porque legitimamente os vereadores da oposição tinham esse direito.

Terminou dizendo que a deliberação do PSD, com a qual concordavam, tinha algo que necessitava de ser clarificado e talvez o senhor Vereador Paulo Calado pudesse clarificar. No ponto 1. dizia: *“O Senhor Presidente da Câmara, ou em quem ele delegar”*, já tinham percebido que o senhor Presidente gostava de delegar, porque tinha dito ali em várias reuniões, que não tinha de falar com os trabalhadores, porque existia uma Vereadora, a Vice-Presidente, que tinha esse pelouro e essa responsabilidade e, portanto, não recebia os trabalhadores, não tinha de falar com os trabalhadores da autarquia dos Bombeiros Sapadores, não tinha que falar com os Bombeiros Sapadores....

Vozes de fundo

Sr. Vereador Fernando José – Disse que tinha dito, disse que não tinha de falar....

Sr. Presidente – Disse que agradecia que deixassem terminar o senhor Vereador.

Sr. Vereador Fernando José – Agradeceu a deferência.

Aquilo que tinha sido dito pelo senhor Presidente - estava gravado -, era que não tinha de falar com os Bombeiros Sapadores, porque a Vereadora que tinha o pelouro dos Recursos Humanos tinha essa competência, para falar com eles. Estranhavam porque dias depois dessas declarações terem sido proferidas recebeu o sindicato dos trabalhadores dos carteiros e aí já tinha conseguido falar com os trabalhadores, não só por questões laborais, mas também pela deterioração do serviço universal de correios.

Dirigiu-se ao senhor Vereador Paulo Calado e questionou com quem seriam aquelas negociações. Na deliberação dizia: *"inicie as negociações com os Bombeiros Sapadores de Setúbal"*, questionou com quem, com os bombeiros individualmente, coletivamente ou com estruturas representativas dos trabalhadores, com os sindicatos, com a comissão de trabalhadores, com quem é que aquela negociação deveria ser feita. Achava que aquela deliberação devia ser concreta, não era só com os Bombeiros Sapadores, na opinião deles, independentemente de serem acolhidas as alterações propostas ou não, os vereadores do Partido Socialista iriam votar favoravelmente aquela moção.

Sr. Presidente – Disse que a posição do senhor Vereador Fernando José já era conhecida, para além daquilo que tinha dito que não era verdade. Dizia isso com toda a frontalidade e toda a certeza, porque nunca tinha dito aquilo. Mas ele dizia aquelas coisas como: *"é preciso dizer alguma coisa, e já agora encontrar um novelo cada vez maior, porque quem nos está a ouvir também se calhar percebe pouco disto, e, portanto, vai tudo à frente"*. Era mais uma proposta, mais um posicionamento, que tinha a ver com uma grande irresponsabilidade da forma como alguns partidos da oposição faziam ou pretendiam fazer oposição.

Dirigiu-se ao senhor Vereador Paulo Calado e disse que achava que havia ali um lapso, em quem tinha escrito aquela proposta. Naturalmente que subscrevia e até acrescentava muito mais àquilo que estava escrito ali sobre aquilo que eram os Bombeiros Sapadores. Quando dizia que se orgulhavam dos Bombeiros Sapadores de Setúbal não estava a brincar, nem estava a gozar com nada daquilo. A Câmara Municipal fazia investimento no sentido da formação e da capacidade técnica dos Bombeiros Sapadores de Setúbal, ao longo de anos, e, portanto, orgulhavam-se muito, sabiam o resultado desse esforço, desse investimento, naturalmente também com o empenhamento dos próprios, como era óbvio. Subscrevia isso tudo, não era isso que estava em causa. A questão que se colocava era que o senhor Presidente da Câmara ou a quem ele delegasse, iniciava as negociações com os Bombeiros Sapadores de Setúbal. A Companhia de Bombeiros Sapadores de Setúbal era um serviço da Câmara Municipal, era dirigido pelo executivo municipal, era nesse sentido que dizia que havia um lapso na forma, porque ele tinha esse pelouro, essa área, fazia reuniões com os Bombeiros Sapadores de 3 em 3 meses, era o compromisso que tinha. Ainda no passado dia 31 de outubro, tinha estado numa reunião com os Bombeiros Sapadores de Setúbal, com a senhora Vereadora, responsável pelos Recursos Humanos, com os técnicos dos Recursos Humanos, com o senhor Comandante, com o Comando e com os Bombeiros Sapadores. Tinham dialogado, nas várias secções que os bombeiros tinham apresentaram as suas atividades, os seus projetos, as suas preocupações, qualquer coisa de extraordinário, de um trabalho que estava a ser desenvolvido, empenhado. E ele também, em nome da Câmara Municipal, ia-se comprometendo com aquilo que eram as obrigações da Câmara Municipal, para que a Companhia de Bombeiros Sapadores continuasse a ser uma Companhia de destaque, de referência a nível nacional. Não dizia a nível internacional porque também não gostava de ser pôr em *"bicos de pés"*, mas pensava que era conhecida a forma como a Proteção Civil e os Bombeiros, em Setúbal, participavam em fóruns internacionais, na discussão, como o senhor Vereador tinha dito, *"olhos nos olhos"*, e da forma como os Bombeiros Sapadores, que participavam nesses fóruns e nessas conferências, discutiam de

igual para igual, e não comparavam ali a disponibilidade de meios que os Bombeiros Sapadores tinham em Portugal, e em Setúbal, com a disponibilidade de meios, e as condições que outros bombeiros por esse mundo fora tinham, não eram comparáveis. Mas mesmo assim e tinha-lhes sido dito nessa reunião do dia 31, com vários exemplos, de que não havia dificuldades em se confrontar o debate e apresentar experiências que esses Bombeiros Sapadores de Setúbal tinham com outros Bombeiros Sapadores que tinham condições tecnológicas que eles estavam muito longe de atingir.

Portanto, esse diálogo era permanente. Não podia ser de outra forma, e por isso é que achava que tinha havido um lapso na elaboração daquela proposta, porque não fazia sentido. Por isso, sugeriu que o senhor Vereador retira-se aquela proposta. Supunha que o PSD estava a falar de uma coisa diferente, que era da relação da Câmara com as organizações representativas dos bombeiros, que eram várias. Sabiam, não era novidade, que havia pelo menos um sindicato que tem ido várias vezes à Câmara, apresentar as suas reivindicações. O que tinha dito - e mantinha -, era que tinha um diálogo permanente com os Bombeiros Sapadores. Tinha assumido com eles, naquela última reunião, mais um conjunto de compromissos, de continuarem a trabalhar e a melhorar a capacidade de trabalho, e isso, naturalmente, era permanente, era a sua obrigação. Aqueles trabalhadores da Câmara Municipal, como outros, de outros serviços, eram igualmente importantes na Câmara Municipal.

Uma coisa diferente e tinha sido isso que tinha dito, com os sindicatos não tinha condições para negociar ou entrar nesse processo de negociação com as organizações representativas dos trabalhadores, porque isso eram questões técnicas, era preciso conhecer os dossiers, conhecer a legislação, etc., e, portanto, essa relação era feita com os serviços competentes e com a senhora Vereadora que tinha os Recursos Humanos e que tinha os técnicos que avaliavam. Os técnicos do ponto de vista do conhecimento, da experiência, do saber, que todas aquelas questões representavam, dos contratos, etc. E, era nesse sentido que dizia que uma coisa eram os trabalhadores do Município, outra coisa eram as organizações representativas do Município.

Em relação à questão que o senhor Vereador referiu, tinha recebido, a pedido do sindicato dos trabalhadores dos CTT, tinha tido uma conversa com eles. Tinham vindo colocar um conjunto de preocupações que tinham, relativamente ao serviço que os CTT prestavam. Tinha-os recebido, mas o sindicato dos trabalhadores dos CTT era um sindicato, não eram funcionários da Câmara Municipal. Separava as coisas, recebia aquele sindicato como outra organização qualquer, desde que fossem questões do interesse público. Naturalmente que tinham muitas apreensões relativamente à forma como os CTT funcionavam no nosso concelho. Pensava que todos estavam de acordo com isso. Portanto, ter informação com essas pessoas que tinham esse conhecimento, naturalmente que recebia e ouvia aquilo que eram as suas preocupações. Uma coisa diferente era relativamente às organizações representativas dos trabalhadores da Câmara Municipal de Setúbal. Eram várias e essas tratavam diretamente com a senhora Vereadora, a senhora Vice-Presidente, que tinha o pelouro dos Recursos Humanos e que tinha um conjunto de técnicos que a acompanhava nessas negociações. E, por isso, sugeriu que aquela proposta fosse retirada e que se enquadrasse aquele problema nos termos em que ele devia ser enquadrado, porque não havia nenhum problema com os trabalhadores da Câmara Municipal que eram Bombeiros Sapadores.

Vozes de fundo

Sr. Presidente – Disse que aquela senhora não tinha conhecimento, mas o senhor tinha conhecimento e sabia que não podia intervir, pediu que tivesse atenção a isso.

As questões eram aquelas. Antes de passar a palavra à senhora Vice-Presidente, deu conhecimento daquilo que tinham sido os compromissos que tinha assumido com os Bombeiros Sapadores, na reunião que tinham tido durante a manhã do dia 31 de outubro passado.

Um dos compromissos era de que finalmente tinham conseguido desbloquear a verba e tinha sido feita a requisição para a recuperação da plataforma elevatória da viatura que tinha tido um acidente.

Reafirmou - como tinha prometido -, que o orçamento de 2023 ia ter uma verba para a aquisição de um carro de combate urbano, de intervenção urbana, para os bombeiros, que naquele momento não tinham. Esse era um compromisso que tinha ficado estabelecido e que iria fazer parte do orçamento de 2023.

Tinha-lhe sido colocada a questão, através do executivo municipal e a si próprio, de continuarem a trabalhar e a procurar sensibilizar as empresas, designadamente as empresas da Mitrena, e não só, mas em particular a essas, que por vezes tinham dificuldades em ceder informação sobre a operação da atividade, os produtos que manuseavam, etc., era importante para os bombeiros irem àquelas empresas tomarem conhecimento dessa realidade, terem informação sobre o processo de fabrico, as matérias primas que eram manuseadas, o próprio espaço que a empresa tinha, a circulação, a movimentação, para que se houvesse um acidente os bombeiros poderem estar preparados para fazerem essas intervenções. Tinha-lhes sido garantido que continuariam a trabalhar junto dessas empresas. Havia muitas empresas que já tinham uma relação muito estreita com o Comando e com a Proteção Civil, e que essa informação estava disponível, quando fosse necessário haver uma intervenção, facilitava a vida no momento de aflição e da intervenção rápida que era necessário fazer. Isso tinha ficado como compromisso, ir junto dessas empresas, das associações empresariais que tinham ligação com a indústria em Setúbal, no sentido de esse trabalho poder ser facilitado.

Também tinha ficado o compromisso de apresentar, numa próxima reunião da Câmara, um novo regulamento da Companhia de Bombeiros. O regulamento existente era dos anos 90, e estava completamente desadequado e desatualizado. Por maioria de razão, em 2012/2013, não tinha ali a data precisa, a Câmara Municipal tinha deliberado uma nova fórmula de intervenção da Proteção e Socorro em que tinha incluído no conjunto das disponibilidades para a Proteção e Socorro os Bombeiros Voluntários e também a Cruz Vermelha Portuguesa. Era nesse conjunto e isso era uma deliberação da Câmara Municipal, que eles podiam avaliar quais eram os meios, os homens e as mulheres disponíveis para a intervenção, a Proteção e Socorro, cada um nas suas responsabilidades. E isso, era feito na preparação e na programação, através do Comando dos Bombeiros. Portanto, justificava-se que houvesse uma atualização do regulamento e, por isso, o seu compromisso tinha sido que, numa próxima reunião traria uma proposta para constituir um grupo de trabalho que pudesse elaborar o regulamento para que posteriormente pudesse vir a ser aprovado com os procedimentos que eram necessários, incluindo das próprias organizações representativas. Também se tinha comprometido, porque achava que quando tinham uma Companhia de Bombeiros com aquela qualificação e capacidade de intervenção, que no ano seguinte, iriam reforçar a capacidade técnica do comando. Consideravam que uma capacidade técnica de responsabilidade como a que tinha a Companhia de Bombeiros Sapadores importava reforçar essa capacidade técnica do Comando. Presentemente, existia legislação que permitia avançar para essa deliberação da Câmara Municipal. E, naturalmente, a garantia de continuar a dialogar com os Bombeiros Sapadores da Câmara Municipal, e com a sua Companhia, com o seu Comando, com os seus chefes e com todos aqueles trabalhadores porque as questões da Proteção e Socorro eram questões centrais nas suas preocupações. Havia uma referência também naquele documento que dizia que no fogo de Palmela/Azeitão tinha ficado sem bombeiros. Não sabia, mas provavelmente o senhor não tinha conhecimentos sobre isso, ele também não tinha muitos, ia procurando colher informação e estudar, mas a partir do momento em que era declarado uma situação daquelas quem decidia sobre a operação era um Comando, que era exterior e que era dos Bombeiros e da Proteção Civil. Portanto, era esse comando que decidia quais eram os bombeiros, as viaturas, a capacidade técnica, que era mobilizada para *“esta situação ou para aquela”*, naquele caso era um incêndio. Portanto, aí não tinham qualquer intervenção, naturalmente, que esse comando que era estabelecido, é que sabia os meios que estavam no terreno, porque tinha essa informação e que os mobilizava em função da direção que dava no âmbito das suas competências e das suas

capacidades que estavam instaladas. Não sabia dizer se nesse dia, se não havia bombeiros em Azeitão, não lhe sabia dizer isso, mas isso estava escrito no documento e parecia que isso também era uma responsabilidade da Câmara Municipal, não era. Deixava de ser a partir do momento em que havia um Comando que assumia essa responsabilidade, a responsabilidade era desse Comando, um Comando operacional que tinha conhecimento de tudo o que existia no terreno, e que pedia reforços de outras zonas do país. Não era responsabilidade da Câmara Municipal.

Outra coisa que têm dito ali, bastas vezes, era que o Bombeiros Voluntários, homens e mulheres, tinham formação da Escola Nacional de Bombeiros, e eram eles que por esse país fora intervinham nas situações de Proteção e Socorro. Tendo ali aquela capacidade dos Bombeiros Voluntários, não podiam menosprezar essa capacidade que estava ali instalada, isso seria um erro. Era no conjunto daquela disponibilidade que tinham no terreno, para além da Cruz Vermelha também, que não a poderiam menosprezar. Aquele era um quadro em que avaliavam com quem sabia melhor, com quem tinha a responsabilidade operacional dos Bombeiros Sapadores, dos Bombeiros Voluntários e da Cruz Vermelha, naquele âmbito que garantiam a Proteção e Socorro das nossas populações e dos bens que estavam situados no nosso território e que, também, quando eram chamados para isso acorriam a outras situações fora do concelho de Setúbal, fora do distrito de Setúbal, era assim que acontecia. E isso eram comandos operacionais, quem tinha competência e capacidade, estava estipulado na Lei como é que isso funcionava. A partir desse momento a Câmara Municipal deixava de ter qualquer competência relativamente aos bombeiros ou à Proteção Civil. A mobilização tinha nos termos da Lei responsáveis e, portanto, tinham de obedecer quando se tratava de situações daquelas, de catástrofe ou de maior necessidade de socorro, da colaboração e do apoio disponível que estava no terreno, esses comandos é que decidiam.

Pediu à senhora Vice-Presidente para lhes dar a conhecer todo um processo que tinha a ver com a relação que têm estabelecido com as organizações representativas dos trabalhadores da Câmara Municipal.

Sra. Vice-Presidente – Disse que aquela Câmara Municipal tinha dois acordos coletivos de trabalho de entidade empregadora assinados. Um com o STAL e outro com a FESAP, em conjunto com o Sindicato Nacional de Bombeiros Profissionais. Aqueles acordos tinham sido celebrados em 2016, ainda não existia o Sindicato Nacional dos Bombeiros Sapadores, pelo que não existia nenhum acordo assinado com esse sindicato.

No início do mandato deram seguimento a um pedido do sindicato para negociação de um ACEP, e de uma proposta que lhes tinham feito chegar. Constituíram a comissão negociadora, reuniram diversas vezes com o sindicato e tinha havido um dia que o sindicato tinha dito que não tinha condições para continuar nas negociações porque as suas reivindicações não eram atendidas da forma como entendiam e que, por esse motivo, abandonariam as negociações. Já tinha feito aquele relato na Câmara Municipal, já se tinha disponibilizado para poderem prosseguir com as negociações, caso fosse esse o entendimento, mas tinha dificuldades em impor a vontade da Câmara Municipal em negociar um ACEP com um sindicato que não o queria fazer, querendo impor a sua vontade numa série de matérias que eles não poderiam corresponder. Uma porque eram propostas ilegais, outras porque eram propostas que não contribuíam para a boa organização do serviço, e outras que estavam disponíveis para aceitar e que o tinham dito na altura que aceitariam. Outras, também, que substituíam aquilo que era o papel do governo na negociação com os sindicatos, naquilo que era o estatuto dos bombeiros profissionais, que tinha acabado por ser estabelecido há pouco tempo, mas com graves insuficiências, tal como os sindicatos pensava que reconheciam, tanto que naquele dia tinha saído na comunicação social que tinham sido iniciadas negociações com o Governo relativamente àquela matéria. Havia coisas que tinham de ser feitas a nível nacional e que não podiam ser feitas ali a nível local. Isso porque os acordos da entidade empregadora tinham um âmbito de intervenção, e esse âmbito de intervenção eram os regimes da duração dos horários de trabalho e eram as questões da

higiene e segurança no trabalho. Era naquele âmbito que os Municípios podiam negociar e não em outros.

Relativamente à moção, disse que tinha algumas imprecisões porque não havia apenas um sindicato, existiam vários sindicatos que tinham trabalhadores bombeiros sindicalizados e, por isso, existiam também vários acordos firmados.

Esclareceu mais uma vez a questão do processo em tribunal, que também era mencionada na moção e dos efeitos daquele processo. Já tinha sido informado ali também, na Câmara Municipal, que a Câmara tinha recorrido daquela decisão. E tinha recorrido, em primeiro lugar, no sentido de proteger aqueles 38 trabalhadores que tinham sido alvo de mobilidade, que se tinha considerado na altura que era o processo adequado. O tribunal na sua decisão dizia que não existia fundamentação suficiente. Recorreram tendo em conta essa questão, e apresentaram os argumentos deles, porque se não o fizessem essas 38 pessoas teriam que repor as diferenças dos vencimentos da sua alteração na carreira desde aquela data, e, pensava que as palavras que o senhor Vereador Fernando José ali tinha dito, no sentido de apaziguar a situação na Companhia dos Bombeiros Sapadores se a Câmara não tivesse recorrido, pensava que obrigar 38 pessoas a devolver a diferença dos seus vencimentos ao longo de 4 anos e fazê-las voltar para trás na sua carreira, pensava que não seria uma situação de grande paz na Companhia de Bombeiros Sapadores.

Disse que achava aqueles dois esclarecimentos importantes, em relação às outras questões o senhor Presidente já tinha falado.

Havia assuntos que tinham a ver com questões do próprio acordo que tinham sido colocadas, o acordo não tinha sido apresentado publicamente, portanto a proposta das ORT não tinha sido apresentada publicamente, também não a ia apresentar ali naquele momento, mas havia questões que eram realmente difíceis de poderem aceitar. Podiam reiniciar as negociações, mas pensava que aquela Câmara Municipal também não estava na disposição de ceder com negociações que levam a propostas que eram irregulares e outras até ilegais. E não ia estender mais porque achava que não era ali a altura oportuna para o fazerem, mas se fosse necessário também o poderiam fazer, e também poderiam colocar essas questões “*preto no branco*”. Pensava que não era a altura correta para o fazer, uma vez que o documento tinha sido só entregue à Câmara Municipal e tinha sido só uma proposta de negociação para com a Câmara Municipal. Achava que não seria uma atitude correta.

Sr. Presidente – Disse que da sua parte e da parte da senhora Vice-Presidente tinha sido demonstrado que não havia falta de diálogo com ninguém. Existia de facto aquela separação, que do seu ponto de vista se justificava por razões que tinha vindo a explicar, não tinha capacidade para discutir determinadas matérias com as organizações representativas. Tinham na Câmara Municipal quem tinha essa competência, esse conhecimento, essa experiência e era aí que as questões deviam ser tratadas.

Relativamente aos trabalhadores bombeiros da Câmara Municipal, não havia qualquer problema. O que poderiam fazer, quando houvesse uma nova reunião com os Bombeiros Sapadores era convidá-lo para ir a essa reunião, se assim o entendesse, para que ficasse claro o diálogo, a transparência a forma normal como falava. Falava com os Bombeiros Sapadores de Setúbal como falava com o Departamento Financeiro ou com o Departamento de Turismo, que eram trabalhadores da sua área de responsabilidade. A única coisa que poderia fazer era isso, numa próxima reunião convidava o senhor Vereador para estar presente e assistir a esse diálogo que achava que era muito profícuo, como tinha dito ali, tinha sido uma manhã inteira de exposição dos chefes das várias seções que os Bombeiros Sapadores tinham, não conhecia na profundidade como tinha sido apresentada.

Achava que uma relação mais estreita de diálogo com os Bombeiros Sapadores, trabalhadores da Câmara Municipal, era difícil de encontrar.

Relativamente às questões das organizações representativas, havia ali um desentendimento. O que a senhora Vice-Presidente tinha dito tinha sido que o sindicato dos bombeiros, esse sindicato, tinha abandonado as negociações. Se tinham abandonado as negociações não era pela parte da Câmara Municipal que esse diálogo e essa negociação não podia continuar.

Não se podia era querer que a Câmara Municipal aceitasse as propostas e as reivindicações dos sindicatos. A Câmara Municipal cumpria leis e tinha regras de funcionamento, de encarar com responsabilidade aquela relação. Não estava, de forma nenhuma, em causa os direitos dos trabalhadores e das suas organizações representativas, não estava, não podia estar, e nunca estaria, podia garantir isso. Até porque isso era uma responsabilidade e era um princípio que geria a forma deles estarem também na política.

Sra. Vereadora Patrícia Paz – Disse que o senhor Presidente tinha falado em diálogo e em negociações. Questionou o senhor Presidente como avaliava a sua capacidade negocial, porque tinha sido ali transmitido por um representante sindical, numa reunião, que eles não tinham abandonado as negociações do acordo, simplesmente tinham recusado as 14 propostas que tinham sido feitas. Como é que avaliava aquela capacidade negocial? Porque era estranho.

Sr. Presidente – Questionou se a senhora Vereadora tinha estado com atenção ao que a senhora Vice-Presidente tinha dito.

Vozes de fundo

Sr. Presidente – Disse que se tinha estado porque é que estava a fazer aquela pergunta, se a senhora Vice-Presidente tinha acabado de lhe responder.

Não tinha de dar mais credibilidade a “*este, àquele ou ao outro*”, tinha de ouvir todos. E naturalmente, que a senhora Vice-Presidente tinha as responsabilidades que lhe estavam atribuídas, para além da capacidade técnica que a acompanhava.

Disse que a pergunta da senhora Vereadora não vinha muito a propósito.

Sra. Vice-Presidente – Questionou se os senhores vereadores tinham conhecimento da proposta da ACEP que tinha sido apresentada à Câmara.

Vozes de fundo

Sra. Vice-Presidente – Disse que era só para perceber se tinham conhecimento daquela proposta.

Vozes de fundo

Sra. Vice-Presidente – Questionou se estavam de acordo na íntegra com essa proposta.

Vozes de fundo

Sra. Vice-Presidente – Disse: “*ai não*” que estava bem, era só para esclarecer.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que já tinha percebido que aquela moção incomodava muito. Incomodava um lado e o outro.

Tinha apresentado aquela Moção e já não era a primeira vez que a questão era ali colocada. Pensava que o texto respondia por si. Tinha sido ali reconhecido que o Tribunal Administrativo e Fiscal de Almada tinha condenado a Câmara, tinham recorrido, estavam no seu direito. Compreendia a questão de salvaguardar essas 38 pessoas, mas o que estava ali na parte deliberativa é que era relevante. Não podia forçar, nem a Câmara podia, se aquela Moção fosse aprovada, que o senhor Presidente fosse negociar, mas pelo menos estavam a tentar que isso pudesse acontecer, na medida do possível. Achava que era um absurdo dizer que podia negociar ou podia receber outros sindicatos de pessoas que não eram trabalhadores da Câmara e não podia receber sindicatos de trabalhadores da Câmara, isso era um absurdo. Todos já tinham estado em alguma situação parecida como aquela, o que

era normal, em primeiro lugar, era receber os trabalhadores, fossem eles quem fossem, bombeiros ou não. Portanto, não entendia. E obviamente que aquela Moção pretendia mandar o senhor Presidente, tinham tido esse cuidado, ou em delegar, para iniciar essas negociações e, obviamente, tinha de ser com os representantes dos bombeiros, não era com o plenário dos bombeiros.

Portanto, em relação ao desafio do Vereador Fernando José, tinha sempre de misturar outros assuntos. Tinha de negociar o orçamento era com a CDU, não era com o PSD. O PSD faria as suas propostas e era provável que as fizesse também nesse âmbito, mas tinham que as negociar era com a CDU. A CDU é que tinha o poder executivo naquela Câmara Municipal.

Quanto ao convite do senhor Presidente, achava que deviam passar á votação, mas fazia-lhe também um desafio, se o senhor Presidente o permitisse. Ia como convidado do senhor Presidente às reuniões de negociação com os bombeiros, e isso era indiciador que o senhor Presidente até, em princípio, viabilizaria aquela Moção, mas também lhe pedia que fosse convidado nas conversações com a empresa concessionária do estacionamento.

Sr. Presidente – Disse que havia ali uma questão. O que estava ali escrito era que o senhor Presidente da Câmara ou em quem ele delegasse, iniciasse as negociações com os Bombeiros Sapadores de Setúbal. Não podia iniciar nenhuma negociações com os Bombeiros Sapadores de Setúbal. Não tinha uma relação diária, infelizmente, mas uma relação com toda a regularidade, com os Bombeiros Sapadores de Setúbal. E não tinha qualquer problema com os Bombeiros Sapadores de Setúbal.

Aquela deliberação que ali estava não fazia sentido, no seu entendimento.

O senhor Vereador questionou porque é que reunia com uns sindicatos e não reunia com outros. Tinha reunido com um sindicato que lhe tinha pedido, como tantas outras pessoas e organizações, no sentido de saber o que lhe queriam transmitir, mas não ia negociar com eles, não tinha nada para negociar com eles. Não tinha nada para negociar com o sindicato dos trabalhadores dos CTT. Eram coisas completamente diferentes. Enquanto, com as organizações representativas dos trabalhadores da Câmara, era para negociar aqueles contratos, os ACEP, todas aquelas coisas e para isso os sindicatos tinham pessoas qualificadas preparadas para tratar desses assuntos, na defesa dos interesses dos trabalhadores. A senhora Vereadora que tinha o pelouro dos Recursos Humanos e os técnicos que estavam nos Recursos Humanos sabiam, dominavam essa matéria. Ele não tinha condição para isso, como não fazia com nenhuma outra organização representativa dos trabalhadores da Câmara Municipal de Setúbal. Uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Tinha recebido o sindicato dos trabalhadores dos CTT, porque lhe tinham pedido audiência. E sabia, achava que todos sabiam, das dificuldades que existiam sobre o funcionamento dos CTT e a capacidade de resposta que tinham ás necessidades das populações. Era nesse sentido que tinha uma conversa, uma reunião e aceitava falar com o sindicato, mas não ia negociar nada com o sindicato, não tinha nada para negociar com o sindicato, nem eles com consigo. Tinha ouvido, como ouvia tanta outra gente e fazia a avaliação. O que estava em causa era um serviço que os CTT prestavam às populações, tinha sido nesse sentido que tinha entendido ouvir o sindicato. Pelo facto de também se chamar sindicato, mas as matérias em causa não tinham nada a ver uma coisa com a outra. Era preciso que essa questão ficasse clara.

Vozes de fundo

Sr. Presidente – Disse que na sua opinião, a proposta tal como ela era ali apresentada e alguns dos considerandos, também, não correspondia á realidade.

Como tinha dito em relação ao convite, tinha toda a disponibilidade para ir a uma reunião, para ter acesso aos relatórios que os bombeiros apresentavam com os trabalhadores, com o comando e com algumas alterações que também já tinha anunciado, era um compromisso que tinha estabelecido com os Bombeiros Sapadores de irem trabalhando no sentido de uma melhor organização, um melhor funcionamento, isso era sempre possível, mas isso era dentro

dos serviços do Município, a sua organização, a sua capacidade de resposta. Isso fazia-o em diálogo com o Comando, com os técnicos que apoiavam o Comando, com os chefes das secções, tinha essa relação com eles, naturalmente não era todos os dias, eles também tinham a vida deles, e ele tinha outras responsabilidades. Mas de três em três meses era um compromisso que tinha, se fosse necessário fazer reuniões com menos tempo fazia-o, era a sua obrigação. Era uma relação que vinha mantendo, têm vindo a conversar, eles colocavam questões e naturalmente que lhe cabia a ele procurar encontrar as soluções para isso. Estavam a falar dos Bombeiros Sapadores de Setúbal. Era uma coisa diferente das organizações representativas dos trabalhadores, naquele caso dos bombeiros, eram coisas diferentes. E não era o que estava naquela proposta. Por isso sugeriu, mais uma vez, que aquela proposta pudesse ser retirada, e que pudesse ser formulada de outra forma, mas não da forma como ali estava. Porque aquilo não correspondia à realidade dos factos.

Sr. Vereador Paulo Calado – Disse que tinha duas questões.

A primeira questão, quando mencionavam o Presidente da Câmara estava em dupla qualidade. O Presidente da Câmara era quem representava o Município, isso estava escrito na Lei, se a memória não lhe falhava, desde sempre. Quem representava a Câmara Municipal era o Presidente. Obviamente, quando se dirigia uma carta à Câmara Municipal dirigia-se habitualmente ao senhor Presidente, mesmo que fosse para tratar de um assunto de um departamento de outro vereador. E era nessa qualidade que estavam a invocar o Presidente da Câmara. Mas também porque o Presidente da Câmara tinha esse pelouro. Era nessa dupla condição que isso era mencionado. Se para a CDU viabilizar aquela moção, entendesse que era importante estar: *“inicie as negociações com os representantes dos Bombeiros Sapadores de Setúbal”*. Já estava feito o requerimento de acrescentar isso, com os representantes dos Bombeiros Sapadores de Setúbal. Pediu que ficasse em ata, esse acrescento. Releu a parte deliberativa:

“A Câmara Municipal de Setúbal, reunida a 16 de novembro de 2022, delibera que:

- 1. O Senhor Presidente da Câmara, ou em quem delegar, inicie as negociações com os representantes dos Bombeiros Sapadores de Setúbal;*
- 2. No prazo de 30 dias sejam apresentados os resultados a esta Câmara Municipal desse processo negocial”*.

Não iam retirar a proposta, já passava da meia-noite e sugeriu, ou nas palavras do Vereador Fernando José, exigia que fosse votada a Moção, pelo tardio da hora, não era mais nada a não ser isso.

Sr. Vereador Fernando José – Disse que aquela moção acabava por apelar ao diálogo, e a bancada do Partido Socialista não conseguia perceber como é que o senhor Presidente dizia que existia diálogo com as estruturas representativas dos trabalhadores e que existia paz social na Companhia de Bombeiros Sapadores. Tinham notícia, as notícias estavam a correr naquele momento, que a adesão à greve, naquele primeiro dia, era de 100%. Tinha a certeza que ninguém obrigava os trabalhadores a fazerem greve, a participarem em manifestações e encher autocarros já era outra história, mas ninguém obrigava os trabalhadores a fazerem greve. Uma adesão de 100% num primeiro dia de greve achava que representava bem a falta de diálogo, o litígio que existia presentemente na Câmara de Setúbal e a incapacidade que tem existido no diálogo com as estruturas representativas dos trabalhadores.

Sr. Presidente – Disse que mais uma vez o senhor vereador ia fazendo aquele caminho. Era um caminho, como já tinha dito, que não ia longe. Naturalmente que as organizações dos trabalhadores e os trabalhadores eram livres de as fazer, dentro de um quadro legal. O que era um facto é que tinha recebido um pré-aviso de greve, naturalmente que isso era um processo que também estava a ser avaliado, mas quando os trabalhadores estavam em greve, estavam em greve, mas que soubesse os Bombeiros Sapadores estavam prontos para o socorro e estavam no quartel.

Vozes de fundo

Sr. Presidente – Disse que não era normal.

Naturalmente que iam sempre aprofundando aquelas questões, não era com precipitações, como a proposta que o senhor vereador tinha acabado de fazer.

Sr. Vereador Fernando José – Questionou se não tinha havido greve, se eram falsas as notícias que tinham vindo a público. Se não tinha existido 100% de adesão.

Sr. Presidente – Disse que havia um pré-aviso de greve.

Disse que isso era uma coisa diferente daquilo que estava a dizer.

Sr. Vereador Fernando José – Questionou se não havia adesão de 100%

Sr. Presidente – Disse que o senhor vereador avançava logo com considerações e com avaliações que eram suas e que, naturalmente, tinha todo o direito de as fazer, mas não tinha o direito de fazer passar essas suas convicções para que os outros as aceitassem.

Vozes de fundo

Sra. Vice-Presidente – Disse que a forma como as coisas eram colocadas, relativamente àquela greve também era interessante de perceberem. Estavam perante um período de greve, convocado por um sindicato, em que tinha apresentado à Câmara Municipal um conjunto de atividades e tarefas que tinha indicado que não ia realizar, mas que teria todo o efetivo disponível na Companhia de Bombeiros Sapadores para fazer aquilo que considerava as atividades de socorro urgentes. Dava-se ao trabalho de colocar exatamente até nos documentos, que tendo em conta aquele facto, o dia de greve tinha de ser pago na íntegra aos trabalhadores. Portanto, cada um que tirasse as suas conclusões relativamente àquela matéria.

Vozes de fundo

Sra. Vice-Presidente – Disse que não estava errado, que estava a dizer o que estava no pré-aviso de greve.

Tinham solicitado alguns esclarecimentos ao sindicato naquilo que tinha sido a definição dos serviços mínimos e o sindicato tinha-lhes indicado que o diálogo não era com eles, era com a DGAEP. Iam colocar também a questão à DGAEP, no sentido de perceberem a definição daquilo que eram os serviços urgentes. Portanto, era naquele caminho que estavam. Não tinha números, mas não fazia parte da natureza daquele executivo municipal andar a perguntar aos trabalhadores quem é que estava a fazer greve e quem é que não estava. Quando fosse a altura fariam esse balanço, mas quis deixar aquela nota de como o pré-aviso de greve tinha sido redigido e da forma como tinha sido entregue à Câmara Municipal.

Sr. Presidente – Disse que iam fazendo o caminho.

Havia uma questão que todos sabiam, mas era sempre importante dizer. A defesa dos direitos dos trabalhadores, na Câmara Municipal de Setúbal, era feita em primeiro lugar, desde logo, pelo executivo municipal que dirigia a Câmara Municipal. Naturalmente, que depois poderia haver intervenções e interpretações das mais diversas, mas essa era uma convicção e uma questão de princípio, por isso, sobre isso, não tinham dúvidas nenhuma. Naturalmente que, tudo isso tinha de acontecer num quadro legal. Da parte deles, enquanto executivo municipal, não deixariam de fazer cumprir esse quadro legal, a isso todos estavam obrigados, fosse quem fosse aquilo que fizesse, avaliariam e faziam o seu enquadramento em termos legais e, naturalmente, que atuariam em conformidade nesse quadro. Essa era uma questão que também ninguém poderia ter dúvidas sobre isso.

Pensava que tinha ficado um caminho, bem identificado, de algumas questões que precisavam de ser mais bem clarificadas, era verdade, mas esse era um caminho que também estavam a fazer e queriam que ficasse tudo muito bem clarificado, não poderiam existir dúvidas sobre isso.

Portanto, quando não sabiam com os meios que tinham, avaliar as situações, recorriam a quem os pudesse ajudar ou a quem tinha obrigação de se pronunciar sobre determinadas questões que eram interrogações que tinham.

Era um caminho que iriam fazer.

Dirigiu-se ao senhor Vereador Paulo Calado e disse que tinha falado só na formulação, mas no texto da moção havia todo um conjunto de questões que eram identificadas e que não correspondiam aos factos.

A senhora Vice-Presidente já tinha dito que, as portas da Câmara Municipal estavam abertas para todas as organizações representativas dos trabalhadores, e, portanto, também para aquele sindicato que representava trabalhadores da Câmara Municipal. Essa porta estava aberta, não era preciso haver nenhuma moção para dizer que era preciso haver um diálogo com os sindicatos, isso não fazia sentido naquela Câmara Municipal. Porque todas as organizações representativas dos trabalhadores, naquela Câmara Municipal, tinham as portas abertas da Câmara Municipal. E a senhora Vice-Presidente tinha acabado de dizer qual era a situação em concreto, relativamente àquele sindicato. Portanto, não fazia sentido aquilo que ali estava. Não só na deliberação como também naquilo que era a argumentação da própria moção.

Supôs que na elaboração daquela proposta poderia ter havido alguns equívocos. O senhor Presidente da Assembleia de Freguesia de Azeitão, que não conhecia, tinha dirigido uma carta ao Presidente da Câmara, procurando dizer ao Presidente o que deveria fazer, porque os trabalhadores bombeiros da Câmara Municipal estavam numa situação muito difícil porque não havia diálogo, *“não havia isto nem aquilo”*, era o mesmo erro. Tinha tido oportunidade de pedir para escreverem uma carta ao senhor Presidente da Assembleia de Freguesia de Azeitão, no sentido de esclarecer que a informação que ele tinha e que tinha sido objeto de uma deliberação na Assembleia de Freguesia de Azeitão, não correspondia aos factos. E aquela moção que ali estava vinha um pouco no mesmo sentido. Isso laborava num erro, que não sabia se não tinha a ver com aquela situação que tinha acontecido em Azeitão. Tinha tido oportunidade, de fazer por escrito, um esclarecimento ao senhor Presidente da Assembleia de Freguesia no sentido de dizer que as afirmações que fazia e as preocupações que tinha não tinham razão de ser, porque se falava da Companhia de Bombeiros e que era preciso diálogo com a Companhia de Bombeiros, mas o diálogo com a Companhia de Bombeiros existia e era permanente.

Não estava, não podia estar, nem nunca tinha estado, com aquele executivo, em causa o diálogo com as organizações representativas dos trabalhadores. Sobre aquele caso, daquele sindicato, em concreto, a senhora Vice-Presidente tinha dado conta do que tinha acontecido, e da situação que havia. E, naturalmente que, a senhora Vereadora estava disponível, a qualquer momento, para receber aquele sindicato, como qualquer outro. Aquela proposta não fazia sentido.

Pedi desculpa, mas aquela era a posição deles. Se o senhor Vereador não retirasse a proposta ia pô-la à votação. Mas que ficasse uma coisa clara, não estava, nunca tinha estado e nunca estaria em causa o diálogo com as organizações representativas dos trabalhadores da Câmara Municipal, enquanto aquele executivo estivesse à frente da Câmara Municipal. Era preciso que isso ficasse claro e ficava ali aquele compromisso também registado, para que não houvesse dúvidas sobre isso. Tanto pela deliberação como pelo que estava escrito no texto, naturalmente que não poderiam votar favoravelmente aquela proposta.

O Sr. Presidente submeteu a proposta a votação, tendo a mesma sido rejeitada, por maioria e em minuta, com 5 votos contra da CDU, 5 votos a favor 4 do PS e 1 do PPD/PSD, com base no voto de qualidade do senhor Presidente.

C) PERÍODO DESTINADO À INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

Sr. Presidente – Disse que o público tinha um tempo para fazer as inscrições, como estava no regulamento.

Vozes de fundo

Sr. Vereador Fernando José – Disse que relativamente a essa questão do público, parecia que existiam dúvidas.

O regulamento tinha sido alterado precisamente para evitar que a população tivesse de ir para ali, no início de uma reunião, que naquele dia estava a terminar à meia-noite. Aquilo que estava no ponto 9 do regulamento, era que até 5 minutos antes de iniciar o período destinado ao público, o público podia-se inscrever. Era o que estava em vigor naquele momento.

O regimento tinha sido aprovado ali, em reunião da Câmara, por proposta do Partido Socialista, “os irresponsáveis” do Partido Socialista iam fazer naquele momento com que o público tivesse direito a falar.

Sr. Presidente – Pediu desculpa, disse que não tinha atualizada aquela informação do regimento. Não tinha problema nenhum, também tinham de cumprir o bom funcionamento da Câmara Municipal.

Sra. Maria Odete Monteiro Andrade – Disse que morava na Avenida Alexandre Herculano. Tinha lutado naquela Câmara 4 vezes, porque tinha uma paragem na entrada do seu prédio. Com a Dra. Maria das Dores Meira tinha conseguido tirar a passadeira, porque os prédios eram recuados e antes de entrar no prédio havia um “hall”. As pessoas sentavam-se ali e faziam “trinta por uma linha” na sua entrada.

Tinha conseguido “puxar a paragem” naquele caminho que ia para os correios. Desde que tinham chegado aqueles “pica-paus amarelos”, tiraram todas as placas e tinham colocado um pau ao pé da sua entrada novamente. Naquele dia, quando ia a sair não conseguia sair porque estava a chover.

Tinham ali uma baía, com a paragem e tinham tirado os parafusos todos das placas e estavam “montes delas” ao pé do seu prédio. Queria entrar e diziam-lhe para passar por cima. Agradecia que lhe resolvesse aquele problema porque tinham a estação e tinham a baía. Tinham uma baía que não incomodava o trânsito. Ao pé da sua porta havia 4 fachas e presentemente só tinha 2 fachas. Quando os autocarros paravam os carros apitavam, porque não podiam passar e tinha aquele inferno à sua porta.

Tinha um neto de 4 anos e ia passear com o seu neto para o Parque do Bonfim. Nesse parque andavam de bicicleta a alta velocidade, só com uma roda, havia crianças que brincavam ali, que podiam fugir dos seus pais. No meio do Bonfim estava um café - pensava que era da Câmara -, onde andavam pessoas de idade, muitas não podiam andar e andavam acompanhadas.

Sr. Presidente – Disse que sim, mas que estava concessionado.

Sra. Maria Odete Monteiro Andrade – Disse que tinham dado cabo da avenida para fazer a ciclovia, parecia o “passeio dos alegres”, porque as trotinetes não andavam nas ciclovias, andavam no Parque do Bonfim a alta velocidade. Queria que colocassem um sinal a proibir a circulação de trotinetes e um guarda, para terem alguma privacidade porque o Parque do Bonfim era o único na cidade de Setúbal.

A cidade estava para trás da Avenida Alexandre Herculano, a cidade estava virada para a zona do hospital e de manhã vinha o trânsito todo do hospital para ali. Paravam para deixar os meninos para irem para a escola, e o trânsito fica todo parado. Não sabia quem tinha sido

o senhor do trânsito. Questionou porque é que o trânsito desembocava na Alexandre Herculano, quando outras ruas não tinham trânsito nenhum. Várias pessoas já tinham sido atropeladas, porque havia trânsito nos dois sentidos. Era só mudarem o sinal.

Saiam dali, deixavam os meninos em frente ao portão, que era muito mais lógico, e estavam logo na rotunda em frente aos correios, mas não! Ali já tinha havido vários acidentes, estava um candeeiro sem lâmpada partido, há dois anos, todo torto, com um buraco, de um acidente que tinha havido. Já tinha reclamado várias vezes à EDP e tinham-lhe dito que era com a Câmara, portanto, agradecia que tratassem desse assunto.

Era do Norte, casou com um setubalense e morava em Setúbal há 48 anos, aquele jardim tinha guarda, era um jardim de sonho, tinha hortênsias, o seu filho que se livrasse de pisar a relva. Era um jardim lindo, presentemente era um jardim vandalizado. Estavam sujeitos a haver ali um acidente grave, porque andavam de bicicletas, só com uma roda a uma velocidade louca, nem havia palavras para descrever.

Agradecia que o senhor Presidente tomasse atenção àquelas coisas, que deitasse a mão e visse o que se passava ali. Era por isso que estava ali desde as 16h30, nunca na sua vida tinha pensado ver uma reunião daquelas. E pediu desculpa o que se tinha passado anteriormente, mas o que tinha falado era verdade.

Sr. Presidente – Disse que sabia que a senhora Maria Odete se queria ir embora porque já estava ali há muito tempo e tinha ido ali dizer o que tinha achado que devia dizer. Agradeceu-lhe pelo facto de ter ido ali e a paciência para estar a ouvi-los.

Vozes de fundo

Sr. Presidente – Disse que iam verificar aquelas questões.

Sr. Luís Simões – Disse que o seu nome era Luís Simões, era delegado sindical do Sindicato Nacional dos Bombeiros Sapadores, sabia que o senhor Presidente fazia questão de o lembrar e ele não se esquecia.

Disse que provavelmente tinha de ir ali como munícipe porque como delegado sindical as respostas eram sempre zero.

Não estava previsto falar, lamentava que o regulamento previsse e o senhor Presidente ia ter mesmo de os ouvir.

Disse que não ia preparado para falar naquele dia, mas o senhor tinha falado em diálogo com os bombeiros. Disse que gostava de lembrar o senhor Presidente que o diálogo que os bombeiros precisavam não era ouvi-lo, o que precisavam era de respostas. Respostas essas, que ali não as tinham obtido e que nessas reuniões que o senhor fazia questão de referir, que ia para falar com os bombeiros, as respostas continuavam sem ser dadas. Ia lá para lhes comunicar aquilo que tinha sido dito recentemente, mas respostas às questões que o Luís Simões, não delegado sindical, mas bombeiro tinha feito, há dois plenários atrás, na Companhia de Bombeiros Sapadores, um deles, ia frisar mais à frente que era o caso dos estagiários, que estavam quase a passar a pronto e continuavam numa situação ilegal, e frisou aumentando o tom de voz para a palavra ilegal, uma vez que o ACEP deles estava repleto de coisas ilegais.

Disse que o diálogo que precisavam era um diálogo em que se sentassem e que fossem dadas respostas concretas, não esses diálogos. Esse diálogo que o senhor encetava com os bombeiros, uma vez que fazia questão de dizer que eles existiam, lembrou que no último estava apenas o turno que estava de serviço, porque obviamente não lhe podia virar as costas e estavam no quartel. E, pessoas que habitualmente iam à folga estavam lá 5 ou 6 pessoas o que refletia bem a satisfação dos bombeiros no diálogo que o senhor encetava com eles. Esperava que isso ficasse bem claro. Não eram os sindicatos, não era o Luís Simões, delegado sindical que estava a falar, a presença lá no seu plenário falava por si só.

Relativamente a reunir com os sindicatos, já tinham parado de falar nisso, porque já tinham visto que isso não ia acontecer. Eles eram um sindicato com algumas características

diferentes dos outros sindicatos, porque não estavam só preocupados com as condições laborais dos bombeiros, preocupavam-se com a população. Já ali tinham trazido questões de carácter operacional e nas reuniões com a senhora Vereadora dos Recursos Humanos, naquele caso a senhora Vice-Presidente ou chefe dos Recursos Humanos, eram consecutivamente colocadas questões de ordem operacional, às quais não obtinham respostas. Achavam que a população que o tinha elegido merecia que o senhor, nem que fosse na qualidade, obviamente, de Vereador da Proteção Civil, e o senhor Comandante, pelo menos por eles, que se desse ao sacrifício, tão pesado, de ter de perder um bocadinho de tempo, tal como tinha perdido com os representantes de trabalhadores, apenas para os ouvir porque não podia fazer nada por eles.

Relativamente ao ACEP frisou que quando se tinha falado que era um ACEP com muito teor de ilegalidade, acreditava que sim, eles para além de chegarem à fala com presidentes, com vereadores de proteção civil, com comandantes em todo o país, só em Setúbal é que tinham aquele cenário da impossibilidade do diálogo, porque realmente não era para sindicatos, tinham um ACEP muito semelhante àquele que tinha sido ali apresentado, aquele tinha sido apenas adaptado à cidade de Setúbal, por isso frisou que havia imensos municípios em Portugal que estavam a trabalhar de forma ilegal, mas ali, ainda bem que não trabalhavam dessas forma. Mas já que se falava em legalidade, continuava a acontecer, já o tinham denunciado ali, à qual o senhor não tinha dado qualquer resposta, continuavam a ser alterados os dias de descanso complementar e obrigatório, que também não era previsto na Lei. Era feito pelo senhor Comandante. As pessoas tinham um mapa anual, programavam os seus descansos para estar com a família e isso estava a ser alterado e não acontecia nada, aliás a pessoa que o senhor depositava tanta confiança fazia isso.

Os estagiários a substituírem Sapadores, voltou a frisar isso, porque era uma ilegalidade, era reconhecido a todos, não podiam substituir um bombeiro. O senhor não lhe tinha dado resposta ali, não tinha dado resposta nos plenários e se calhar não valia a pena dar respostas. Não acreditava que a desse porque também já faltavam meia dúzia de dias para que esses estagiários passassem à situação de Bombeiros Sapadores.

Relativamente ao recurso da decisão em tribunal, também tinha sido ali falado, disse que salvaguardava 38 bombeiros, tinha ficado na dúvida se salvaguardar bombeiros era devolver dinheiro, não lhe parecia que fosse bem assim, mas não era na sua qualidade que conseguia falar disso. Mas quando se falava em 38 bombeiros a serem lesados, a aceitar a decisão do tribunal e aqueles que tinham sido lesados por os vícios provocados naquela nomeação, pelos vícios provocados pelo senhor Comandante e, na altura, pelo senhor Carlos Rabaçal. Tinham ido a uma reunião da Câmara antes disso acontecer, falar nas coisas e tinham deixado desenvolver as coisas. Era um dos lesados se aquela decisão do tribunal fosse acatada, mas por uma questão de justiça gostava de saber se já tinha havido algum diálogo com aqueles que tinham sido lesados, com aqueles que se tinham visto ultrapassados porque o senhor Comandante colocou aqueles que tinham uma nota inferior passarem-lhes à frente, alterando-lhes totalmente a vida na sua carreira. Gostava de saber se tinham tido algum discurso para com essas pessoas.

Relativamente às respostas, falava-se ali sempre no efetivo mínimo, também já estavam cansados de falar nele, também já tinham lançado o desafio que se o efetivo mínimo de 27 não estava enquadrado, qual era o efetivo mínimo? O senhor era Vereador da Proteção Civil, tinha lá em baixo um Comandante em quem confiava, os Bombeiros Sapadores para puderem funcionar tinham que ter um mínimo e não havia ninguém que assumisse o mínimo. Não havia o mínimo, *"hoje estão 12, amanhã estão 10, estão 13 com os estagiários"*, denunciavam, aquelas eram situações que também tinham enquadramento legal. Se o sindicato propunha coisas ilegais, questionava se a postura da Câmara era íntegra no que tocava à legalidade.

Relativamente a Azeitão, já ali tinha sido falado pelo Sr. Vereador, continuava a não haver respostas, ironicamente de vez em quando a ambulância já estava sediada em Azeitão, coisa que não acontecia antes de começarem a falar, por isso já tinha valido a pena a ida ali, certamente algumas coisas já tinham começado a mudar.

Estava a decorrer uma greve e parecia que realmente não tinha qualquer sentido, ou não sabia se estavam a crer dizer que havia o sentido de oportunidade porque os bombeiros eram pagos quando estavam de greve. Era lógico que as greves dos bombeiros eram feitas de uma forma muito específica, porque o socorro nunca iria estar em causa, o que ia estar em causa eram os serviços de menor importância, que alguém ia ter que os fazer e que não seriam os bombeiros.

O porquê daquela greve? Era porque os bombeiros estavam satisfeitos.

Eles, representantes dos trabalhadores faziam única e exclusivamente o que era solicitado pelos trabalhadores. Não iam ali com ideias do sindicato, iam ali com as questões dos bombeiros. Antes de irem àquelas reuniões, antes de chegarem à greve tinham feito “n” plenários com os trabalhadores e eles, Sindicato Nacional dos Bombeiros Sapadores, eram Sapadores para Sapadores.

Sr. Presidente – Disse que sobre todas as questões que tinham sido colocadas já tinha sido muito claro.

Relativamente ao sindicato, as questões que tinham a ver com os sindicatos, com os direitos dos trabalhadores, eram tratadas no sítio certo, na Câmara Municipal, que tinha competência para isso. Naturalmente que, não discutiam com os sindicatos as questões de operacionalidade, isso eram outras questões, não era no âmbito dos sindicatos, que discutiam essas questões. E por isso havia ali um entendimento diferente, era importante que todos percebessem que era um entendimento diferente. Para eles, os sindicatos ou outras organizações representativas dos trabalhadores defendiam os direitos dos trabalhadores, e isso existia na Câmara Municipal de Setúbal, pensava que também existia nas outras câmaras municipais e até nas empresas, serviços próprios competentes, com capacidade técnica, com conhecimento para tratar daqueles assuntos. Relativamente às questões operacionais, naturalmente que não tratavam com os sindicatos. Era muito claro, apesar de não ser um perito naquelas matérias, continuava a aprender e a fazer um esforço sempre para isso, mas havia questões que já tinha aprendido com quem sabia e, portanto, eram coisas distintas. Misturar aquelas coisas é que não.

Como tinha dito ao senhor Vereador Paulo Calado, a porta da Câmara Municipal estava sempre aberta para o diálogo que fazia com os trabalhadores, naturalmente que ia ao Quartel de Bombeiros e falava com o Comandante e com o Comando, no sentido de se marcar atempadamente a reunião com os trabalhadores bombeiros da Câmara Municipal. Naturalmente que iam à reunião aqueles que entendiam ir. Os que não entendiam ir não iam. Isso era um problema que não era dele, a não ser que houvessem outras razões, e que tomasse decisões de outro âmbito, mas não era o caso, ia lá para conversar com os bombeiros, com quem quisesse conversar com ele, como Presidente da Câmara, com a área da responsabilidade dos bombeiros e com a senhora Vice-Presidente que tinha a responsabilidade dos Recursos Humanos, que também era acompanhada pelos técnicos que tratavam aquelas matérias do ponto de vista técnico, coisa que ele não era capaz de fazer.

Portanto, isso era muito claro, aquela forma de funcionamento, voltou a repetir para que não houvessem dúvidas de que as portas da Câmara Municipal estavam sempre abertas para o diálogo, para receber, para conversarem, dialogarem com as organizações representativas dos trabalhadores. Isso era o dia-a-dia deles, era uma questão de princípio que tinham, com os sindicatos representativos dos bombeiros, com os sindicatos representativos das outras áreas de atividade que estavam organizadas em sindicatos e outro tipo de organizações que representassem, do ponto de vista legal, os trabalhadores. Isso era uma porta que estava aberta, sempre tinha estado, estava e continuaria a estar. Naturalmente que, os sindicatos também eram livres de fazer aquilo que muito bem entendiam, a democracia era assim.

Relativamente às questões operacionais, pediu desculpa, mas tratava com quem tinha que tratar.



O Sr. Presidente submeteu à votação a aprovação das minutas das deliberações tomadas, as quais foram aprovadas por unanimidade.

Esgotada a ordem de trabalhos, o Sr. Presidente declarou encerrada a reunião quando eram 00 horas e 43 minutos.

Sempre que se indicou ter sido aprovada em minuta qualquer deliberação, dever-se-á entender ter sido aprovada nos termos e para os efeitos do disposto nos n.ºs 3 e 4 do artigo 57.º da Lei n.º 75/13, de 12 de setembro.

O Presidente da Câmara,



André Valente Martins

Esta ata foi aprovada na reunião da Câmara de 19 de abril de 2023, por unanimidade dos presentes na reunião a que respeita, e contém 123 folhas numeradas e rubricadas pelo Sr. Presidente da Câmara.

O Diretor do Departamento de Administração Geral e Finanças,



Paulo Jorge Simões Hortênsio

Elaborada por:
Carlos Mendes e Aldora Poeira

Conferida por:
Ana Paula Lico

Revista por:
Paulo Hortênsio